UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

MAITÊ PURI

EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL EMANCIPATÓRIA:
Construindo uma Educação não binária a partir de Temas Geradores

Orientadora: Prof. Dr.ª Marina de Lima Tavares

BELO HORIZONTE – MG
2024

MAITÊ PURI

EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL EMANCIPATÓRIA:
Construindo uma Educação não binária a partir de Temas Geradores

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação e Docência.
Linha de pesquisa: Ensino de Ciências.

Orientadora: Prof. Dr.ª Marina de Lima Tavares

Ilustrações: Felipe Vitor de Jesus e
Paula Helena Soares Evangelista

Fotografias: Kawane Alves Gomes

BELO HORIZONTE – MG
2024

P985e
T

Puri, Maitê, 1997-

Educação afetivo-sexual emancipatória [manuscrito] : construindo uma educação não binária a partir de temas geradores / Maitê Puri. -- Belo Horizonte, 2024.

104 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Marina de Lima Tavares.

Bibliografia: f. 98-104.

[Inclui apêndice contendo recurso educacional com o título: Só pra saber [recurso eletrônico] : educação afetivo sexual emancipatória. (43 p. il. color.)].

1. Educação -- Teses. 2. Educação sexual -- Teses. 3. Educação do adolescente -- Teses. 4. Violência -- Relações de gênero -- Teses. 5. Indígenas -- Educação -- Teses. 6. Teoria queer -- Aspectos educacionais -- Teses. 7. Maternidade -- Aspectos educacionais -- Teses.

I. Título. II. Tavares, Marina de Lima, 1977-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 613.907

Catalogação da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

MAITÊ PURI

Realizou-se, no dia 30 de abril de 2024, às 14:00 horas, por videoconferência, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 496ª defesa de dissertação, intitulada EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL EMANCIPATÓRIA: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO NÃO BINÁRIA A PARTIR DE TEMAS GERADORES, apresentada por MAITÊ PURI, número de registro 2022658641, graduada no curso de CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Marina de Lima Tavares - Orientador (UFMG), Prof(a). Renata Pereira Lima Aspis (UFMG), Prof(a). Roney Polato de Castro (UFJF).

A Comissão considerou a dissertação:

(x) Aprovada.

( ) Reprovada.

( ) Aprovada com indicação de correções.

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para: Sem Alterações.

A banca considera que o trabalho traz importante contribuição para a área da Educação em Ciências e recomenda seu desdobramento em outras produções acadêmicas.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 30 de abril de 2024.

Prof(a). Marina de Lima Tavares (Doutora)

Prof(a). Renata Pereira Lima Aspis (Doutora)

Prof(a). Roney Polato de Castro (Doutor)

Documento assinado eletronicamente por **Marina de Lima Tavares**, **Professora do Magistério Superior**, em 23/07/2024, às 15:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Roney Polato de Castro**, **Usuário Externo**, em 24/07/2024, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Renata Pereira Lima Aspis**, **Professora do Magistério Superior**, em 10/08/2024, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

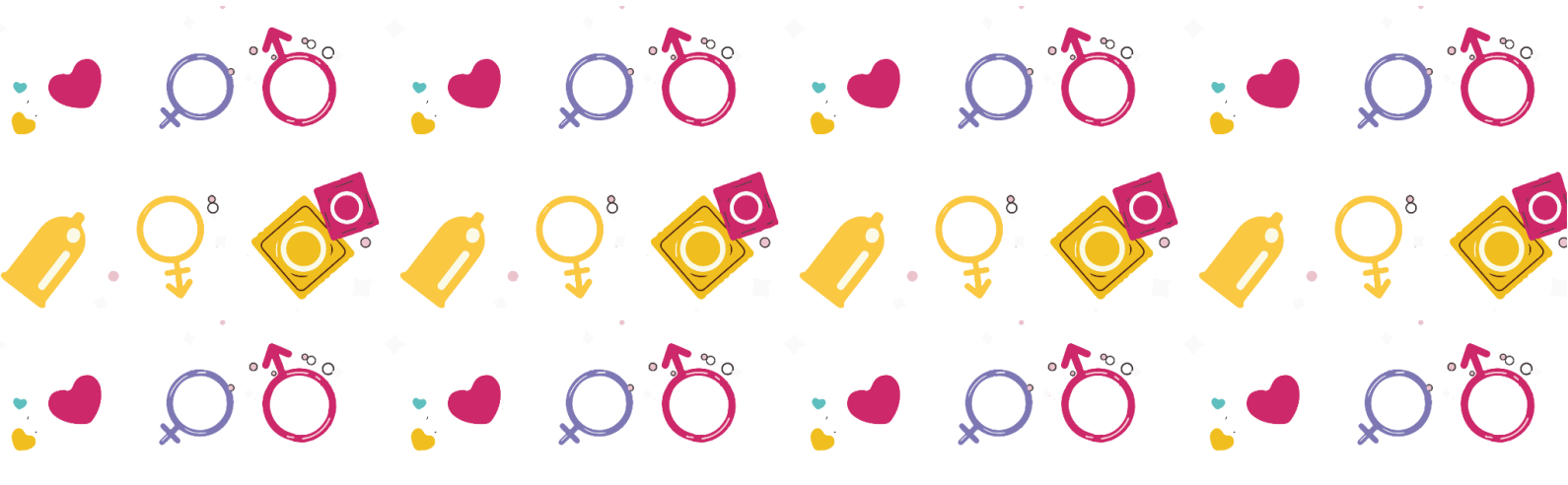
A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3400426** e o código CRC **78F80DD0**.

Referência: Processo nº 23072.224635/2024-38 SEI nº 3400426

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo desenvolver uma abordagem de ensino sobre Educação Afetivo-Sexual (EAS) voltada para adolescentes. Propõe diálogo entre diferentes saberes, discussões de valores e interpretações de situações cotidianas, com o intuito de contribuir para a tomada de consciência sobre o próprio corpo e sobre direitos sexuais e reprodutivos, corroborando para a construção de relações afetivas-sexuais saudáveis. A presente pesquisa é guiada por perspectivas queer e indígenas, traz como principais referências Paul Preciado, Guacira Louro, Glória Anzaldúa e Ailton Krenak. Partindo desta base, foi desenvolvido um conjunto de atividades relacionadas a EAS, com público de 10 a 13 anos, em uma ONG voltada para educação e cultura, destinada a crianças, adolescentes e jovens, situada em uma comunidade que vive na várzea de um rio que enche todo verão, em um município dominado pela mineração, na região metropolitana de Belo Horizonte. A proposição e organização das atividades foi realizada a partir do levantamento de Temas Geradores, metodologia desenvolvida por Paulo Freire, na qual é feita a codificação e descodificação de situações presentes na realidade, com acréscimo de temas dobradiça, objetivando a superação de situações-limites. A análise das transcrições dos áudios gravados foi realizada a partir da Análise Textual Discursiva (ATD), que, através da desconstrução e reconstrução dos discursos produzidos nos encontros, buscou compreender relações, falas e concepções acerca desta temática. Como resultado tivemos o desenvolvimento de um recurso educacional, que contém o conjunto de atividades realizadas. Este, se organiza como um meio flexível, guiado por dúvidas e interesses e norteado pela busca de temas geradores, para abordar temáticas de diversidade, empatia e educação afetivo-sexual e proporcionar reflexões sobre identidade de gênero, autoconhecimento, respeito ao outro e a si, maternidade e paternidade. Os temas geradores que orientaram as escolhas e reformulações das atividades, foram: violência, relações e binarismo de gênero, sexo e maternidade. Temas estes que caminharam junto aos metatextos gerados a partir da ATD, indicando conexão entre ambas metodologias. Nossas conclusões apontam a busca por temas geradores como um caminho metodológico frutífero para se desenvolver propostas de educação afetivo-sexual emancipatória. Por fim, proponho uma educação não binária e - como posto por Jota Mombaça - uma redistribuição desobediente e anticolonial da violência, como tentativa, ainda que falha, de subverter a colonialidade de gênero.

Palavras-chave: adolescentes; educação afetivo-sexual emancipatória; indígena; queer; violência.



RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo desarrollar un enfoque didáctico sobre Educación Afectivo-Sexual (EAS) dirigido a adolescentes. Propone diálogo entre diferentes saberes, discusiones de valores e interpretaciones de situaciones cotidianas, con el objetivo de contribuir a la conciencia sobre el propio cuerpo y los derechos sexuales y reproductivos, apoyando la construcción de relaciones afectivo-sexuales saludables. Esta investigación está guiada por perspectivas queer e indígena, teniendo como principales referencias Paul Preciado, Guacira Louro, Glória Anzaldúa y Ailton Krenak. Con base en esto, se desarrolló un conjunto de actividades relacionadas con EAS, con un público de 10 a 13 años, en una ONG enfocada en educación y cultura, dirigida a niños, adolescentes y jóvenes, ubicada en una comunidad que vive en la llanura inundable de un río que se llena cada verano, en un municipio dominado por la minería, en la región metropolitana de Belo Horizonte. La propuesta y organización de las actividades se realizó a partir de la encuesta de Temas Generadores, metodología desarrollada por Paulo Freire, en la que se codifican y decodifican situaciones presentes en la realidad, con la adición de temas bisagra, con el objetivo de superar situaciones límite. El análisis de las transcripciones de los audios grabados se realizó mediante el Análisis Textual Discursivo (ATD), que, a través de la deconstrucción y reconstrucción de los discursos producidos en los encuentros, buscó comprender relaciones, discursos y concepciones sobre este tema. Como resultado, desarrollamos un recurso educativo, que contiene el conjunto de actividades realizadas. Este se organiza como un medio flexible, guiado por dudas e intereses y guiado por la búsqueda de temas generadores, para abordar temas de diversidad, empatía y educación afectivo-sexual y brindar reflexiones sobre la identidad de género, el autoconocimiento, el respeto a los demás y a uno mismo, maternidad y paternidad. Los temas generadores que guiaron las elecciones y reformulaciones de las actividades fueron: violencia, relaciones y binarismo de género, sexo y maternidad. Estos temas iban de la mano con los metatextos generados a partir de ATD, indicando una conexión entre ambas metodologías. Nuestras conclusiones apuntan a la búsqueda de temas generadores como un camino metodológico fructífero para desarrollar propuestas de educación afectivo-sexual emancipadora. Finalmente, propongo una educación no binaria y, como propone Jota Mombaça, una redistribución desobediente y anticolonial de la violencia, como un intento, aunque defectuoso, de subvertir la colonialidad de género.

Palabras clave: adolescentes; educación afectivo-sexual emancipadora; indígena; queer; violencia.

LISTA DE SIGLAS

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas.

ATD: Análise Textual Discursiva.

CAAE: Certificado de Apresentação de Apreciação Ética.

COEP: Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

EAS: Educação Afetivo-Sexual.

EASE: Educação Afetivo-Sexual Emancipatória.

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

ISTs: Infecções Sexualmente Transmissíveis.

LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero.

LGBTQIAPN+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans/Travesti, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pansexual, Não-binárias e mais.

NB: Não binário.

ONG: Organização Não Governamental.

OMS: Organização Mundial da Saúde

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PEASE: Projeto Educação Afetivo-Sexual Emancipatória.

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais.

LISTA DE FOTOGRAFIAS E IMAGENS

Fotografias 1 e 2: Diálogo sobre preservativos após a dinâmica das luvas……..…..pág 44

Fotografias 3, 4 e 5: Adolescentes colorindo e fazendo a cruzadinha da cartilha…….pág 62

Fotografias 6 e 7: Interação com cenários e produção da história em quadrinhos…...….pág 62

Imagem 1: Parte dos quadrinhos e representações feitas pelo grupo dos meninos……..pág 63

Imagem 2: Parte dos quadrinhos e representações feitas pelo grupo das meninas……pág 64

Fotografias 8 e 9: Processo de ensino-aprendizagem sobre a utilização da camisinha feminina…….pág 65

AGRADECIMENTOS

A Renata e Roney, agradeço por terem me feito chorar depois da qualificação, por me fazerem sentir raiva, não do que tinham dito, nem diles, mas sim de ainda ter muito trabalho pela frente estando tão cansada, agora já no meu novo trabalho de 40h como professora do estado da Bahia, morando sozinha com Ponan, sem rede de apoio por perto. Exausta de ruminar esse texto para sair algo novo.

Agradeço mis alunes, por me mostrarem que estou no caminho certo ao acolherem bem as propostas aqui presentes que trago em sala de aula. É leve dar aula para vocês, um espaço onde me realizo. Me identifico mais com vocês que com mis colegas na sala de professories, será que é pelos meus poucos 27 anos?

A Ponan, agradeço por me fazer sentir muita raiva, raiva do mundo, raiva do sistema, raiva da maternidade, uma raiva horrível e potente que me arrancou da minha zona de conforto, me fez olhar sobre outra ótica a Educação Afetivo-Sexual, me fez entender o quão horrível é ser mãe nessa sociedade e me deu forças para lutar contra as merdas que somos submetidas. Me fez ver também a fragilidade das relações e como as mães são excluídas dos espaços e abandonadas pelas amizades. Me devolveu a selvageria.

Agradeço a Pachamama, as Nawera, a Dokora, a Oxossi, a Ossãe, as plantas, por terem me auxiliado fisicamente nessa jornada. Se não fossem as medicinas da floresta eu seria incapaz de ter realizado esse estudo no puerpério, minha mente e meu corpo estavam completamente impróprios para esse tipo de raciocínio e dedicação. As plantas psicotrópicas possibilitaram que eu, com 4 meses de pós parto, amamentação exclusiva, conseguisse voltar a ler e escrever.

Agradeço mis satê prika, amores e amoras, pelas leituras que fizeram dos meus escritos, pelos incentivos e dicas, por caminharmos juntes! E à minha melhor amiga, que desde a adolescência tem presença marcante, mas frequentemente ausente, você foi essencial em toda essa jornada! Agradeço pelo convite para atuar na ONG em que a pesquisa foi realizada, pela sua participação nas atividades e pelos diálogos acerca do que lá estávamos vivendo, que ocorriam nas mais de 1h de trajeto até o local.

Por fim, agradeço a essa dissertação e a minha trajetória até aqui, que se misturam e se confundem. Olho para esse texto e vejo a mim, vejo uma eu mais esmiuçada do que muita gente conhece. Olho para essa dissertação e consigo significar minhas vivências para além de mim. Dores, lutas, angústias, que compartilho com muites, assim como sonhos, desejos e paixões.

SUMÁRIO

1. A MARGEM COMO CAMINHO ANTICOLONIAL 11
2. DE ONDE VEM MINHA ESCRITA 15
2.1 Gestando 18
2.2 Ecofeminismo Tibira 20
2.3 Escrevivendo 26
2.4 Outros Mundos 26
3. CONSTELAÇÃO CONCEITUAL 28
3.1 Análise Textual Discursiva 36
4. RELEVÂNCIA DE DESENVOLVER UMA EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL ... 39
4.1 Dez anos já é adolescente? - Metatexto 1 42
4.2 Maternidade (e paternidade?) - Metatexto 2 47
5. AO ENCONTRO DOS TEMAS GERADORES 56
5.1 Recurso Educacional 59
5.2 Cronograma 60
6. Diálogo entre as dinâmicas e a perspectiva freiriana dos Temas Geradores 60
6.1 “Mulher é mulher! Homem é homem!” - Metatexto 3 66
6.2 Violência - Metatexto 4 79
7. RUMO AOS MUNDOS QUE SONHAMOS 91
8. FIM DO MUNDO 96
REFERÊNCIAS 98
APÊNDICE - Recurso educacional: Só pra Saber 104

A MARGEM COMO CAMINHO ANTICOLONIAL

> Vamos atravessar o deserto, temos que atravessar. Ou toda vez que você vê um deserto você sai correndo? Quando aparecer um deserto, o atravesse. (KRENAK, 2020, p. 116)

A presente pesquisa desenvolve abordagem de ensino sobre Educação Afetivo-Sexual (EAS) voltada para adolescentes, foi realizada em uma ONG - Centro cultural e comunitário, em uma comunidade que se situa na várzea de um rio, em um município na região metropolitana de Belo Horizonte, que atende crianças de todas as idades e jovens de até 24 anos. Minha atuação na casa, como educadora sexual, se deu a partir de um convite da coordenadora do espaço que sabia que eu trabalhava com EAS. Essa comunidade lida cotidianamente com o racismo ambiental, pois vive à margem, à margem do rio que enche todo verão e entra nas casas, à margem do sistema que não se preocupa com essa população que não possui segurança material, residencial, nem de sobrevivência.

A margem da qual falamos também está presente nessa escrita e na bibliografia que escolhemos, escritas marginais, da margem do mundo acadêmico, que se configuram - segundo bell hooks (1989, p. 149, *apud* KILOMBA, 2019, p. 68) - como um lugar criativo e radical, onde novos discursos críticos se dão. Grada Kilomba afirma que a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos (2019). Por isso priorizamos escritas dissidentes como referências, de mulheres, indígenas, negres, pessoas trans, do sul do mundo. Tomando como embasamento principal uma perspectiva anticolonial. Segundo Renata Aspis:

> Dissidentes são os que pensam de outras maneiras e desviam da ideia hegemônica do colonizador europeu de entender o conhecimento como objetivo, neutro, imparcial e universal. As epistemologias dissidentes são parciais, são sempre feitas a partir de uma determinada perspectiva, não são universais, são subjetivas e políticas, são as vozes das minorias que afirmam outros mundos por vir. Epistemologias dissidentes são sujas, porque têm um corpo, (...) são sempre a visão de um olho, um determinado olho, que olha sob a perspectiva do seu corpo, suas experiências e experimentações. (...) são, para além de criação de conhecimento intelectual, vida, pois são movimentos de criação de si (...) Na academia neutralizante, pasteurizante, quase nada é vivo, há um sufocante sonho de pureza, sonho de objetividade, verdade, certeza: o mesmo. (2022, p. 42-43; 49)

Ailton Krenak (2022, p. 60) afirma que a cultura sanitarista pretende eliminar essa "sujeira" - culturas e epistemologias diferentes da ocidental hegemônica - através da urbanização, transformando toda floresta, e outros territórios vivos, em cidades. Mas urbanização para quem? Cidade para quem?

> Somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante. Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade - que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições -, foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade. Não são só os caiçaras,

> quilombolas e povos indígenas, mas toda vida que deliberadamente largamos à margem do caminho. E o caminho é o progresso: essa ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar. Há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade - alguns de nós fazemos parte dela. (KRENAK, 2020, p. 9-10)

Mesmo sendo um espaço de educação não formal, os conteúdos trabalhados são também recomendações dos documentos que norteiam (o conceito nortear nessa pesquisa não se conecta positivamente ao norte global, mas sim ao norte do nosso país) a educação básica desse país, o que possibilita que esse projeto faça correlação e aprofunde conteúdos escolares, sendo esta temática relevante a todas crianças, adolescentes e jovens. Além de dar subsídio para quem, por diversos motivos, não frequenta a escola, possibilitando, inclusive, incentivar, quem se interessou pelos conteúdos e atividades, a enxergar possibilidades para si na continuidade da escolarização.

Com meus estudos, vivências e inquietações sobre a temática, antes de iniciar o mestrado, eu hipotetizava que adolescentes carregam muitas desinformações, preconceitos, mitos e medos sobre o que envolve os processos gestacionais, trabalho de parto e demais conteúdos que visam a educação afetivo-sexual. Visões geradas por filmes e programas que assistiram, assim como comentários e jargões de senso comum que escutaram ao longo da vida, de familiares e até mesmo de profissionais de saúde. E de que em maioria não tiveram contato com relatos positivos sobre nascimentos ou com informações baseadas em evidências acerca desses processos.

Dessa minha visão surgiu o desejo de desenvolver uma abordagem de ensino sobre educação afetivo-sexual, que trouxesse diálogo entre diferentes saberes, contribuindo para a tomada de consciência sobre o próprio corpo, assim como sobre direitos sexuais e reprodutivos, corroborando para a construção de relações afetivo-sexuais saudáveis. Assim surgiu essa pesquisa, que também investiga as concepções des adolescentes sobre gestação, parto e sexualidade; elabora um conjunto de atividades sobre educação afetivo-sexual, orientadas pela teoria de Temas Geradores de Paulo Freire; discute valores e interpreta situações cotidianas, suscitando reflexões e preparo para viverem sua sexualidade de forma livre e responsiva. Compreendo a Educação Afetivo-Sexual como um campo privilegiado para a construção de sentidos, para a significação do ser homem, do ser mulher e de outras possibilidades de ser. Roney Polato de Castro e Neilton dos Reis (2018, p. 118) afirmam que:

> é também na escola que aprenderemos a *ser mulher* ou *ser homem*. Nesse sentido, acreditamos que pensar as linhas de fuga na não-binaridade de gênero e sexualidade dentro da escola pode ser um caminhar em direção à transgressão da lógica ocidental dentro de uma das instituições que mais a reforça.

Guacira Lopes Louro (2007) afirma que estudiosas vem acentuando o caráter social e

cultural do feminino e do masculino, diferente da forma marcadamente biológica. Essas, procuram introduzir na EAS a dimensão do prazer, geralmente ignorada nas concepções mais tradicionais. Levando isso em consideração, foi desenvolvido o Projeto de Educação Afetivo-Sexual Emancipatória (PEASE), foco deste trabalho. Por vezes me refiro aos encontros do projeto como oficinas, pois eram nomeados assim na ONG.

Norteamos-nos em perspectivas freirianas, valorizando os saberes des estudantes, não querendo ensiná-les de forma bancária, mas sim criando ambientes para que possam construir criticamente seus saberes através de reflexões sobre diversas questões sociais presentes nessa temática (FREIRE, 1996). Seguimos o conceito de emancipação segundo Paulo Freire, em busca de uma educação libertadora, que Ricardo Rambo definiu como intencionalidade política voltada à transformação social, uma vez que, "não há prática política esvaziada de significado educativo, assim como também não há educação neutra" (2018, p. 3).

O contato inicial com a ONG proporcionou minha integração enquanto pesquisadora com a comunidade local e possibilitou a observação cuidadosa do território, levando a "descodificação" desta "codificação" viva, pela observação e conversas informais com habitantes da área (FREIRE, 1974). Tudo foi registrado no caderno de campo, sendo de extrema relevância, pois:

> É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores. (FREIRE, 2020, p. 56).

Com o grupo de monitories do espaço, que possuem de 14 a 24 anos, foram realizados 4 encontros quinzenais entre outubro e novembro de 2022, que contaram com rodas de conversa e dinâmicas. Também estive presente em atividades cotidianas da ONG e excursões - sempre com minha cria dependurada, mamando e demandando atenção, o que proporcionou laços com mães da comunidade e adolescentes que adoram brincar com bebê. Nesses momentos foi possível iniciar a investigação dos temas geradores, o que foi aprofundado com o desenvolvimento do Projeto de Educação Afetivo-Sexual Emancipatória (PEASE) em 2023, com o público-alvo desta pesquisa - de 10 a 13 anos - e participação eventual dês monitories. O percurso para encontrar temas geradores e as atividades desenvolvidas no projeto foram organizadas como um recurso educacional voltado para demais educadories.

O caderno de campo me acompanhou nos 9 encontros do PEASE - nestes já sem Ponan - sempre queriam ler o que eu escrevia ali, peguei elas bisbilhotando algumas vezes quando eu o deixava de lado, espichando o olho pro lado do caderno quando eu estava

escrevendo, sempre pediam para ler ao me ver escrevendo. Quando eu escrevia em um momento mais acalorado: “Você escreveu o que eu falei!?”. Todos os encontros do PEASE foram gravados e transcritos para posterior análise qualitativa dessas interações, uma vez que não estamos interessadas na obtenção de enunciados generalizáveis, mas sim focando em captar subjetividades, sentimentos e opiniões trazidos nos detalhes das falas, silêncios e relações.

Este trabalho investiga o problema através da pesquisa-ação, que segundo Guido Irineu Engel “procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível conseqüência de uma recomendação na etapa final do projeto” (2000, p.182). Como pesquisa participante engajada busca desenvolver o conhecimento como parte da prática. Esta é também a forma de atuação das pesquisas feministas e de grande parte dos mestrados profissionais como este.

Foram, no total, 5h30min de áudios gravados, totalizando mais de 130 páginas de transcrições. Em meio à intensidade dessas falas, que se atropelavam a todo instante, muitas foram perdidas - pedaços inaudíveis por conversas paralelas e gritarias empolgadas em opinar. Consideramos a bagagem que traziam, priorizando que protagonizassem a fala durante as atividades. Deste modo, foi possível compreender suas concepções, sendo os momentos de exposição de conteúdos reduzidos e momentos de discussão ampliados.

Durante esses encontros foram realizadas dinâmicas que trabalham autoconhecimento e empatia à diversidade, a partir de atividades que estimulam a criatividade e criam ambientes acolhedores para se expressarem de diversas maneiras. Possibilitando também, discussões sensíveis e com embasamento acerca dos processos fisiológicos que envolvem a maternidade, trazendo naturalidade ao diálogo sobre gestar e nascer, como parte intrínseca da vida, focando em saberes ancestrais. Discutimos temas sensíveis, como menstruação, masturbação, prazer, pornografia, prevenção sexual ampla, estupro, pedofilia, violência obstétrica, dentre outros.

Para preservar a identidade dês participantes o único nome que foi mantido na escrita dos metatextos foi o meu, Maitê, como ministrante do projeto e autora desta dissertação; os demais participantes aparecem com nomes fictícios e com os rostos borrados nas imagens. Outra medida realizada foi submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa/UFMG (COEP), onde recebeu o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 2 64675222.3.0000.5149 e foi aprovado com o Parecer de número: 5.895.801. Compondo as medidas éticas à coleta de assinaturas dês participantes e responsáveis nos termos de assentimento livre e esclarecido e de consentimento livre e esclarecido, assim como a assinatura de autorização da coordenação da ONG onde o projeto foi realizado.

DE ONDE VEM MINHA ESCRITA

Pará
Aldeias
Voltei
Pandemia
Formei
Sonhos
Tentativas
Bahia
Frustração
Projeto
Grávida
Estudos
Projeto
Minas
Cobrança
Solidão
Recém parida
Seleção
Mãe
Aprovada
Estrupiada
Julgada
Mestranda
Abandono
Raiva
Terapia
Mãe solo
Namorada
Aulas
Puérpera
42kg
Concursos
COEP
Eleição
Tudo de novo

Essas palavras trazem um pouco do percurso dessa pesquisa para situar ê leitore, foram escritas em outubro de 2022, primeiro ano do mestrado. Na sequência trago a fala de uma de nossas lideranças, Opetahra Puri, no ritual de fortalecimento da identidade de nossas crianças, qual eu e Ponan estávamos vivendo: “Descendente é uma forma de apagar a nossa identidade, eu não sou descendente, eu sou indígena… descendente é quando você não é mais... Isso que a gente tem que aprender a dizer, eu não sou descendente, sou indígena, eu sou Puri.”

É uma emoção sem explicação se entender parte, sentir que sempre esteve perdida, que nunca se encaixou, se sentir parte dentro da diferença, se entender não só como parte de um povo, mas entender também porque sempre se sentiu parte da natureza, apesar de tudo querer te ensinar diferente. Entender porque não se sente parte dessa sociedade, porque não se sente bem na cidade, nessas estruturas, apesar de ser tão difícil sair delas.

Dokora me guia nessa escrita e em meu processo de resgate, no aprendizado de nossa língua. Me guiam também minhas bizas Mariquinha e Joaquina, que possivelmente não chegaram a aprender a língua, já a muito proibida; e a Vó Delmira, que não chegamos a saber seu nome verdadeiro; e as anteriores, que não sabemos nenhum nome, todas mulheres. Já meus tataravôs, europeus… não é coincidência. Como aquela frase “a mãe do Brasil é indígena, mas os brasileiros parecem ter mais orgulho do pai europeu”. Vejo isso como uma questão de escolha, de prioridade, entre seguir a norma ou desviar, como tráz Linda:

> Concordar significa nos perdemos por inteiro e implicitamente consentimos com tudo o que se tem dito sobre nós. Resistir é limitarmo-nos às margens, recuperarmos o que fomos e refazermo-nos. O passado, nossas histórias locais e globais, o presente, nossas comunidades, culturas, línguas e práticas sociais - todas essas coisas podem ser espaços de marginalização, mas também se tornam espaços de resistência e esperança. (SMITH, 2018, p. 14-15)

Assim como Anzaldua (2017), me considero entre as Fronteiras, me identifico com ela também como mestiça, entendendo os privilégios e apagamentos que tenho desse lugar, apesar de me identificar mais quanto indígena, quanto puri, uma vez que a mestiçagem aqui em Pindorama - território conhecido hoje como Brasil - foi uma política pública de etnocídio - como mostra o livro *O Povo brasileiro* de Darcy Ribeiro - e embranquecimento, fazendo com que nos entendêssemos apenas quanto descendentes, ou outrens quanto pardos. Mas, como relata o personagem Colman, em O lugar de fala do lugar de fala, de Hilan Bensusan: A biografia não é feita de biologia, é feita de escolhas, uma a uma, de incumbências, de respostas, de adoções. Adotar não é mentir, é uma fidelidade política a sua biografia (2021).

Parafraseando Linda Tuhíwaí Smith: Escrevo na perspectiva de uma mulher não binária/tibira/queer indígena puri, em contexto urbano brasileiro, acrescento, com

passabilidade branca - uma vez que meu fenótipo, que não corresponde ao imaginário indígena, me atribuiu diversos privilégios da branquitude ao longo da vida, os quais reconheço e estou disposta a abrir mão em uma luta antirracista. Simultâneamente, reivindico minha existência para além do que querem que eu seja.

Também falo do lugar de mãe solo, o genitor, por seus motivos pessoais, não incomuns aos homens, não ‘‘conseguiu’’ ser pai, já eu, não tive essa escolha. Penso novamente sobre meus privilégios, criada como menina branca de classe média, num mundo cor de rosa, que tinha o privilégio de seus problemas serem só não se encaixar, não querer ser menina.

Assim como Grada Kilomba (2009, p. 65), demando “uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todes falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas - não há discursos neutros”. Entretanto, os europeus encontraram uma ótima maneira de colonizar, ensinar colonizades a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador, mais uma forma do que Michel Foucault (1987) chama de docilização dos corpos. Como é horrível ler e escrever em línguas generificadas, como o português! **A** palavr**a** tem gênero! **A** mes**a** tem gênero! Não posso escrever esse trabalho e publicar em kwaytikindo, idioma puri revitalizado, ou em outras línguas ancestrais que não contém binarismo de gênero. Estou presa desde o berço a essa amarra colonial.

Os colonizadores consideram o que está escrito como verdade, base de evidências, já testemunhos orais das anciãs indígenas são invalidados (SMITH, 2018). Então eu pergunto: Escritos por quem? Em que língua? Com quais intenções? Quais referências? Achando que estavam traduzindo o que? Quanto sofisma é permitido na academia se você fizer citações de acordo com a ABNT. Senso comum… comum a quem? Bom senso… bom pra quem? Grada afirma que o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas o resultado de relações desiguais de poder de raça. Parece que tudo ao nosso redor era, e ainda é, colonialismo (KILOMBA, 2019).

Patricia Hill Collins afirma que grupos oprimidos muitas vezes são ouvidos somente se enquadrarem suas ideias na linguagem que é familiar e confortável para os grupos dominantes (2000, p. 7, *apud* KILOMBA, 2019, p. 65). Uma maneira de "aceitar" os estudos de mulher e gênero é mantê-los com status de exóticos - como geralmente são tratados os estudos voltados para etnia e raça (LOURO, 2007). O conforto aparece como uma forma de regular discursos marginalizados. Então me desafio a aprender a ser desconfortável, construir uma escrita desconfortável que não traga nem verdades nem mentiras, mas sempre pontos de vista de outras vistas, outros lugares não hegemônicos.

Se eu quiser escrever como branco tem espaço pra mim, mas para uma escrita puri, uma escrita indígena, uma escrita anticolonial, não tem. Se esse espaço não existe, precisamos forçar a passagem. Relego esse lugar de poder que me quer ser dado, desprezo essa suposta neutralidade que querem me autorizar. Ouso aprender a manejar a discordância às normas acadêmicas, desafiar as regras, me submetendo a elas (SMITH, 2018).

Linda Smith (2018) cita uma afirmação de Foucault que sugere que o arquivo cultural ocidental revela "regras de conduta" que o ocidente mesmo não pode descrever, porque opera com essas regras e as considera a norma, não conseguindo enxergá-las. Ela afirma que alguns grupos indígenas são capazes de descrever muitas dessas regras de conduta, já que elas têm sido "reveladas" e/ou aplicadas em suas comunidades. Vejo isso nitidamente no campo da Educação Afetivo-Sexual (EAS) quanto às definições e papéis de gênero e a normatização da monogamia, imposições cristãs que foram feitas em nossos territórios (NÙÑEZ *et al*, 2021), assim como na hospitalização dos partos. Faço minhas as palavras de Linda: "ao posicionar-me como uma pesquisadora indígena, reclamo uma genealogia, e também um conjunto de experiências genealógicas, culturais e políticas" (SMITH, 2018, p. 21).

Na fronteira, não sou uma coisa nem outra, não pertenço a nada, só a fronteira.
(inspirada por Gloria Anzaldúa)

Gestando

Na gestação, meu projeto de mestrado se transformou, percebi - vivendo esse processo do meu jeito, estudando a fisiologia e me preparando para o parto - que nós não sabemos nada sobre esse evento, além das bizarrices que vemos em filmes e comentários estereotipados de senso comum. O cenário do nascimento foi esterilizado, tirado das parteiras em casa e levado pras mãos brancas de homens nos hospitais, claro que daria merda. Ninguém mais assiste pessoas nascendo, até chegar sua vez. Na escola só se fala em como evitar engravidar em situações que não são socialmente bem vistas, já esse processo biológico do nascer não se vê.

Com toda essa desinformação decidi focar nessa área, que pertence a educação afetivo-sexual, gestar, parir, é sexual, e encontramos aí mais um tabu. Nesse meu processo de estudo vi o óbvio, claro que homens e a "ciência" eurocêntrica dominando esse cenário, que foi tirado das mulheres, seria um problema. É gritante o nível das mentiras contadas por um número alarmante de obstetras e massivos os índices de violência. Acessar essas informações me deu força para decidir pelo que eu sentia desde que me vi grávida, parir na roça, ter meu parto domiciliar com parteira, como tiveram minhas avós e todas que vieram antes.

Tudo preparado para isso, vivendo intensamente aquilo que só se conhece vivendo. Foi um trabalho de parto relativamente tranquilo, apesar do nível de dor e fraqueza física maior do que eu poderia imaginar, foram um total de 9h, tempo bem normal para primeiro parto. Mas aos 45min do segundo tempo tivemos dúvidas, estava tudo bem, podíamos perfeitamente continuar ali que ele nasceria dentro de 1 ou 2h, mas essas dúvidas, talvez por falta de preparo, nos fizeram ir para o hospital. A verdade é que foi uma decisão estúpida na loucura da partolândia, um surto sem pé nem cabeça, não fazia sentido, mas fomos... Não sei se ter conversado com a enfermeira chefe dessa maternidade na semana anterior fez diferença, porque ela me foi muito bem recomendada e me afirmou que lá realizavam partos humanizados.

1h e 20min no carro, em menos da metade do caminho os puxos estavam muito fortes e eu tentando evitar que Ponan nascesse no carro, mal sabia eu que deveria ter feito tudo pra ele nascer lá mesmo. Chegamos na maternidade nesse vuco-vuco, Ponan coroado e em 10min naquele lugar, até o nascimento, conseguiram realizar diversas violências obstétricas, isso porque eu estava muito bem esclarecida, solicitando coisas diferentes do que estavam fazendo comigo, acompanhada por minha irmã e pela parteira. Que falta me fez uma Doula e eu não sabia...

Mas quando tive Ponan em meu colo, com aqueles olhões arregalados para mim, assim que nascemos, tudo passou, o tempo parou, não existia mais dor, não existia desespero. Pena que foram só segundos, em menos de 1min vieram cortar o cordão e eu precisando voltar a ativa dizendo que não, que era muito cedo, que a recomendação eram 5min... e puf, já tinham cortado e levado minha cria para o outro canto da sala para fazer procedimentos desnecessários enquanto eu ficava pedindo em sofrimento para me devolverem. Minutos depois me entregaram Ponan já de roupa, não tivemos pele a pele e sinto que isso fez muita diferença para mim nos dias que se seguiram. O puerpério é punk! O que eu vivi no pós parto me fez pensar que por mais difícil que seja o trabalho de parto o que vem depois é ainda pior. Mas 'como foi o parto' faz muita diferença para o puerpério, física e emocionalmente.

Poderíamos dizer que foi um parto fisiologicamente natural, mas não dá pra chamar as intervenções que tivemos, naqueles minutos antes do nascimento, de natural. Eu que quis fugir ao máximo, até me esconder, de todo esse sistema, acabei pulando na boca do lobo. Mas vamos ver pelo ponto positivo, já que minha pesquisa envolve violência obstétrica, agora tenho lugar de fala. Grande bosta! Nosso glorioso lugar de fala para tratar sobre estupro e várias outras merdas cotidianas ao feminino... Nosso útero, nosso sangue, nosso potencial de gerar vida. Mas e o sangue que tiram de nós?

Com algumas coisas do feminino e da fêmea sempre me identifiquei e na maternidade ainda mais. Ainda ontem eu era toda a fonte de nutrição desse ser gigante que já tá fora de mim a meses! Isso é muito incrível. Mas em muitos lugares dessa tal mulher nunca me vi. Cito aqui a indígena do povo Guarani, Geni Núñes, que em seu perfil do instagram, @genipapos, se identifica como ex-mulher. Esse lugar que inventaram e nos impuseram nunca existiu. Mas não reivindico não ser chamada assim, nem me ofendo, já me acostumei, muitas vezes até tomo ele pra mim, mas no fundo me identifico mesmo é com ser fêmea, uma fêmea às vezes bem feminina, às vezes não.

Sou mulher pelas opressões que sofro, como categoria política de luta, mas não sou, me tornei assim, me tornaram. Não sou no momento que não me identifico com o que querem que eu seja, não me encaixo. Sou boêma, fêmea fértil que gesta, pari, amamenta. Essas vivências me fizeram me sentir fêmea como nunca antes, mas eles insistem em querer que eu seja mulher, mãe, cuidadora, dedicada, anulada, delicada, boa moça, sorridente. "É bom demais ser mãe né?" perguntam.

Ecofeminismo Tibira

> Pesquisadores indígenas, fundamentados academicamente por perspectivas de análise de pesquisas críticas e feministas; baseiam-se em contextos, histórias, lutas e ideias especificamente indígenas. (SMITH, 2018, p. 15)

Ecofeminismo queer, Feminismo não binário anticolonial, qual nome escolher… Ecofeminismo Tibira! O termo tibira, entre povos de língua Tupi, designava indivíduos que se relacionavam sexualmente com outrens com a morfologia sexual parecida com a sua (FERNANDES, 2019, *apud* MUNIZ, 2023, p. 280). Estevão Fernandes, descreve o caso de uma pessoa indígena, denominada Tibira, que foi atada a um canhão, disparada e destroçada, a mando de um padre europeu. (MUNIZ, 2023)

> Assim, indígenas que antes se identificavam como gays, bissexuais, transgêneros etc. atualmente estão se autodeclarando tibiras. Como a colonização deixou perdas irreparáveis nas línguas e tradições culturais de diversos povos, mesmo em etnias de outros troncos linguísticos que não o Tupi, pessoas têm se identificado como tibira, visto que quaisquer equivalentes que seus povos possam ter tido antes da colonização já não podem ser encontrados. (MUNIZ, 2023, p. 281)

Ê parente Kigéw Puri (MUNIZ, 2023, p. 273) acrescenta que:

> Os povos indígenas da atual América possuem suas próprias compreensões tradicionais acerca do sexo, da sexualidade, do corpo e do gênero. Por estas serem diferentes da maneira como esses temas eram oficialmente reconhecidos nos reinos europeus no período em que invadiram o continente, principalmente devido ao modelo de cristianismo que era vigente nesses países, a empreitada colonial buscou eliminar também essas compreensões e práticas tradicionais e suplantá-las pelas suas próprias normativas, legitimadas pelo Estado e pela Igreja e que serviam ao processo de acumulação primitiva que levou ao surgimento do capitalismo.

É importante lembrar que a construção das relações e papéis de gênero é histórica e social, não global ou universal, não está presente em todas as sociedades, como explica a socióloga Oyèrónk Oyěwùmí (2021). Ailton Krenak afirma que "Os ameríndios e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos" (2020, p. 52). Essa humanidade instituída com a colonização trouxe no pacote os papéis de gênero europeus como norma.

Proponho aqui uma metodologia que hibridiza conceitos e ideias, não buscando uma fusão, mas sim um caminhar junto. Essa interseção trata-se do desejo de encontrar outras formas de habitar o planeta. Como Pluriverso - segundo Bruna Montuori e Viviane Nicoletti (2021) - pretende criar espaços propícios para projetos de vida comunitários, formando cenários de emancipação coletiva, promoção de autonomia e construção de relações cooperativas para reverter a atual crise humanitária e ambiental. Krenak afirma que "*mundizar*, esse verbo que expressa a potência de experimentar outros mundos, que se abre para outras cosmovisões e consegue imaginar *pluriversos*. Esses termos, usados por Alberto Acosta e outros pensadores andinos, evocam a possibilidade de os mundos se afetarem" (2022, p. 83, grifos do autor).

O feminismo teve uma importância muito grande em minha trajetória e ainda tem, por mais que não me identifique como mulher, fui identificada e subjugada assim por muitos anos e o feminismo foi minha âncora de escape de muitas enrascadas sistêmicas. E hoje sou mãe, sou solo, de um pai ausente, independente de como me identifico, sou mãe, tenho todas as responsabilidades de criação de uma criança, sou mãe. Utilizar a versão neutra do nome - pãe - para mim não diz nada neste caso, uma vez que *pãe* já é utilizado a mais tempo para designar justamente mães que ocupam simultaneamente os dois papéis por serem solo. O papel social que ocupo é de mãe e o feminismo me acompanha nesse lugar, um feminismo trans includente, que luta pelo direito de todas as pessoas com útero e todas que se identificam com identidades femininas e não binárias (NB).

No artigo *Feminismo transinclusivo y pedagogía queer de* María Victoria Carrera-Fernández*,* a autora afirma que "não somente a mulher, e menos ainda a mulher cis, é o sujeito do feminismo, as "outras identidades" ou "minorias sexuais" também o são" (2019, p. 69, tradução minha).

Renata Aspis, em seu artigo 'Nunca diga todos e todas: O embuste identitário que nos oprime', defende o pensamento rizomático, de Deleuze e Guattari, ao invés dos restritos princípios da razão utilizados pelo senso comum, os quais um deles é o princípio:

> do terceiro excluído, que diz que dada uma proposição verdadeira, sua negação é

> necessariamente falsa, ou dada uma proposição falsa, sua negação é necessariamente verdadeira, não havendo terceira possibilidade e pode ser enunciado da seguinte maneira: “A é x ou A é não-x não há terceira possibilidade”, Maria é mulher ou Maria não é mulher, não há outras possibilidades (2020, p. 245).

Então, no pensamento rizomático, é possível ao mesmo tempo ser mulher e não ser mulher, é assim que me sinto frequentemente.

Para Judith Butler o gênero é uma imitação, um teatro, uma performance, cujo caráter não é cômico, mas dramático, por ser uma representação considerada real, em que ês atories colocam em questão a própria sobrevivência cultural (BERNINI, 2011). Lorenzo Bernini continua:

> Os protagonistas das “narrativas naturalizantes da heterossexualidade obrigatória”, isto é, o homem e a mulher, são apenas uma repetição estilizada de comportamentos, moldada em um ideal que nenhum ser humano real poderá encarnar plenamente. Apesar disso, quem não representa bem seu papel se vê espoliado de sua dignidade, exposto à ironia e à violência dos outros, expelido como um dejeto (p. 29). De acordo com Butler, fora da estrutura de saber-poder que permite denominar as mulheres, não há identidade feminina nem corpos femininos: portanto, não existem as mulheres. Um feminismo plenamente consciente de que o gênero feminino está inserido na modernidade como uma fantasia (não uma fantasia que esconde o corpo, mas que faz/constrói o corpo) não escapará da representação dos gêneros, mas participará desta com um papel bem visível (p. 30).

Margareth Rago afirma que “Uma das principais finalidades do feminismo é libertar as mulheres da figura da Mulher, modelo universal constituído pelos discursos científicos e religiosos, desde o século XIX.” (2013, p. 28) É nessa ideia de feminismo que acredito e me baseio.

Como pesquisa feminista, é um estudos marcadamente engajado, dirigido não apenas para a análise, mas para a intervenção social (LOURO, 2007). Guacira afirma que as pesquisadoras feministas agem com paixão e são alvo de preconceitos por isso, não são neutras, sempre políticas, escrevendo na primeira pessoa. Criticam “os sistemas explicativos globais da sociedade e problematizam os modos convencionais de produção e divulgação do que é admitido como ciência” (2007, p. 29). Minha escrita se constitui desta mesma forma, apaixonada, política, feminista.

Somado a isso, adiciono o termo Eco ao feminismo. Seguindo o conceito de acordo com o artigo *Rumo ao ecofeminismo queer* de Greta Gaard: ecofeminismo se baseia na premissa de que vários sistemas de opressão se reforçam mutuamente, sendo um movimento que intersecciona o feminismo a lutas contra outros sistemas de opressão, sendo eles, o especismo, o naturismo (pensamento que entende que a natureza foi feita para o desfrute do ser humano, sendo vista como recurso), o classicismo, o racismo. A autora afirma que nesse sistema patriarcal que concebe a natureza como feminina, existe uma conexão entre “a

ciência" com o controle racional de um mundo natural caótico e a perseguição às mulheres justificada por serem irracionais, eróticas, portanto, maléficas - como algumas representações femininas na Bíblia. Essas conexões têm fornecido as bases conceituais das teorias ecofeministas (GAARD, 2011), nas palavras de Gaard:

> as mulheres acusadas de bruxaria foram acusadas não só pelo seu gênero, mas pelas suas sexualidades e práticas eróticas percebidas; de que estas mulheres eram frequentemente queimadas com os homens que faziam sexo com outros homens; de que a conquista colonial dos povos indígenas nas Américas foi autorizada, em parte, com base nos comportamentos sexuais dos indígenas. Estou argumentando que uma leitura cuidadosa desses vários movimentos de dominação - a perseguição das mulheres por meio da queima às bruxas, da natureza pela ciência e dos povos indígenas pelo colonialismo -, que atingiu um pico durante o mesmo período histórico na Europa Ocidental, levará às raízes de uma ideologia na qual o erótico, as sexualidades queer, as mulheres, as pessoas não brancas e a natureza estão todos conceitualmente interligados (2011, p. 218).

O conceito *ecofeminismo queer* articula as diferentes frentes de pensamento desta pesquisa, entretanto, priorizei o termo *tibira* ao *queer*, fazendo uma atualização pindorâmica. Todavia, considero os conceitos como quase sinônimos e os utilizo por vezes como se fossem, com a diferença que tibira demarca uma visão indígena.

Este texto não é escrito especificamente para mulheres, queers, indígenas, mas também é, e definitivamente não é escrito para homens heteros cis brancos, por mais que eles possam o ler. Gloria afirma que a similaridade de classe, etnia e identidade sexual é um componente forte no laço entre escritora e leitora (ANZALDUA, 2017). Então perguntamos: Pode um homem escrever como uma mulher? Pode um homem ler como uma mulher? Difícil afirmar que sim, considerando o restrito universo de leitura que é incentivado aos meninos. Entretanto,

> todas nós sabemos que mulheres leem como homens e mulheres escrevem como homens, porque é assim que nos ensinam… Eu tive mais treino de leitura como acadêmica branca, classe média do que como Chicana. Assim como nós temos mais treino de ler como homens (ANZALDUA, 2017, p. 8).

A tentativa aqui é de construir uma escrita não hegemônica, que converse com um público como eu, que está farta de uma linguagem sem vida - que finge ser neutra, seguindo moldes brancos europeus, difícil e extremamente entediante de se ler. O mesmo ocorre com a pesquisa em si, com as escolhas metodológicas. A análise dos dados não foi feita por um robô, nem de forma mecânica seguindo "regras de análise neutras", foi feita por mim, com meus pontos de vista políticos, que compõem essa pesquisa.

Guacira afirma que um fenômeno pode - ou não - se constituir num problema dependendo de quem se ocupa dele. Portanto importa, sim, quem define o problema, quem faz as perguntas (LOURO, 2007). Acredito que nessa escrita seja possível perceber a dimensão

feminista na própria construção discursiva da subjetividade e na subversão dos padrões literários socialmente instituídos (RAGO, 2013). Como escrita faminista todes autories aqui citados tem seu primeiro nome escrito ao menos em uma das citações.

Quem está acostumado com a escrita acadêmica convencional pode estranhar esta, que como um remendado louco, segue caminhos metodológicos de escrita não hegemônicos, juntando retalhos de forma descentrada e assimétrica (ASPIS, 2012). Faço promiscuamente a insinuação que pretendo que esse trabalho seja disfórico como o livro Dysphoria Mundi de Paul Preciado, que:

> tenta descrever as modalidades deste presente disfórico e revolucionário. Não algo que aconteceu num passado mítico ou acontecerá num futuro messiânico, mas algo que já está acontecendo. Conosco. Algo em que estamos ativamente implicados. Por isso, reúne intencionalmente uma série de textos que não podem ser identificados por seu pertencimento a um gênero literário preciso. Assim como o corpo que fala utiliza a linguagem para desfazer a presunção de uma posição política feminina ou masculina, o que é dito e a forma na qual se expressa buscam escapar da designação a um gênero literário ou ensaístico. Trata-se de um livro disfórico, ou melhor, não binário: evita as diferenças convencionais entre teoria e prática, entre filosofia e literatura, entre ciência e poesia, entre política e arte, entre anatômico e psicológico, entre a sociologia e a pele, entre o banal e o incompreensível, entre o lixo e o sentido. (2022, p. 22).

Uso a metodologia, de Renata Aspis, fuçar-ler-escrever: a partir de um conjunto de materiais bibliográficos, fuço livremente, deixo-me mover pelo interesse, fruir, deixo-me afetar e, a partir disso, escrevo. Trata-se de criar conhecimento por meio daquilo que atravessou o corpo, "de compor e expressar aquilo que afetou o corpo" (2023). Ao ler, separo o que me toca, o que faz meus olhos se encherem ou meu corpo arrepiar.

> Ao deparar-se com algo que te intriga/interessa/parece relevante, pare aí. Pode ser uma citação, uma palavra desconhecida, qualquer coisa. Fuce essa coisa, no dicionário, na internet todinha, em outros livros, atrás da porta, dentro do forno..., não se preocupe em fazer a coisa linearmente e muito menos progressivamente. Seja infantil, pare de ler e vá atrás do que te chamou atenção, distraia-se, desvie-se. A investigação dessa coisa pode te levar a outra: outra menção intrigante, outra curiosidade, e assim vai. (ASPIS, 2023, p. 66)
>
> No final (não tem fim, mas tem uma hora em que necessidades exteriores nos obrigam a parar), você estará diferente do que era no começo, isto é certo. Terá mais dúvidas, saberá menos de tudo, estará esburacada, flutuando, um sistema sem centro, composto por partes heterogêneas conectadas em relações insuspeitadas (ASPIS, 2023, p. 67).

A escrevivência de Conceição Evaristo (2006), como caminho metodológico, é o motivo pelo qual alterno primeira pessoa no singular e no plural. Me movo entre pesquisadora e também sujeita desta pesquisa, sou afetada por tudo, logo, também afeto tudo. Faço minhas as palavras de Audre Lorde "Não posso separar minha vida da minha poesia. Escrevo minha vida e vivo meu trabalho" (2020, p. 106).

Para encerrar essa seção trago uma questão muito relevante sobre a forma de escrita,

que já antecipa sobre outros mundos que estamos construindo. Utilizarei a seguinte passagem de Guacira para introduzir o tema:

> Aprendizagens de uma menina, na escola, consiste em saber que, sempre que a professora disser que "os alunos que acabarem a tarefa podem ir para o recreio", ela deve se sentir incluída. Mas ela está sendo, efetivamente, incluída ou escondida nessa fala? (…) Como também será normal que um/a orador/a, ao se dirigir para uma sala repleta de mulheres, empregue o masculino plural no momento em que vislumbrar um homem na platéia (pois essa é a norma, já que aprendemos e internalizamos regras gramaticais que indicam ou exigem o masculino). Qual é, no entanto, a história que se inscreve na constituição das normas de linguagem? Essas regras são imutáveis? Que condições podem provocar transformações na linguagem e nas suas regras? (LOURO, 2007, p. 66).

Acredito que, no momento atual, efervescem essas condições, os debates atuais de gênero ganham força e ocupam espaço na academia. Para além da exclusão feminina, exclusão também de pessoas que não se identificam com nenhum desses gêneros. Portanto, neste trabalho, utilizo a linguagem neutra de gênero como padrão. Além de tentar com escolhas de palavras e tempos verbais suprimir o gênero do discurso, o que nem sempre é possível nesse idioma extremamente generificado que aqui escrevo.

O ‘Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa’ de Gioni Caê foi usado como referência para a construção escrita deste texto. Neste trabalho ê autore frisa que a língua é viva, está em constante movimento - observo o mesmo no kwaytikindo. Essas mudanças rumo a neutralidade de gênero estão acontecendo agora, então, essa forma atual de escrita ainda contará com mais mudanças futuras.

Inicialmente tive dificuldade em optar por usar a linguagem neutra em todo trabalho por causa de palavras específicas que não me agradam sonoramente, como as do Sistema Delu. Nada contra seu uso, mas tenho essa dificuldade em usar o ‘u’ ao final, em contraponto, adoro usar o ‘e’, aí descobri o Sistema Dile nesse manual, que me identifiquei e uso aqui.

Caê frisa que a linguagem neutra é utilizada apenas para pessoas, não para objetos, nem utilizada indiscriminadamente para todes, mas sim para pessoas não binárias ou grupos com mais de um gênero ou quando não sabemos qual gênero usar (2020). Não estamos no tão sonhado momento social que gênero simplesmente poderá ser suprimido dos discursos por não ter importância. Em nossa sociedade faz muita diferença como uma pessoa é socializada, como é vista pela sociedade e como se coloca. Portanto, ao tratar dês adolescentes participantes dessa pesquisa serão nomeades no gênero em que se apresentam. Logo, quando eu utilizo o feminino ou masculino no plural é proposital, pois diz respeito a um grupo exclusivo daquele gênero ou de uma maioria epistêmica - como *os colonizadores*.

Encerro com a pergunta da pesquisadora Anne Fausto-Sterling (2006, p. 60): “por que usar dualismos para analisar gramaticalmente o mundo?”.

Escrevivendo

Difícil
Como é difícil pensar no puerpério
É difícil ler
É difícil escrever
É difícil pensar
A mente não funciona mais como antes
Nada é mais como antes

Sinto minha cabeça prestes a explodir
Tão cheia de tanta coisa
Beirando o colapso
Pane no sistema

Estou cansada, cansada da sobrecarga, cansada de ter que me afirmar, de ser vista como igual pelos diferentes e diferente pelos... não existem iguais, são tantas nuances, raça, etnia, gênero, sexualidade, classe, criação, família, habitat, religião, espiritualidade… Minha cabeça tonteia, a semana nem começou e as tarefas se acumularam só por passar dois dias em celebração na aldeia. "Não pode, o ritmo é outro, tem que ter estabilidade, tem que garantir seu futuro! Tem que se sacrificar agora para ter condições pra ter essa vida que você gosta de viver! Você tem filho pra criar, pra sustentar. Eu tô falando isso pro seu bem, é por que eu te amo, mas você não entende, você nunca entende, você não sabe o que é melhor pra você, mas eu sei."

Agora já suporto melhor a maternidade, já até não lembro o tempo todo que tô abrindo mão todos os dias, já nem tenho pensado mais em desistir, tenho aceitado minha sina acreditando que ano que vem vai ser mais leve, com a escolinha, já que não tem um suposto pai pra dividir as responsabilidades, ou criação de fato comunitária das crianças na cidade, viva à educação pública! Mas esse ano não tinha mais vaga… eu tinha que ter decidido minha vida com 9 meses de antecedência para termos direito à educação básica esse ano, mas é só aguentar um mês de cada vez, um dia de cada vez, que passa.

"Peço pros meus ancestrais que me livrem do medo, já que vai ser pedir demais pra me livrar da guerra". (Sé de Rua, 2023)

Outros Mundos

Ouviram? É o som do seu mundo desmoronando. E do nosso ressurgindo.
(Exército Zapatista de Libertação Nacional, comunicado de 21/12/2012)

Se nos convoco a pensar outros mundos, que outros mundos são possíveis? Penso como Ailton Krenak, que:

> na epistemologia ocidental, a ideia de outro mundo é apenas um outro mundo capitalista consertado: você pega este mundo, leva para a oficina, troca o chassi, o parabrisa, arruma o eixo e bota para rodar mais uma vez. Um mundo velho e canalha fantasiado de novo. Definitivamente, eu não estou a fim de contribuir para pagar essa conta: para mim, não vale o conserto. (KRENAK, 2020, p. 68)

Então tá, não queremos esse mundo concertado, queremos outro. Talvez isso não seja tão difícil assim, já que por cima dos túneis que cavamos sob a realidade normativa "o mundo moderno, que havia estabelecido a diferença entre nossa loucura e sua razão, começou a desmoronar" (PRECIADO, 2022, p. 10).

Nessa seção não pretendo propor esses outros mundos sonhados, até porque estamos apenas no início da dissertação e isso vai vir ao final, aqui pretendo apenas apresentar - assim como já vim fazendo em outras partes - pensamentos iniciais sobre outros mundos. Estamos agora começando a pensar…

> Deleuze afirmava que pensar é sempre começar a pensar e que não há nada mais complexo que encontrar as condições que possibilitem a emergência do pensamento. A construção destas condições começou, no meu caso, com o sentimento de fazer parte do lúmpen sexopolítico da história, colocando em marcha um processo intencional de mutação de gênero, com meu desejo de fabricar um lugar fora do sistema binário masculinidade/feminilidade, heterossexualidade/homossexualidade e com a transformação cotidiana dessa experiência (que tradicionalmente nos ensinou a não pensar) em escritura. Mas logo percebi que essa mutação aparentemente pessoal não era senão um eco de outra mutação política e epistemológica mais profunda. (...) Senti-me como uma formiga que pensa estar surfando na crista da onda quando na verdade está sendo arrastada por um tsunami. Não fizemos mais que começar a pensar. (PRECIADO, 2022, p. 25-26)

Esse escrito, em certas partes, parece conter um excesso de longas citações, não vou discordar, apenas afirmo ser proposital. A ideia aqui não é pensar um outro mundo no singular, mas pensar vários mundos possíveis, a partir de várias óticas e para isso é necessário diversas vozes para enunciá-los. São mundos diversos, mas que podem coexistir em um caos harmônico, respeitosamente pluriversais - diferente deste.

Segundo Preciado, graças ao estado tecnológico e globalizado atual, os muitos mundos que o planeta Terra contém, pela primeira vez, sincronizaram seus relógios ao ritmo do racismo, do feminicídio, do aquecimento climático e da guerra. Mas também ao ritmo da rebelião e da metamorfose (2022). Será o apocalípse ou a lagarta vai virar borboleta? Ou nem uma coisa nem outra… Fechando com Ailton:

> Eu estou interessado é na caminhada que fazemos aqui, na busca de uma espécie de equilíbrio entre o nosso mover-se na Terra e a constante criação do mundo. Pois a criação do mundo não foi um evento como o Big Bang, mas é algo que acontece a cada momento, aqui e agora. (KRENAK, 2020, p. 69)

CONSTELAÇÃO CONCEITUAL

> Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades - as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. (KRENAK, 2019, p. 22)

Nessa seção trarei alguns conceitos chave que aparecem ao longo da pesquisa, buscando amarrar esses conceitos e autorias entre si e elucidar em qual perspectiva os uso.

A escolha por privilegiar o conceito **Educação Afetivo-Sexual**, em detrimento de apenas Educação Sexual, vem da minha caminhada desde a graduação, quando, no estágio que fiz no Centro Pedagógico da UFMG, minha orientadora que trabalhava essa temática há anos na escola - bebendo do Programa de Educação Afetivo-Sexual (PEAS) - frisou muito a importância da palavra ‘afetivo’ da sigla. Construímos juntas uma Disciplina optativa que ministrei para os 8° e 9° anos, a nomeamos *Diversidade, Empatia e Educação Afetivo-Sexual*, foi aí que começou minha paixão e estudos na área - paixão esta que me fez ter vontade de trabalhar só com EAS se fosse possível e já começar a pensar em um mestrado na área. Afetivo explicita que não trataremos de uma educação sexual pautada meramente no sexo, nos orgãos sexuais e suas funções reprodutivas, enfoca as relações que muito antes de sexuais nos afetam emocionalmente de divérsas formas.

Inicialmente essa pesquisa utilizava apenas o conceito EAS, o termo ‘Emancipatória’ veio depois, com estudos e metodologias de Paulo Freire que foram agregados aqui, pautando uma educação libertadora que leve à emancipação dos sujeitos, a partir da tomada de consciência. Meses após a escolha pelo conceito Educação Afetivo-Sexual Emancipatória encontrei produções acadêmicas que defendem uma **Educação Sexual Emancipatória**. Segundo o trabalho de Marcia de Freitas Brys, Sonia Maria Martins de Melo e Rui Marques Vieira, educação sexual:

> acontece em todos os momentos e em todos os lugares, pois somos educados sexualmente em todas as fases da vida, seja na escola ou fora dela, educação essa que pode ser, dependendo dos paradigmas adotados, repressora ou emancipadora na vida das pessoas. Entendemos como repressora a educação sexual que nos obriga a ter comportamentos pré-estabelecidos pela sociedade (2019, p. 270).

Essas autoras afirmam que propostas emancipatórias são indissociáveis de um exercício permanente de pensamento crítico, em contraponto à educação sexual que comumente é inserida num currículo oculto em espaços educativos, na maioria das vezes de

modo repressor (2019). Outro trabalho que conta com Sonia Maria Martins de Melo como autora, dessa vez em conjunto com Raquel Da Veiga Pacheco, define a categoria educação sexual emancipatória "como estimuladora da formação de uma capacidade crítica e reflexiva do ser humano, sempre sexuado, sobre si e sobre o outro, no mundo" (PACHECO *et al*, 2019). Evocam Paulo Freire (1974) ao dizer que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo.

> Então todo ato humano, toda relação humana é educação. E, além disso, se compreendermos que a pessoa não se separa da sua sexualidade por ser ela uma dimensão inseparável do existir humano, pode-se afirmar que sim, ninguém educa ninguém, a gente se educa nas relações mediatizados pelo mundo e essas relações são sempre sexuadas. Dessa forma somos todos educadores e educadoras uns dos outros e, queiramos ou não, saibamos ou não, somos educadores e educadoras sexuais uns dos outros. (PACHECO *et al*, 2019, p. 289)

Segundo Tomaz Tadeu da Silva, Currículo Oculto é compreendido como:

> constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes. (...) O que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem de forma mais conveniente às estruturas e às pautas de funcionamento, consideradas injustas e antidemocráticas, e, portanto, indesejáveis, da sociedade capitalista. (...) Mais recentemente, nas análises que consideram também as dimensões do gênero, da sexualidade ou da raça, aprende-se, no currículo oculto, como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia (2010, p. 78-79)

Mary Neide Damico Figueiró (2006) explicita que a educação sexual voltada à emancipação é uma abordagem política, cunhada no Brasil na década de 80 pela estudiosa Maria Amélia Goldberg. A autora apresenta a importância de uma educação sexual emancipatória na formação continuada de professories (FIGUEIRÓ, 2006). Por fim, Sonia de Melo e Rosi Maria de Souza Pocovi afirmam que:

> educação sexual na perspectiva emancipatória é visualizada como uma intervenção qualitativa, intencional, no processo educacional que sempre está ocorrendo nas relações sociais. Essa abordagem mostra-se como um veio temático político-pedagógico fundamental que busca desalojar certezas, desafiar debates e reflexões, posturas fundamentais na busca do desenvolvimento pessoal do ser humano como um ser corporificado, sexuado, contribuindo na busca de cidadania para todos (p. 49). Ao reencontrar-se com sua corporeidade, o ser humano vê ampliada suas possibilidades de reassumir-se cada vez mais como sujeito pleno. E, ao sujeito pleno, fica mais fácil lutar pela liberdade de escolha de seus caminhos. Assim, não será tão facilmente manipulado para escolher a liberdade que lhe é proposta por alguém. (MELO; POCOVI, 2002, p. 52)

O público pesquisado não conhecia a palavra *emancipação* e tiveram dificuldade em compreendê-la. Durante minha explicação sobre o título da pesquisa, no primeiro encontro do PEASE, eu lhes disse que emancipação é mais do que ser livre para tomar decisões, é conhecer profundamente as opções e saber como te afetam, além de conhecer seus gostos em relação a isso, para aí de fato ser livre para tomar decisões de forma consciente.

Isso posto, defendo o conceito que intitula este trabalho: **Educação Afetivo-Sexual Emancipatória**, como um espaço de ensino-aprendizagem que pretende afetar e se deixar afetar, falar sobre afetos, rumando a emancipação dos indivíduos a partir do pensamento crítico, da consciência sobre si, seus gostos e vivências; um espaço de partilha e afeto onde laços sejam criados, possibilitando confiança para trocas significativas e abertura profunda entre participantes e educadore.

Na sequência, somo a essa constelação conceitual expressões relacionadas a gênero e sexualidade. Começando por **Heteronormatividade**, entendido como um sistema androcêntrico de construção de identidades, se baseia na ideia dos sexos naturais, opostos, hierárquicos e complementariamente heterossexuais, atrelando necessáriamente sexo à identidade de gênero, dando origem às violências de gênero - que devem ser entendidas para além das violências sofridas pelas mulheres (CARRERA-FERNÁNDEZ, 2019). Em passagens desta dissertação uso o termo **cisheteronormatividade**, que reforça que identidades cisgêneras também são tratadas como norma nessa matriz.

> A sociedade androcêntrica é aquela que, ao naturalizar uma visão de mundo masculina, elabora formas de dominação e opressão dos homens sobre as mulheres, as quais estão atravessadas por relações sócio históricas de um determinado espaço-tempo. A forma de dominação é o *patriarcado*, que traduzido em sua versão livre, seria o poder do pater, do pai, sobre todo o grupo familiar e agregados que orbitam à sua volta. Nesse sentido, o androcentrismo fundamenta uma visão de mundo de uma sociedade que elabora e organiza politicamente essa forma de pensar e agir, a partir do *patriarcado*, o qual está calcado na família nuclear, monogâmica, e no casamento heterossexual. Tudo isso dentro de uma sociedade que precisa controlar a descendência e a propriedade. (SILVA, 2022, p. 67, grifos meus)

Este último trabalho, de Lisiana Silva, discute conceitos de **Patriarcado** e faz reflexões sobre o livro Calibã e a Bruxa de Silvia Federici, a autora afirma que "A sustentação do patriarcado é a família nuclear, monogâmica e heterossexual, firmada a partir de um contrato que é o casamento, tanto na Atenas do século V quanto na sociedade capitalista." (SILVA, 2022, p. 78) e que "não há como derrotar o patriarcado, sem derrotar o capitalismo, uma vez que estes são interdependentes" (p. 80-81).

Queer se opõe a heteronormatividade como outras possibilidades de ser e fluir. É um movimento político, social, teórico, prático, individual e coletivo. Queer significa estranho, foi utilizado inicialmente como xingamento e depois ressignificado pelos desviantes como nome afirmativo identitário. Apesar de, na lógica queer, identidade não ter sentido, ser líquida, mutável, indescritível. O desaparecimento da identidade é a utopia da Teoria Queer, mas nesse longo caminho para a utopia é necessário tornar visíveis muitas categorias de identidade, denunciando violências diretas, simbólicas e estruturais que muitas identidades sofrem. (CARRERA-FERNÁNDEZ, 2019)

Os binários são alvo dessa política subversiva, entre elas a oposição binária heterossexual/homossexual, responsável pela reiteração de hierarquias e exclusão das multiplicidades (CASTRO; DOS REIS, 2018). Nessa lógica, queer amplia a ideia de que se é uma coisa ou outra, que o homossexual seria o contrário do heterrossexual, trans o contrário de cis, ampliando também novas possibilidades de identidade que foram sendo inseridas na sigla que um dia foi apenas LGBT. Essas "novas" identidades provocam descontinuidades e brechas constituindo uma ameaça à ordem social e política. Entretanto, mesmo considerados estranhos e anormais, os sujeitos marginalizados são necessários para delimitar a centralidade da norma (CASTRO; DOS REIS, 2018).

Queer significa colocar-se contra a normalização. Não basta apenas assumir que as posições de gênero e sexuais escapam dos esquemas binários, é necessário entender que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e que o lugar social em que alguns se encontram é exatamente a fronteira (LOURO, 2001). Uma pedagogia e um currículo queer devem apreciar a transgressão e o atravessamento das fronteiras, explorar a ambiguidade e a fluidez. Devem estar voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhar com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. "O currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações." (LOURO, 2001). Tomaz Tadeu da Silva argumenta que,

> tal como o feminismo, a teoria queer efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria queer quer nos fazer pensar queer (homossexual, mas também "diferente") e não straight (heterossexual, mas também "quadrado"): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar (...) Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa. (2010, p. 107)

Depois dessa ponte entre teorias feministas e queer trago o conceito que uso aqui de **Feminismo não binário**, baseado no conceito Feminismo transinclusivo e queer, que segundo o trabalho de María Victoria Carrera-Fernández, funciona como ferramenta privilegiada de questionamento da heteronorma, interroga as categorias sexo-gênero-orientação sexual, rumando a ruptura do binário normal-anormal e dos limites opressivos da identidade. A autora firma ser necessário avançarmos de uma pedagogia feminista para uma pedagogia transfeminista e queer (2019). Este artigo cita muito o livro Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, o que indica convergências entre esses pensamentos.

Sempre gostei de ser estranha. Acho que é porque ser normal nessa sociedade bizarra não me parece nada bom. Tenho me encontrado na não binariedade, como "pessoa que não se

encontre no espectro binário de gênero, ou seja, que não se identifique inteiramente como homem ou mulher" (CAÊ, 2020). Mas, nesse trabalho, **não binário** vai além do entendimento de uma identidade individual, diz respeito a proposta em não compactuar com normas binárias impostas socialmente.

Essa ficção que é o gênero, pensado de forma binária, de acordo com Lorenzo Bernini (2011), tem raízes no determinismo da ciência moderna, na qual variações da estrutura sexual macho ou fêmea são tidas como existências contranaturais. O que exclui boa parte da população que é biologicamente intersexo, essas existências provam que não existem apenas dois sexos. Em pesquisas, a Dra. Anne Fausto-Sterling observou que 1.7% da população é intersexo (2000). Considerando este dado, podemos imaginar que, em média, em uma escola com 1000 estudantes, haveria 17 intersexo. Onde estão essas pessoas? Se escondendo ou sendo escondidas desde a infância, sendo forçadas a se normalizar com cirurgias e tratamentos hormonais antes que possam tomar decisões quanto a isso.

> Falando sobre a variedade da Biologia, eu penso em uma variedade de corpos. (…) para além dos órgãos genitais, que tem milhões de morfologias, há também (...) homens que tem muito seio, mulheres que não tem muito seio, homens que têm deposição de gordura no glúteo, que são acinturados, mulheres que não tem isso, mulheres que tem barba, homens que não tem. Eu acho que qualquer atributo que seja atribuído ao masculino ou a feminino vai ser falho. (Naomi, diálogo-entrevista, agosto 2017. In: SANTOS; SILVA, 2019, p. 24)

Essas variações anatômicas, somada à existência interssexual, são fatores que tencionam o campo do ensino de biologia. Sandro Santos e Elenita Silva, neste trabalho *Experiências de pessoas trans: corpo, gênero, sexualidade e o ensino de Biologia* (2019), afirmam que nesse campo de ensino vêm sendo questionadas as definições normativas pautadas em cromossomos, hormônios e órgãos, "femininos" ou "masculinos". Isso posto retomo com Bernini, que afirma que a

> categoria de transgender é o instrumento crítico mais eficaz para se contrapor a formas de violência cirúrgica como estas e, em geral, a toda forma de violência física ou moral sofrida por quem manifesta um gênero ou uma orientação sexual não previstos pelos padrões da matriz heterossexual. Em uma perspectiva transgender, a sexualidade não representa uma alternativa rígida entre o masculino e o feminino, mas se configura como uma progressão entre o masculino e o feminino rica de nuances. (2011)

Neste mesmo artigo, Bernini cita Herbert Marcuse (1955) que denominava a sexualidade infantil como originária, indiferenciada, a chamava de "bissexualidade originária"; e Mieli (1977), que ia além, afirmando que nas origens todo ser humano é transexual. Para Mario Mieli, todo ser humano, se seguisse sua natureza, não sentiria apenas desejos sexuais voltados para pessoas de sexo masculino ou feminino, mas sentiria também as vestes sociais, seja do homem, seja da mulher, muito apertadas. "Mieli propaga uma

revolução que deveria terminar com a libertação da *transexualidade originária* comum para todos os seres humanos" (BERNINI, 2011, grifo meu).

Pensando na transexualidade originária trago agora o conceito de **Colonialidade de Gênero**, cunhado por María Lugones (2014), compreendido como imposição colonial do sistema europeu de gênero, que hierarquiza dicotomicamente o humano e o não humano, tornando essa distinção como a marca da civilização. Homens ou mulheres eram apenas os civilizados, enquanto os povos indígenas e africanos eram classificados como espécies não humanas, como animais selvagens. Essa distinção veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo a entre homens e mulheres. O homem europeu, burguês, heterossexual, cristão, era considerado um ser de mente e razão, apto a decidir e governar. Em contraponto, a mulher europeia era entendida como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês.

Essa brutal marca colonial está perpetuada nos territórios mesmo com o fim da colonização direta. Não precisamos mais da regulação monárquica, ditatorial, ou inquisitiva para doutrinar corpos, gêneros e sexualidades. Hoje essa auto regulação se dá de forma quase orgânica e incide sobre corpos, mentes e produção de conhecimento.

> Assim, pessoas indígenas que passaram a ser consideradas, por conta da colonialidade de gênero, dissidentes de gênero e/ou dissidentes sexuais, têm trazido à luta anticolonial dos povos originários também as suas pautas. Desse modo, essas pessoas não apenas denunciam a colonialidade de muitos discursos contemporâneos sobre gênero e sexualidade, como também têm retomado identidades e práticas que foram silenciadas durante a colonização. (MUNIZ, 2023, p. 280)

Anticolonial, termo entendido como resistência contra o colonialismo externo e interno e as colonialidades. Essa luta anticolonial possui várias frentes: as ações de retomadas territoriais, revitalização de línguas nativas, resgate de práticas culturais, sociais, religiosas e de práticas e identidades sexuais e de gênero tradicionais que existiam antes da colonização e foram perseguidas e silenciadas por ela (MUNIZ, 2023).

As colonialidades estão profundamente imbricadas aos interesses capitalista, assim como o **Racismo Ambiental**, expressão esta que começou a ser utilizada com a luta de negros estadunidenses por ambientes ecologicamente equilibrados, atrelado à justiça social e ao fim do racismo institucionalizado. Segundo Arivaldo Santos de Souza (2015), estudos identificaram padrões de localização de atividades perigosas à saúde e de seus resíduos, em comunidades não brancas e/ou pobres. Assim, ambiente sadio passou a ser visto como direito básico. Neste conceito a palavra ambiente é muito mais ampla do que costuma ser empregada por cientistas naturais, não diz respeito a sistemas biofísicos sem pessoas, "trata-se de um

sistema geográfico que comporta pessoas e suas atividades diárias de trabalho, moradia, recreação, devoção, deslocamentos urbanos e toda uma gama de atividades necessárias à fruição da vida que requeiram a disposição do espaço geográfico.” (SOUZA, 2015, p. 33).

> Racismo ambiental é discriminação racial na tomada de decisões, (...) na efetivação das normas, (...) na alocação deliberada de lixo tóxico e indústrias poluentes em comunidades vulnerabilizadas, (...) no consentimento público de fatores de risco à saúde e vida humana em comunidades de cor. E (...) na histórica exclusão de pessoas de cor dos principais grupos ambientalistas, direção de agências ambientais, comissões e órgãos reguladores (CHAVIS JR., 1993, p. 3, *apud* SOUZA, 2015, p. 30).

Ailton Krenak explica este mesmo processo sobre outra ótica:

> A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (2019, p. 12).
>
> Muita gente saiu da zona rural para liberar a área para o agronegócio e foi passar fome nas cidades. (...) Nossa tecnologia para produzir pobreza é mais ou menos assim: a gente pega quem pesca e colhe frutos nativos, tira do seu território e joga nas periferias da cidade, onde nunca mais vai poder pegar peixe para comer, porque o rio que passa no bairro está podre (KRENAK, 2022, p. 56).

Fica nítido com os conceitos elencados anteriormente o caráter **Anticapitalista** que esta pesquisa apresenta, uma vez que, o capitalismo sustenta o patriarcado (SILVA, 2022), as colonialidades e o racismo ambiental.

> O capitalismo precisa de uma plataforma - que é urbana. (...) a urbanidade instituiu um modo de vida que já está sendo chamado de necrocapitalismo (KRENAK, 2022, p. 57).

Nunca acreditei em cidades, não me sinto bem em metrópolis, sua existência em si já é um fracasso, seu destino então…

> Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p. 19)

Seguindo a sugestão de Ailton, convoco agora a voz de Paul Preciado para contar sua história, sobre seu processo de redesignação de gênero como homem trans, a qual introduz para apresentar o conceito **Dysphoria Mundi,** que também manipulo neste trabalho. Antes de falar do conceito, vamos à história de Preciado:

> Tive que me declarar louco. Afetado por um tipo de loucura bem particular que chamam de disforia. Tive que declarar que minha mente estava em guerra com meu corpo, que minha mente era masculina e meu corpo feminino. A bem da

> verdade, não sentia distância alguma entre o que chamavam de mente e o que identificavam como corpo. Queria mudar, isso é tudo. E o desejo de mudança não diferenciava entre a mente e o corpo. Eu estava louco, talvez, mas, se era assim, minha loucura consistia em rejeitar a antinomia entre esses dois polos, feminino e masculino, que para mim não tinham mais consistência que uma combinação sempre variável de cadeias cromossômicas, secreções hormonais, invocações linguísticas. Eu estava louco, talvez, mas, se era assim, minha loucura era tão espiritual quanto orgânica. Essa disforia era a dona de minha alma e de minhas células. Sentia atração por outra coisa, por outro gênero ou, melhor ainda, por outra modalidade de existência. (PRECIADO, 2022, p. 9)

Na sequência, continua a história apresentando o conceito:

> Minha condição vital de sujeito mutante e meu desejo de viver fora das prescrições normativas da sociedade binária heteropatriarcal foram diagnosticados como uma patologia clínica denominada "disforia de gênero". Sou apenas um dos seres que teimam obstinadamente em recusar a agenda política que lhes foi imposta desde a infância. Diante da arrogância das disciplinas e técnicas de governo que emitem este diagnóstico, tento um zap filosófico: deslocar e ressignificar esta noção de disforia para compreender a situação do mundo contemporâneo em seu conjunto, a brecha epistemológica e política, a tensão entre as forças emancipadoras e as resistências conservadoras que caracterizam nosso presente. E se a "disforia de gênero" não fosse um transtorno mental, mas uma inadequação política e estética de nossas formas de subjetivação em relação ao regime normativo da diferença sexual e de gênero? (PRECIADO, 2022, p. 13-14)
>
> A condição planetária epistêmico-política contemporânea é uma disforia generalizada. Dysphoria mundi: a resistência de uma grande parte dos corpos vivos do planeta à subalternização dentro de um regime de conhecimento e poder petrossexorracial; a resistência do planeta vivo a ser reificado como mercadoria capitalista. Com a noção de dysphoria mundi, não pretendo de modo algum fixar a disforia como um lugar naturalista, nem como condição psiquiátrica que descreve o presente. Muito pelo contrário: tento entender as condições descritas como disfóricas não como patologias psiquiátricas, mas como formas de vida que anunciam um novo regime de saber e uma nova ordem político-visual a partir das quais pensar a transição planetária. As disciplinas modernas, como a psicologia ou a psiquiatria e a farmacologia normativas, que trabalham com a dor psíquica e a comerciam, devem ser substituídas por práticas coletivas experimentais capazes de elaborar e reduzir a dor epistêmica. A arte, o ativismo e a filosofia possuem essa capacidade (p. 14).
>
> A disforia não existe como doença individual. Ao contrário, é preciso entender a dysphoria mundi como efeito de uma defasagem, de uma brecha, de uma falha entre dois regimes epistemológicos: entre o regime petrossexorracial herdado da modernidade ocidental e um novo regime ainda balbuciante que se forja através de atos de crítica e desobediência política. É preciso entender a dysphoria mundi como uma condição somatopolítica geral, como a dor produzida pela gestão necropolítica da subjetividade ao mesmo tempo que assinala a potência (não o poder) dos corpos vivos do planeta (incluído o próprio planeta como corpo vivo) para extrair-se da genealogia capitalista, patriarcal e colonial através de práticas de inadequação, de dissidência e de desidentificação. Revolução ou repressão, destruição ou cuidado, emancipação ou opressão são agora forças que atravessam todos os continentes, sem que as divisões nacionais ou identitárias possam servir como linhas de segmentação. Dysphoria mundi. (p. 19-20)

Somada a essa ideia, acrescento informações sobre o nomadismo do meu povo, trazidas por Kigéw Puri, que muito se relacionam com as (im)possibilidades de ser e mudar:

> o pensamento indígena também era nômade, e da mesma forma como transitavam entre diferentes lugares, diferentes espíritos, encantados ou ancestrais (...) um papel social poderia ser assumido e depois descartado, e os casamentos eram feitos e desfeitos com absoluta tranquilidade. Histórias, mitos e lendas falam sobre pessoas se transformando em bichos, plantas e minerais, e vice e versa, se era possível

> transitar entre corpos de diferentes espécies, por que não entre corpos de diferentes sexos? (2023, p. 309)

Penso sobre mim, que sempre fui nômade, nunca consegui ficar muito tempo em um mesmo lugar e sempre lidei muito bem com mudanças. Deleuze diz que:

> O nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes; ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos. (Deleuze, 2005, p. 320 *apud* Kigéw Puri, 2023, p. 308)

Que nossa capacidade nômade nos permita escapar aos surtos e binaridades desse mundo disfórico!

Análise Textual Discursiva

Picotar
Destruir
Desorganizar
Bagunçar
Caos
Olhar
Intuir
Tentar
Reordenar
Construir
Novo

Eu sinto
que esse já é meio
que o jeito que eu costumo escrever fazendo pesquisa mesmo:
joga tudo, fica uma zona,
aí bagunça mais tentando juntar os semelhantes,
pra depois vir arrumando, conectando,
destruindo, mastigando, ruminando, ressignificando…

A metodologia de análise das interações discursivas observadas durante o desenvolvimento do projeto, e de construção escrita dos resultados, é a Análise Textual Discursiva - que conta com a desconstrução para reconstrução desses discursos junto à bibliografia e à voz da pesquisadora. A ATD foi escolhida por minha percepção de ser a que melhor dialoga o que é encontrado nos discursos com a bibliografia analisada e minhas

percepções, possibilitando criar metatextos com interpretações únicas que emergem intuitivamente (MORAES, 2003). Essa metodologia brasileira, cunhada por Maria do Carmo Galiazzi e Roque Moraes, rompe "com o paradigma dominante de ciência, fundamentado em suposta verdade, objetividade, neutralidade" (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 122), uma vez que assume o pesquisador como sujeito com interpretações próprias.

Segundo este mesmo artigo, o processo da ATD também ocorre na fase inicial da pesquisa, em forma de tempestades de ideias. Através dela, compreendemos os fenômenos a partir de análise criteriosa das transcrições de áudio, em paralelo à bibliografia. Essa metodologia desestabiliza a ordem, desorganizando o conhecimento existente - no caso, os diálogos e textos utilizados como referência - levando o sistema semântico ao limite do caos.

> A partir disso criam-se as condições para a emergência de interpretações criativas e originais, produzidas pela capacidade de estabelecer e identificar relações entre as partes e o todo, tendo como base uma intensa impregnação no material de análise. (MORAES, 2003, p. 196).

No primeiro momento há a fragmentação de unidades de significado, desmontando os textos para, na sequência, unir as unidades semelhantes, construindo categorias, estabelecendo relações entre os elementos, sempre prezando que estes mantenham seu sentido original. Nesse processo, captamos o novo emergente, chegando a compreensão renovada do todo. Permitindo a auto-organização da escrita em forma de metatextos. Esse ciclo de análise, por mais que seja composto de elementos racionalizados, constitui um processo que se organiza por ele próprio, do qual emergem novas compreensões por intuição (MORAES, 2003).

Por se tratar de um texto auto-organizado, é necessário deixar que os fenômenos se manifestem, sem impor-lhes direcionamentos, exercitar uma atitude fenomenológica. "Os resultados finais, criativos e originais, não podem ser previstos" (MORAES, 2003, p. 192). Assim foram construídos os quatro metatextos presentes neste trabalho, na tentativa de criar metatextos. Seus temas e conteúdos surgiram a partir da imersão nos diálogos, quando semana após semana eu me reunia com minha orientadora para conversar sobre o que havia ocorrido e replanejar o próximo encontro, nessas reuniões já vislumbramos caminhos de metatextos a partir do caderno de campo e leitura inicial das transcrições. Ao fim do PEASE, relendo as transcrições, esse quebra cabeça foi terminando de se formar, no copiar e colar os corpos dos metatextos foram se estabelecendo.

Os temas dos metatextos se conectaram muito aos temas geradores encontrados na execução das atividades com o grupo de adolescentes, indicando possível conexão entre essas duas metodologias. Nesse processo mutante de construção escrita, apesar da tentativa de que cada situação permaneça com seu sentido original, isso é muito relativo, porque, para um

texto, muitas vezes cabem diversas interpretações, que são dependentes de quem são os referenciais teóricos de quem está lendo. Moraes afirma que:

> Toda leitura é feita a partir de alguma perspectiva teórica, seja esta consciente ou não. Ainda que se possa admitir o esforço em colocar entre parênteses essas teorias, toda leitura implica ou exige algum tipo de teoria para poder concretizar-se. É impossível ver sem teoria; é impossível ler e interpretar sem ela. Diferentes teorias possibilitam os diferentes sentidos de um texto. Como as próprias teorias podem sempre modificar-se, um mesmo texto sempre pode dar origem a novos sentidos (2003, p. 193).

O exercício da escrita é o mecanismo da ATD para produção de significados, chamando outras vozes para melhor compreender um raciocínio anterior (MORAES; GALIAZZI, 2006). A qualidade dos metatextos resultantes não depende apenas de sua validade e confiabilidade, mas é, também, consequência da pesquisadora assumir-se como autora de seus argumentos. Essa qualidade é atingida por meio de movimentos em espiral de retomada da observação dos fenômenos, possibilitando uma compreensão aprofundada e globalizada, que enxergue multicausalidades e causalidades recíprocas (MORAES, 2003).

Um grande desafio com a escolha desta metodologia é o de construir "argumentos centralizadores" ou "teses parciais" para cada metatexto. Essas teses parciais devem constituir argumentos capazes de construir validação e defesa de uma tese principal. Sabendo que "chegar a esses argumentos novos e originais não é apenas um exercício de síntese. Constitui-se muito mais em momento de inspiração e intuição resultante da impregnação intensa no fenômeno investigado." (MORAES, 2003, p. 203).

A ATD é nítida principalmente nos metatextos, mas também a enxergo presente em todo meu processo de escrita, esse processo de picotar, bagunçar, redistribuir e reorganizar aconteceu em todo esse escrito diversas vezes, esse constante vai e vem, mudanças sem fim, entendendo a rizomaticidade aqui presente, as coisas se conectam para além da cronologicidade, não constituem um plano cartesiano. Constituem-se de múltiplas tentativas, na busca do melhor encaminhamento (MORAES, 2003).

Alguns dos diálogos aqui presentes podem passar a impressão de estarem meio soltos, sem profundidade em certas análises possíveis. Concordo. Mas havia duas opções: reduzir a quantidade de interações discursivas aqui presentes, ou fazer o meu melhor para analisar todas que escolhi com o tempo que eu tenho, ou seja, como está aqui. Para mim essa primeira opção é inconcebível, como eu deixaria de trazer diálogos tão significativos como todos estes aqui presentes? Diálogos incríveis e cômicos. Ou ao menos para mim… Neste caso, não consegui abrir mão de nenhum, estão todos aqui. Alguns terão partes esmiuçadas, atreladas a várias ideias e autories, outros apenas estarão aqui existindo, cabe a quem lê interpretar, ou também

não interpretar, apenas contemplar a existência dessas falas, que pra mim já dizem muito por si próprias. O mesmo acontece com muitas citações e devaneios irônicos aqui presentes, trazidos como poesia, para afetar e fazer cócegas nas ideias.

Assim como Gloria Anzaldúa, não pretendo presumir que quem lê está com preguiça e quer tudo explicadinho, que não quer ter o trabalho de pensar, "o que me diverte na leitura são esses vãos aos quais posso trazer minha experiência naquela escrita e usar imagens concretas para me perder na minha própria experiência." (ANZALDUA, 2017, p. 9).

RELEVÂNCIA DE DESENVOLVER UMA EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL

Inicio essa seção resumindo a seguinte fala de Freire citada na dissertação *A categoria emancipação em Paulo Freire e suas contribuições para um processo de educação sexual emancipatória de* Isabel Cristina Uarthe Decker: "A educação sexual não leva à promiscuidade (…) no momento em que você, num trabalho sério crítico, sobre sexualidade, desafia" jovens a pensarem sobre seus corpos, descobrem "a importância de seu corpo no mundo. A importância de descobrir, desinibidamente, o seu corpo no mundo", é descobrir "o corpo com o mundo, o corpo com os outros. O que leva ao descompasso" é esconder o corpo em um "esconderijo para não desvelar nunca o corpo." Esse esconderijo do corpo não leva à "curiosidade, mas a perdição dele mesmo." (1997a, p. 2 *apud* DECKER, 2010, p. 61-62)

Isso posto, afirmo que as relações afetivas e sexuais são intrínsecas ao ser humano, responsáveis por vivermos em comunidade, através do colaborativismo e da competição, como também por constituirmos famílias e pela manutenção da espécie. Em todas as fases da vida passamos por descobertas sobre relações e sensações, inclusive físicas, envolvendo prazer, curiosidades e até mesmo incômodos. Desta forma, espaços de ensino-aprendizagem, precisam garantir às crianças e adolescentes acolhimento e segurança para essas descobertas. Bem como, para que possam compreender o funcionamento sexuado dos corpos e possíveis consequências de ações em relações afetivas-sexuais.

É necessário possibilitar aprendizagens sobre respeito e individualidade, orientar estudantes a não permitirem que outras pessoas se relacionem com iles de maneiras abusivas. Desenvolvendo vínculos de confiança e partilha em ambientes educacionais (escolas ou outros espaços que se propõem a realizar atividades educativas) para caso alguém esteja sofrendo alguma forma de abuso, providências sejam tomadas a fim de encerrar tal situação.

A pesquisadora Andreza de Castro Leão (2010) afirma que o trabalho com Sexualidade e Educação Sexual geralmente tem como entraves o desconhecimento, o preconceito, o tabu e a discriminação. Entretanto, esse quadro pode ser revertido, uma vez

que, segundo Stuart Hall (2000), nosso processo de formação identitário nunca está completo, no sentido de que podemos ganhar e perder, sustentar ou abandonar essas identidades.

Gênero e sexualidade extrapolam as questões trabalhadas nas aulas de ciências, que em geral são focadas nas diferenças anatômicas dos corpos. A pesquisadora Claudia Vianna (2009) mostra como as definições sociais e as expectativas impressas pelos adultos, como a diferenciação de modos de ser entre meninas e meninos, moldam os comportamentos, criando um falso conceito de que certos objetos, condutas, gostos e habilidades são ligados ao sexo biológico. A escola e professories, infelizmente, realizam um grande papel de doutrinação de comportamentos, quando, desde a menor infância, intitulam determinadas práticas como "de meninos" ou "de meninas", reforçando padrões de gênero.

Essa forma de atuação também acontece comumente nas famílias e nos demais meios sociais. As consequências negativas são graves, uma vez que as identidades "não são simplesmente definidas; elas são impostas" (DA SILVA, 2000, p. 81). Segundo Preciado:

> Nas sociedades modernas, a alma instala-se primeiro como um implante vivo na carne, e, em seguida, à medida que cresce, é esculpida como um bonsai, através de treinamento e castigo repetitivos, invocações linguísticas e rituais institucionais, que visam reduzi-la a uma determinada identidade. Algumas almas desdobram-se mais que outras, mas não há almas no jardim dos vivos que não sejam efeito de implante e poda. (2022, p. 11-12).

Considerando esse poder que temos nas construções identitária, é essencial nos atentarmos a não reforçar binarismos de gênero em nossas falas e práticas, não fortalecendo a mitologia do gênero - que tenta moldar corpos, ações e desejos, excluindo de formas perversas quem não consegue se enquadrar e fazendo prisioneire dessa ficção quem consegue. Essa mudança é um grande desafio, pois diz respeito a concepções prévias carregadas desde a infância, originadas na educação familiar, nas nossas observações do mundo, como também na educação formal que nos submeteram.

Essa dificuldade em alterar a abordagem de ensino ocorre em todas as áreas, uma vez que o exemplo é uma relevante fonte de aprendizado, como traz Miguel Arroyo: "Repetimos traços de nossos mestres que, por sua vez, já repetiam traços de outros mestres." (2000, p. 124). Contudo, a magnitude desse desafio não é motivo para a inação, pelo contrário. Parte da sociedade tem demonstrado abertura à discussão dessas temáticas, desconstruindo dogmas antigos. Onde não há abertura a passagem tem sido forçada pelos grupos minoritarizados.

Nas aulas de ciências, a temática sexualidade geralmente é abordada com enfoque nos aspectos biológicos e reprodutivos, limitando-se ao ensino de conceitos a serem decorados para realizar provas, como comumente ocorre em outras disciplinas, como se fosse algo externo ao indivíduo. O conteúdo biológico sobre prazer e atração, entre outros que despertam

grande interesse, não estão presentes na maioria dos materiais didáticos da educação básica. O foco está, muitas vezes, em recriminar e culpabilizar as meninas quanto à gravidez na adolescência e "ensinar" como evitar o contágio por infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) - esse ensino, porém, comumente está muito aquém do básico, uma vez que o sexo é tratado apenas como a penetração heterossexual (CASTRO; DOS REIS, 2019), excluindo os alunos que não se identificam com esse padrão ou que vão passar por outras experiências.

Logo, percebe-se o que Maria Cláudia Dal'igna *et al* afirmam: "a sexualidade não pode ser pedagogizada e reduzida a conhecimentos sobre anatomia corporal, prevenção de doenças ou gravidez na adolescência" (2016, p. 475). Apesar desse quadro, são também nas aulas de Ciências e Biologia que discussões de gênero e sexualidade estão presentes historicamente, seja em conteúdos programáticos, ou em 'brechas' criadas para articular os conhecimentos das Ciências da Natureza aos estudos contemporâneos de gênero advindos das Ciências Sociais e Humanas (CASTRO; DOS REIS, 2019).

No âmbito legislativo, a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1997, propunha "a transversalização da temática sexualidade na escola, no entanto, devido à falta de preparo e capacitação em relação ao tema e à abordagem transversal, essa proposta não se efetivou de fato." (MATOS; CORRER, 2019, p. 299) Todavia, nos últimos anos, segundo Paulo Ribeiro e Solange Monteiro:

> o Brasil foi tomado por um discurso anti-sexual e opositivo às liberdades conquistadas anteriormente, em nossa história. Desde então, se propaga pensamentos atrelados ao conservadorismo baseados em um fundamentalismo cristão exacerbado (2019, p. 1257 *apud* MATOS; CORRER, 2019, p. 302).

Este mesmo artigo cita Apoliana Regina Groff sobre essa onda conservadora:

> Foi retirado do PNE 2014-2024, o conteúdo que versava pela igualdade de gênero e de orientação sexual e também relacionado à promoção da igualdade racial. Tornando evidente, um movimento fundamentalista no Brasil, tendo representatividade na câmara federal dos deputados pela chamada "bancada evangélica" e deputados católicos conservadores. Empenhados em negar o entendimento de gênero como uma construção histórica, social e cultural, sendo negado por estes setores conservadores a possibilidade de uma educação inclusiva pautada nos direitos humanos (Groff *et al*, 2015 *apud* Matos; Correr, 2019, p. 299).

Em relação à Base Nacional Comum Curricular, "o documento oficial apresenta a sexualidade apenas por meio de sua dimensão biológica, vinculando as práticas à prevenção da gravidez e infecções sexualmente transmissíveis." Ignorando a diversidade de gênero e tratando os direitos humanos de forma superficial (Silva; Brancaleoni; Oliveira, 2019 *apud* MATOS; CORRER, 2019, p. 301). Faz-se necessária uma educação afetivo-sexual livre de dicotomias, para deixar de confirmar a fala de Nadja Hermann (2014, p. 479) que "a educação tende a ver o outro como tudo o que se opõe às idealizações: o bárbaro, o selvagem, o infiel".

É essencial considerar as noções e emoções que estudantes trazem sobre sexo e possibilitar reflexões e debates, para que alunes construam suas opiniões de maneira crítica, em um ambiente que se sintam confortáveis para dialogar sobre suas dúvidas e sentimentos. Suzinara Tonatto e Clary Sapiro (2002) afirmam que a realização de um trabalho a longo prazo, fundamentado na interdisciplinaridade, tem significativa importância no desenvolvimento psicossocial e no processo de formação para a cidadania dês estudantes.

Por isso é tão urgente uma formação de professories, inicial e continuada, que contemple e atualize uma educação afetivo-sexual, com escuta, respeito e compreensão à diversidade, pensando desconstruções dos binarismos e construção da não-binaridade. O primeiro projeto de mestrado que escrevi foi para formação de professories nesta temática, depois percebi que ainda não tinha bagagem para tal. Entretanto, friso que urge essa necessidade para transformação brusca do sistema e de vidas, não apenas na área de biologia, mas sim em todas.

Dez anos já é adolescente? - Metatexto 1

Utilizo neste trabalho a definição de adolescente trazida na 'Caderneta da Saúde do Adolescente' - desenvolvida pelo Ministério da Saúde e entregue as integrantes do meu projeto, na escola municipal onde cursam o 6º ano:



> [...] para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)… adolescente é a pessoa que tem entre 12 e 18 anos de idade. Porém, os serviços de saúde consideram a adolescência a fase entre 10 e 19 anos, pois, a partir dos 10 anos, iniciam-se várias transformações no seu corpo, no seu crescimento, na sua vida emocional, social e nas suas relações afetivas. (BRASIL, 2009, p. 7)

Defendo que a educação afetivo-sexual deve nos acompanhar desde a infância, não apenas quando entramos na puberdade. Entretanto, como essa é uma fase onde tudo está mais à flor da pele - as alterações hormonais, os interesses, as dúvidas, as necessidades de se entender e de se afirmar - acredito que esse seja um momento propício para aprofundamento na EAS. Não deixando de lado a temática de preservativos a partir dos 10 anos, uma vez que é comum iniciações sexuais nesta idade. Essa afirmação é confirmada pelo nascimento no Brasil, em 2019, de 19.330 bebês filhos de meninas de 10 a 14 anos (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos – SINASC *apud* Amanda Aguiar Resende, 2021).

Escolas e outros espaços que trabalham com educação afetiva-sexual não podem ignorar iniciações sexuais que acontecem ainda na infância. Ademais, a contaminação de jovens por ISTs está aumentando pela redução do uso de preservativos nos últimos anos (Ministério da Saúde *apud* Mariana Santos Felisbino-Mendes *et al* 2021). Não devemos esperar para ensinar sobre o uso de preservativo quando muitos já tiveram sua iniciação -

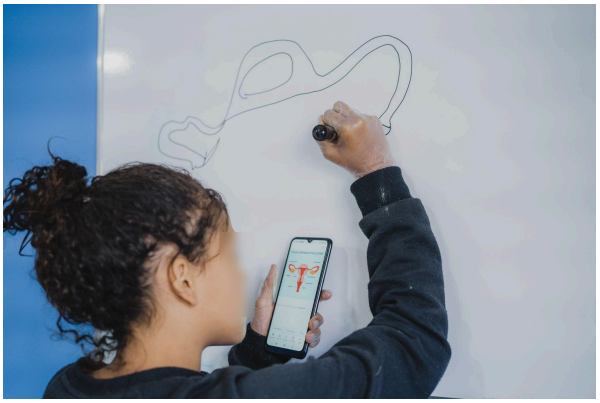
comumente de forma insegura, sem preservativo ou o utilizando de forma errada. Em nossos encontros tivemos afirmações como “minha prima falou assim que usar camisinha transando é ruim, ela transa é sem”, que compõe um imaginário que é reproduzido mesmo por quem nunca teve esta experiência.

Outro motivo para se introduzir EAS desde a infância é que é justamente nesses espaços que muitas denúncias de abusos surgem. Uma jovem mãe que estava presente em alguns dias das oficinas contribuiu com a seguinte fala sobre a educação de sua filha: “Quando ela crescer eu vou deixar ela ciente de tudo. É mais fácil, melhor cê já crescer ciente, do que acontecer um acidente e você não saber o porque aconteceu, ou como ocorreu.” Que também relatou sobre sua primeira vez: “A qualquer dia, qualquer momento pode chegar, isso não é uma vergonha. Qualquer momento chega, cê nunca tá preparada, eu mesma não tava preparada quando eu perdi a minha, eu não tava preparada não, nem sabia que ia acontecer”.

Existe um discurso forte em nossa sociedade, que ensinar a usar preservativos nessa idade seria um incentivo para que façam sexo, o que não é verdade. A conscientização e estes aprendizados são importantes para caso decidam fazer, ou para caso aconteça sem planejamento prévio, saibam se prevenir, que entendam os riscos, para que se preparem até o momento que de fato queiram e se sintam prontos, como também para que confiem em um adulto a quem recorrer caso algo saia de controle. EAS não é apenas ensinar a se prevenir de doenças e filhos, essa é a ponta do iceberg, é conversar sobre afetos, gostos, expressão de gênero, expectativas familiares, pressões sociais e criação de espaços seguros para que se expressem, tirem dúvidas e se interessem em aprender.

Ademais, conhecimentos não se solidificam no primeiro contato, principalmente num campo tão vasto e tão novo para iles quanto este. O desenvolvimento de novo aprendizado e nova percepção acontece ao percebermos nossa percepção anterior e realizarmos a descodificação da situação (FREIRE, 1974). Neste projeto, aconteceram 9 encontros de 2 horas cada, 18 horas no total! É muito tempo e tão pouco ao mesmo tempo, poderíamos continuar o ano inteiro, sempre haveriam dúvidas, anseios, novas temáticas a serem trabalhadas.

Só foi possível tratar temas mais amplos e sensíveis por não adentrarmos nos conteúdos de embriologia e muitos conceitos científicos que verão em sua caminhada escolar. Tratamos de conceitos como espermatozóides, útero e hormônios de formas mais superficiais de acordo com os temas e dúvidas que trouxeram. Até mesmo o contato com as camisinhas, aparentemente foi o primeiro, já tinham visto, mas a primeira vez que pegaram, abriram, sentiram a textura e quem quis, experimentou colocar a masculina em uma cenoura.

Fotografias 1 e 2: Diálogo sobre preservativos após a dinâmica das luvas, em nosso último encontro.
Fonte: Acervo da autora.

Nesse processo também desenhamos uma vulva em um quadro branco e olhamos imagens, com isso foi possível perceber que as meninas no geral não conhecem essa parte do seu corpo, não sabem de qual buraco sai o que, desconhecem a existência do clitóris. São tantas questões que é impossível um projeto tratar de toda EAS necessária para a vida. Idealmente, ano após ano, esse âmbito da vida lhes será apresentado com profundidades adequadas para cada idade e irão se conhecendo como seres sexuados.

É um trabalho de autoconhecimento, portanto contínuo, não é um conteúdo escolar, mas sim um aprendizado para a vida, que necessita ser trabalhado todo ano na escola, não apenas pontualmente no terceiro ciclo do ensino fundamental e/ou no ensino médio. Entretanto, como não escapa aos setores conservadores o caráter político que têm as relações de gênero e sexuais, estes disputam todos os espaços em que uma "educação sexual" possa ser desenvolvida. As políticas curriculares são alvo de atenção, na tentativa de regular e orientar crianças e jovens dentro dos padrões considerados moralmente sãos (LOURO, 2007).

Existe a ilusão de que se não falarmos sobre esse assunto as crianças não terão contato com essa temática e permanecerão “puras”, mas na prática estão imersas em sexualidade o tempo todo, em atividades escolares, seus desejos, curiosidades e sentimentos, nas músicas que escutam e em tantas coisas que acessam nas mídias, assim como o que observam dentro de casa. Nos nossos encontros houveram relatos de ouvir pais transando, como a fala de Sabrina: “Minha mãe arruma umas gritaria, acha que a gente não tá escutando…” e a de Rafaela “eu me incomodo com a cama fazendo barulho e com a porta fechada”, de Joana encontrar baralhos sexuais nas coisas da madrasta e também falando sobre camisinha:

Joana: Meu pai anda com isso daqui dentro da mochila, o guarda roupa dele é cheio dessa porcaria… Lá no posto tem uma caixa, aí outro dia eu fui lá com meu pai ai eu perguntei ele antes de ter essa aula, “que que isso pai?”, aí ele não quis me falar.

Sofia: Tem uma caixa lá em casa.

Rafaela: Minha mãe também tem uma caixa… Lá eu vejo de várias cores, vários sabores.

Podemos observar a consciência de Sofia que diz: “Minha mãe vende pinto, vende aquelas bolinhas não sei pra que, ela vende óleo…” e o contrário, quando Joana, já nas últimas aulas, me pergunta “cê sabe o que significa essa música ‘senta na pica que faço neném’?”, todes cantaram e dançaram e ninguém tinha ideia do que se refere a letra, mesmo quando conversamos sobre o significado de ‘pica’, não conseguiram conectar os termos.

Houveram relatos de já ter assistido pornô, quando estávamos tratando de reprodução Larissa falou: “Minha mãe me explicando... Eu beijei na boca, a cegonha entrou dentro da minha boca. Aí eu pesquiso lá: sexo... Quando eu vi, x-vídeo, ai eu aperto x-vídeo e vi eles fazendo tudo lá.”. A pornografia, apesar de ser uma ampla educadora sexual (MONTEIRO; VIANNA, 2019) é potencialmente danosa para quem assiste e a toma por referência - no terceiro metatexto aprofundaremos neste tema.

Outro menino, que afirmou saber muito sobre posições sexuais e afins, fez a seguinte afirmação quando perguntamos o que ele sabia, desviando de responder a pergunta: “O *google* ensina tudo”. Se queremos que construam na juventude uma sexualidade saudável é importante que tenham referências saudáveis sobre sexo, diferente de muita coisa (pra não dizer a maioria) que se encontra na internet. Quando não há um diálogo aberto acerca do tema dentro de casa, percebemos conflitos como o presente no diálogo a seguir, na tentativa de alguns pais controlarem esse acesso às mídias pelo filho e nas tentativas deste de burlá-las, apimentada pelo desejo de afirmar sua emancipação:

Joana: Se eu pesquiso isso no meu telefone e meu pai descobrir...

Pedro: Bom que eu pesquiso e apago depois.

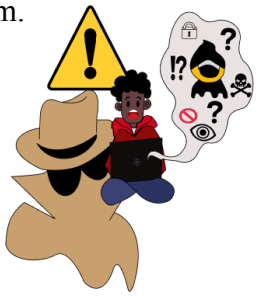
Sofia: Pedro apanha porque ele aceste com o telefone da mãe dele, a mãe dele quebra ele!

Pedro: Eu tenho meu telefone!

Joana: Meu telefone não é conta controlada pelo meu pai! Des do primeiro dia que meu pai me deu meu telefone, meu pai nunca mexeu no meu telefone.

Rafaela: Eu nunca tive um telefone na minha vida.

Sabrina: O meu é controlado pela minha mãe, tudo que eu mexo vai pra minha mãe e eu não ligo disso porque eu não mexo em nada. Eu não converso com ninguém.



Joana: Até no wpp?

Sabrina: Até no wpp, tudo, só que mesmo assim ela mexe.

Pedro: O meu não é controlado.

Sofia: É sim!

Na dinâmica ‘desvendando músicas e danças do TikTok’ observamos uma fala inocente que não enxerga alguém “menor de idade” como objeto de desejo, misturada com outra que faz uma interpretação diferente da letra da música, também numa versão “inocente”, ao passo que uma terceira culpabiliza essas meninas de forma violenta:

Pedro: A neném com cara de malvada não é um bebe, é um maior de idade, 26/27 anos na coluna, com cara de malvada, tá querendo alguma coisa...

Maitê: E porquê que chama ela de neném se ela tem 26/27 anos?

Pedro: Aí eu já não sei.

Sofia: A mulher, com cara de malvada, com um neném, descendo do uber com a cunhada.

Maitê: E cê acha que por que que tem muitas músicas que o homem fala novinha?

Joana: Porque ele tá gostando dela?

Valentina: ...uma safada!

Maitê: Mas cês acham que quando fala novinha, é alguém de 26 anos ou alguém mais nova?

Alice: Que que é alguém novinha?

Sofia: Eu.

Valentina: Tem gente que é menor de 14 anos e já é safada, já tá na fábrica!

Sofia: Tem uma menina que eu conheço, minha amiga preferida, ela já deu, ela tem 14 anos.

Maitê: E cê acha que quando fala novinha tá falando tipo de uma menina de 14 anos que já transa?

Todes: Sim, isso!

Joana: Não sei! Eu nunca fiz, não quero nem fazer!

Sofia: Nós, nunca vamos transar deste tamanho, só se alguém estuprar a gente.

Joana: Cê não sabe…

Neste momento expliquei que sexo é diferente de violência sexual, argumentando que estupro não era sexo, mas sim uma violência. Houve resistência a essa ideia, algumas defendenram que estupro era sexo sim. Essa distinção epistemológica pode ser apenas uma diferença na forma de nomear os conceitos a partir dos termos que são utilizados no seu convívio, não diferindo tanto no modo de enxergar os eventos em si, mas essa forma de nomear também pode ter haver com outros artefatos culturais que levam também a distintas formas de interpretação. O tema *estupro* foi trazido diversas vezes, como quando li os papéis que escreveram na dinâmica do sinal e havia um dizendo ‘Criança pode fazer só quando crescer’; tivemos a seguinte resposta: “Mentira, porque tanta gente sendo estuprada”.

No dia que tratamos de prevenção a abusos Larissa falou “um monte de velho pedófilo fica me mandando mensagem… eu só ignoro, meu perfil é privado, mas eu aceito todo mundo

pra ter mais seguidores". Neste dia comentaram também sobre uma colega de sala diles, de 13 anos, que fica postando fotos e vídeos nua em redes sociais e enviando para adultos. Essa última garota foi assunto em diversos dias, no geral, sempre de forma pejorativa, julgadora e agressiva, dizendo que ela faz isso para chamar atenção. No início, algumas das meninas eram amigas dela, então a fala era mais leve, criticando principalmente a quantidade de maquiagem que ela usa. Depois que romperam a amizade, as falas se tornaram mais violentas, o nome dela não saia da boca dês participantes, assim como um apelido pejorativo com conotação sexual. A coordenadora do espaço e eu por vezes participávamos das conversas, concordando com a problematização dessas práticas de exposição e relacionamentos com adultos, mas defendendo-a deste viés culpabilizador, entretanto os xingamentos e visões se mostraram irredutíveis.

Também tivemos falas preocupantes de meninas maiores de 16 anos, que demonstram a falta de EAS em idades anteriores, como: "Porque é que quando a mulher vai menstruar assim, ou ela tá na menstruação, quando chega naquele dia ali é mais fácil de engravidar?", na qual é possível observar uma visão invertida do período fértil, o que pode gerar consequências na vida reprodutiva. Dúvidas e estranhamento quando eu estava falando que não é para a pessoa sentir dor durante a relação sexual, que deve ser prazeroso, como: "E se doer tem algum problema?" demonstrando que a própria questão do prazer e as inseguranças ficam no âmbito do não dito, reforçando frases estereotipadas como "a primeira vez sempre dói", que normalizam o prazer do penetrante ante o sofrimento do penetrado. Essa lógica dicotômica "supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um pólo dominante e outro dominado - e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos." (LOURO, 2007, p. 33)

Enfim, trouxe tudo isso para defender que projetos de Educação Afetivo-Sexual como esses abarquem participantes a partir dos 10 anos de idade, como diz o ditado 'é melhor prevenir do que remediar'!

Maternidade (e paternidade?) - Metatexto 2

É frequente meninas grávidas ainda em estágio escolar, sendo essencial que sejam acolhidas por toda comunidade. O julgamento e a recriminação de adolescentes grávidas pode corroborar para a evasão escolar destas, que merecem informação de qualidade para entender o que está acontecendo com seu corpo nesse momento de tantas mudanças, para que compreendam a fisiologia da gestação e do parto, de modo a se prepararem da melhor forma possível para experiências positivas em toda gestação, parto e puerpério. Esses ensinamentos

também se aplicam aos garotos, que por vezes são ou serão pais em breve, sendo necessário que conheçam tanto esse processo fisiológico como seu papel familiar de suporte físico e emocional para a mãe e para a criança.

Esse tema tão sensível de modo algum se restringe ao biológico ou até mesmo ao social, as dimensões afetivas, emocionais e espirituais são essenciais em todo esse processo. Dentro da educação, o âmbito espiritual é um ponto central de invisibilidade - reforço: espiritual, não religioso. Segundo Cássio Eduardo Viana Hissa:

> O pensamento moderno é bipartido, dicotômico, e o projeto da ciência moderna (...) resulta na divisão do todo em partes, construindo a expectativa de que se possa conhecer melhor e de forma mais aprofundada esse todo. (…) Ao se referir criticamente ao pensamento moderno como bipartido e dicotômico, o que se deseja é refletir acerca de outros caminhos de pensar o mundo; outra compreensão de mundo. (...) Existirá razão sem emoção? (2013, p. 74)

Esse afastamento do ser humano integral nos afasta de toda natureza, colocando-nos como os únicos animais racionais que, por possuírem esse privilégio mental, se veem superiores aos outros, por acreditarem conseguir suprimir seus instintos primitivos, vivendo a supremacia da esfera mental. Essa crença está causando grande destruição ambiental, assim como diversas situações de repressão, incompreensão e sujeição a procedimentos agressivos com uso de alta tecnologia, que não seriam necessários se nos fosse permitido conhecer os animais que somos, nossa natureza, nosso corpo, nossas intuições, nossos instintos.

O conceito *humanização*, tem sido amplamente utilizado para tratar de assistências a partos e outros processos gestacionais que devolvam o protagonismo à parturiente. Não trato aqui humanizado como algo bom por ser humano. Os termos *natural* ou *ancestral* fazem mais sentido para mim. Entretanto, humanizado é o conceito que tem sido firmado quanto aos direitos reprodutivos de pessoas com útero - uma vez que somos tratadas como menos humanas que pessoas com falo - diferente do termo ‘parto natural’ que é utilizado generalizadamente para partos vaginais, mesmo quando não tem nada de natural, repletos de intervenções e abusos.

Selvagem, na realidade, é meu conceito favorito… Trazendo Ailton Krenak para o diálogo: “Quando falo que a vida é selvagem, quero chamar atenção para uma potência de existir que tem uma poética esquecida, abandonada pelas escolas que formam os profissionais que perpetuam a lógica de que a civilização é urbana” (2022, p. 64). As diversas formas que um parto humanizado pode acontecer valorizam essa potência de existir selvagem e ancestral.

Entretanto, a realidade mais comum, ao tratar do corpo de uma fêmea humana gerando vida - que deveria ser sempre respeitada em sua autonomia - são diversos erros e violência, utilizando pseudociência médica não embasada em evidências como justificativa, afirmam

Carmen Simone Grilo Diniz e Alessandra Chacham (2004). Esse tema tão misterioso só é conversado com crianças e adolescentes como uma fatalidade a ser evitada em situações socialmente não aceitas, ou como uma dádiva que vem no momento certo gerar uma vida de forma quase mágica. Mas pergunto: o que estudantes aprendem na escola sobre esse evento biológico fantástico que permite a manutenção da nossa espécie?

Por que no Brasil temos a espantosa taxa de 55,5% de cesáreas (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2019), quando as indicações verdadeiras e aceitáveis para essa cirurgia são de apenas 10% a 15%, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS? Por que estamos vivendo essa epidemia cirúrgica? O que está acontecendo com as mulheres? Esqueceram como parir? O parto natural traz inúmeros benefícios para mães e filhos, por outro lado, procedimentos como cesárea, indução do parto com ocitocina e anestesias, que podem salvar vidas quando bem indicados, podem ser muito prejudiciais e inclusive fatais quando utilizados rotineiramente - afirma Fernando Barros (2005).

O que está acontecendo com a medicina? Médicos esqueceram como assistir a um parto sem realizar intervenções? Ou essa nova geração nunca aprendeu isso, pois foram formados apenas para o bloco cirúrgico? Falta caráter em sua maioria, sendo capazes de mentir para suas pacientes, fazendo-as acreditar que são incapazes de parir por si próprias, que existem defeitos em seus corpos? Simplesmente mentem para lucrar mais em rápidas cirurgias cesarianas? O que está acontecendo com as sociedades que normalizam essa anomalia?

Carmen Simone Diniz (2005) afirma que a sabedoria ancestral das parteiras e curandeiras foi perseguida e proibida. Na atualidade, porém, a medicina baseada em evidências com atendimento humanizado volta a utilizar e valorizar diversas práticas da mulher ancestral - que ainda existem hoje em muitos povos, geralmente longe dos centros urbanos - que sabe parir e auxiliar outra mulher a parir de forma natural.

Em Pindorama possuímos riquíssimos conhecimentos sobre gestação e parto originários de diversas culturas indígenas. A pesquisadora do povo Kaingang, Bigaira Veloso (2021), ressalta que precisamos dar voz ao conhecimento ancestral que, há milênios, domina as posições fisiológicas para o parto, as movimentações adequadas, o fortalecimento da musculatura pélvica, a fitoterapia, a influência da lua, os métodos naturais de indução, bem como a criação de um ambiente acolhedor para que a parturiente se sinta relaxada, favorecendo a liberação da cascata hormonal necessária para o parto natural.

A natureza íntima desse momento propicia segurança para a parturiente, sentimento crucial para o bom andamento do trabalho de parto, o que não costuma acontecer em

ambiente hospitalar. O cenário do parto, que antes era exclusivamente feminino, foi dominado por homens, ou mesmo quando mulheres estão em cena, seguem os moldes patriarcais pseudocientíficos, que colocam a gestante em posição passiva em todo pré-natal, como uma paciente doente - segundo Paolla Amorim Malheiros (2012).

A educação formal, assim como a ciência e a sociedade hegemônica, caminha para o apagamento dos saberes tradicionais e a hipervalorização do conhecimento acadêmico, que muitas vezes se mostra incorreto quando novos estudos são realizados. Precisamos abandonar essa dicotomia e reconhecer o pluralismo epistemológico (COBERN, 2001 *apud* TAVARES, 2017, p. 166), valorizando as diversas formas e fontes de conhecimento, uma vez que, segundo Marina Tavares *et al*:

> A educação não é algo trivial, pois implica criar condições para que as pessoas compreendam os problemas postos pelo avanço da civilização, não de maneira simplista, mas, sobretudo, reconhecendo a importância e a necessidade de manter sempre em pauta o diálogo entre a ética e a cultura. (2017, v. 7, p. 181)

É necessário falar sobre violência obstétrica, sobre essas fêmeas que são "abatidas" em salas de cirurgia - tendo seus filhotes arrancados de si, acreditando que a equipe médica fez o melhor que podia e que a tecnologia salvou-les - e, de acordo com Melissa Nathalye Ramos (2020), depois vão sofrer de depressão pós-parto, por saber que algo de errado aconteceu, sem conseguir identificar o quê, ou, quando percebem, se sentem violentadas e inábeis perante o sistema. Além disso, poderão ter dificuldade em amamentar, assim como tantos outros problemas decorrentes de um parto não natural. Segundo Simone Grohs Freire:

> violência obstétrica descreve as diversas violências ocorridas na assistência à gravidez, no parto e inclusive na etapa pós-parto e abortamento. Abrange a violência física, sexual ou psicológica, incluindo coerção para determinados procedimento e negação à autonomia da mulher. Considera-se violência obstétrica: a violência física (agressões, acorrentar ou amarrar a parturiente); a imposição de intervenções não consentidas ou consentidas, com base em informações parciais ou distorcidas (cesariana sem justificativa médica, episiotomia, uso de manobras como a técnica de Kristeller, uso de ocitocina artificial); a violência verbal (xingamentos, ameaças de abandono, acusações); a discriminação de qualquer natureza; a negligência ou recusa de atendimento, negativa ao acompanhante, entre tantas outras. (2022, p. 90-91)

Somente a conscientização pode mudar esse quadro. Essas discussões devem fazer parte da educação afetivo-sexual, entretanto, é uma pauta infrequente nas escolas. Uma EAS que inclui conhecimentos sobre gestação, parto, e puerpério - contemplando amamentação, maternidade e paternidade ativa - deve acontecer ao longo de toda a infância, não apenas nos anos finais da escolarização, em que se encontram em fase reprodutiva. Mas sim, desde os anos iniciais, através de ensinamentos graduais adequados a cada fase.

Fernanda, recém mãe aos 16 anos, que participou de alguns dos nossos encontros, deu suas contribuições: "cês tem que saber sobre relação, só não embucha igual eu". Falando

sobre gravidez “não quero essa experiência nunca mais” e acabou relatando sua vivência quando estava ajudando as meninas com a história em quadrinhos:



> coloca ‘descobri que eu estava grávida’ aí cê põe que cê tava com medo de contar pra sua mãe, é um choque, igual eu… Eu dei mole, porque quando eu descobri que eu tava grávida, minha menstruação atrasou um mês né, aí… eu fui e fiz o teste de farmácia, eu fui e coloquei, eu não deixei ele muito, na hora que começou a subir o negócio, apareceu a segunda… eu tirei porque eu assustei, aí minha vó ‘cê quer me contar um trem Fernanda?’ ...eu comecei a chorar, aí eu dei mole, minha vó tava tonta aí eu contei pra ela, aí minha vó desceu lá em baixo, na hora que minha mãe subiu eu tava tomando banho, ai minha mãe ‘cê tem alguma coisa pra me contar’, aí eu ‘não mãe, tenho nada pra te contar’, aí ela ‘cê tem, sua vó falou que cê tem’ aí eu ‘não tenho não’, a Michely tava comigo, aí ela ‘conta pra sua mãe Fernanda, leva o teste lá que ela não vai te xingar não’, aí eu fui levei o teste, aí todo dia que ela me via ela falava ‘cê sabe que que sua amiga arrumou? Arrumou barriga’ assim mesmo… hoje em dia ela é um trem com o netinho.

Ela finaliza contando sobre o pai da criança, seu ex-namorado, também de 16 anos:

> Sabe o que que o desgraçado falou comigo ‘te falei que eu ainda ia te embuchar’. Mas eu acho que ele desconfiava, porque desde quando nós começou a ficar… quando eu tava solteira eu não engravidei não, quando eu me envolvia com os cara ta ligada? Eu engravidei quando eu tava namorando.

O que dá a entender que no namoro não tinha o mesmo cuidado com métodos contraceptivos como nos relacionamentos casuais. Em diversos momentos ela reclamou da ausência dele com os cuidados com a criança, relatando que “ele não é pai de verdade, só ajuda com uma lata de leite por mês… visita pouco e ainda posta foto bancando de paizão”. Realidade infelizmente comum, que é ressaltada na fala de Larissa, quando no documentário ‘Meninas - Gravidez na Adolescência’, ao mostrar o pai presente de uma delas, diz: “Quem dera se meu pai fosse assim”. No caso, o pai dela está preso a muitos anos e praticamente não tem contato com ela, essa ausência do pai foi presente na fala dela em outros momentos.

Ao assistirmos o documentário O Renascimento do Parto 2, que mostra a triste realidade cesarista brasileira e defende a autonomia das gestantes em suas escolhas para a hora do parto e a urgência da humanização no âmbito do nascer, foi possível observar muitas falas carregadas de empoderamento e consciência, que também passam uma ideia radical e agressiva. Creio que essa resposta “violenta” faz parte de um processo de conscientização que carregarão consigo para os próximos anos, as estimulando a buscar mais, duvidar principalmente e encontrar fontes confiáveis quando necessário, se empoderando de conhecimento. Segue o diálogo:

Larissa: Ainda bem que eu não nasci assim! … Eu odeio médico.

Pedro: Se o médico fizer isso eu mato!

Rafaela: Credo! Não quero cesárea!

Joana: Se fizer isso, vai tomar socão!

Sabrina: Eu entendi que tem hospital que é violento com as mulheres e que tem umas posições certas de nascer e tem uns que colocam na posição errada.
Rafaela: O que eu mais gostei é o parto normal.. eu entendi que o parto normal sai pela perereca e o parto cesáreo sai pela barriga e é mais bonito o parto normal.
Larissa: As mulheres tá pedindo justiça, que os médico tá fazendo parto abusivo com elas.
Joana: Que? Ah é, apertando a barriga.
Larissa: Eu quero que meu neném nasce na banheira.
Pedro: Eu entendi que a mulher que tem que escolher seu próprio parto.
Rafaela: Esses médico tem que chamar a polícia pra eles porque não pode fazer isso com as mulher. Isso é violência!

Vejo que neste caso, essas falas agressivas fazem parte de um processo espontâneo de redistribuição desobediente e anticolonial da violência - conceito de Jota Mombaça (2016), que discutiremos com profundidade no último metatexto. Larissa, na fala anterior, começou a tocar violão e na seguinte começou um rap que as outras acompanharam espontaneamente. Quando cantam “Mata ele!”, dá para ter uma boa dimensão dos gritos da plateia nas batalhas de rap, que quer ver “sangue” nas rimas, não podendo ser interpretada ao pé da letra.
Larissa: Todo mundo fala rei, rei, rei, rei, rei, rei! Agora eu vou mandar a real! Esses médico tudo é tudo bosta! Agora eu vou falar pra esses médico bosta, cês não sabe lidar com a mulher então porque cês foi médico?
Rafaela: Eu vou falar pra esses médico, eles tem que tomar cuidado com as mulher, porque eles é tudo retardado!
Todes: Mata ele! Mata ele! Mata ele!
Sofia: Tô aqui para falar para os pais, eles come mas não sabe o que a mulher sente!
Larissa: Eles comem mas não sabem a dor!

Essas falas fortes me mostram o quão conscientes estão de muitos desses processos. Vejo a revolta em suas palavras como potência para libertação, a partir da compreensão desses fenômenos sociais. A humanização do parto não passa somente pelas práticas que são realizadas pelos profissionais da saúde com as parturientes, muito pelo contrário, a consciência da gestante sobre o que está vivendo é uma peça chave para se dar esse processo. Para alcançar a humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das “situações-limites” em que as pessoas estão quase coisificadas (FREIRE, 1974) - situações essas que são limitantes por estarem impregnadas em nossa cultura, portanto normalizadas.

Esse documentário traz falas de diversos profissionais da saúde, carregadas de

informações científicas baseadas em evidências, estas não condenam intervenções realizadas na assistência ao parto, reconhecem o seu valor como plano alternativo, salvando vidas, entretanto, condenam seu uso rotineiro quando não são necessárias.

Ao terminarmos a exibição questionei o que haviam entendido, um dos meninos respondeu “Eu não entendi de nada, porque eu nunca vô parir”, o que reforça a comum concepção de que gestar e parir é um assunto que diz respeito apenas a pessoas com útero. Essa visão também foi presente nas falas das meninas relacionadas às responsabilidades com as crianças na dinâmica do Concordo ou Discordo, como podemos ver no diálogo a seguir - mas sempre havia incerteza sobre o que pensavam, ideias opostas se sobrepunham, um vai e vem de opiniões, que mostra como essas ideias não estão consolidadas, havendo ampla abertura para construção de diferentes percepções.

Rafaela: Concordo, que é responsabilidade da mulher, não dos homens.

Joana: Não concordo!

Felipe: Então... sabichona! Então vocês não tão se valorizando direito.

Maitê: Então as meninas acham que é responsabilidade da mulher tomar conta da casa e dos filhos.

Larissa: Lógico que é sim né.

Felipe: E cês não fazem mais nada não?

Rafaela: É os pais que têm que cuidar dos filhos.

Maitê: Por que que você acha que é papel da mulher cuidar da casa e dos filhos?

Sofia: Posso falar? Porque ela pariu, ela que...

Rafaela: Porque ela pariu. Quem pariu que balançe.

Sofia: Nada a ver, porque ela pariu, porque ela cuida, ela dá mama, ela dá tudo, ela dá comida, por isso.

Maitê: E você não acha que é o papel dos pais também não?

Rafaela: Acho, porque o pai tem que sair, tem que jogar bola.

Sofia: …jantar, comprar bala, comprar bombom.

Enzo: Tem que beijar outra mulher. Quando você tiver namorando com uma aí já pega as três.

Valentina: Não, eu acho isso errado... os homem sai, fica com outra e as mulher fica em casa fazendo comida pra eles, pra quando eles chegar, chega com a notícia que traiu a mulher e a mulher ainda não tem vergonha na cara e volta pra ele, eu acho isso totalmente errado.

Felipe: A tarefa tem que ser tanto do homem quanto da mulher.

Enzo: Nada a ver!

Sofia: Tudo a ver, que se o homem também fez, ele também tem que ter responsabilidade.

Maitê: Por que você acha nada a ver, Enzo? Qual que é a sua opinião?
Enzo: Ô tia, eu nem entendo de opinião.
Maitê: Opinião é o que que você acha sobre, se tem que cuidar dos filhos é só a mulher, ou se o homem também tem que cuidar.
Enzo: Tem que cuidar os dois.
Maitê: Mas você acha que é responsabilidade mais da mulher do que do homem?
Enzo: É, mais da mulher. Porque ela tem que trocar fralda, dá comida.
Maitê: Homem não?
Enzo: Tem, meu tio troca.
Maitê: Mas por que que você acha que a responsabilidade é mais da mulher?
Enzo: Porque ela é mulher e ela sabe mais.
Maitê: Ah, então você acha que mulher sabe mais tomar conta de criança... e se o homem aprender?
Enzo: Aí vai ficar os dois sabendo.
Maitê: Aí fica a mesma coisa? Os dois têm a responsabilidade igual?
Enzo: Uhum.
Maitê: Então o problema dos homens não cuidarem bem dos filhos será que é porque eles não sabem?
Enzo: É
Valentina: Não, é porque eles não têm responsabilidade mesmo. Eles não têm interesse, eles só quer fazer e sair pra curtir.
Alice: Felipe, posso ler o seu? Responsabilidades tanto do homem como da mulher, tipo: ajudar, cuidar da casa, ajudar a como cuidar do filho e parar de ter preconceito.
Joana: Parabéns, Felipe, pelo menos um homem. (palmas)

Joana teve outras falas que demonstram fortemente sua opinião, mas que na prática, muitas vítimas que têm opiniões parecidas, acabam se sentindo impotentes ante essas situações. Foram estas: “Se o homem não assumir meu filho eu quebro um pau nas costas dele”. E quando falamos sobre homens que por vezes ficam arrumando desculpas para não usar camisinha: Eu vou falar assim “seu safado! Cê tem que ir preso, rapa! Raparigo véi! Tá querendo é… Arrumar menino comigo tem que cuidar!”. Nos discursos, a paternidade foi muitas vezes resumida a pagar pensão, como na fala de Joana “Quero ver cê ter filho e não ajudar a pagar pensão!” e de Larissa “Os homens têm que ter responsabilidade para cuidar das crianças, porque eles fez junto, então, ou trabalha para dar as coisa, ou paga pensão… Fulano não paga pensão não, tá precisando.”

Após assistirmos o documentário ‘Meninas - Gravidez na adolescência’ Rafaela disse: “eu acho que eu não quero ter filho nunca, nunca, nunca, se eu ter filho quero ter uma menina” e 3min depois disse “deve ser muito legal ser mãe”. Na sequência, quando fomos planejar a atividade seguinte - *Stories* em quadrinhos, ela repetiu umas 10 vezes que queria ser a mãe, completando “eu quero ser a mãe pra já treinar ser mãe de uma vez” e afirmou, quando falávamos sobre sexo no último encontro, “quando eu crescer eu quero fazer isso, mas eu quero ter uma filha bonitinha que parece perfeita”, sempre retornando ao seu desejo da maternidade. Rafaela foi quem trouxe mais forte o que observei também em outras meninas - o desejo da maternidade, que, em minha observação, interpreto como afirmação do lugar de mulher. Isso também transpareceu em diálogo com a educadora que coordena o espaço e esteve presente em muitos momentos.

Joana: Vão ver no nosso grupinho de amigas, quem vai engravidar primeiro.

Alice: A gravidez não precisa ser algo que vai acontecer necessariamente na nossa vida, viu?”

Rafaela: Tabata, cê tem que ter filho pra me dar um sobrinho!

Alice: Não viaja errado não, cês são crianças, vamo olhar pra isso aqui com inteligência, é pra problematizar isso aqui. E que que acontece depois?

Sofia: Peito murcho, barriga murcha, bunda murcha…

A normalização da gravidez e dos cuidados com um neném, mesmo novas, acontece com facilidade entre elas pelas situações vividas, entretanto podemos perceber que elas não dimensionam o impacto que isso realmente tem na vida, como trás a monitora Jéssica no diálogo a seguir, ela foi mãe adolescente e agora, já adulta, vivia sua segunda gestação.

Larissa: Ô Alice, por que que você não engravida? Pra você dá nós um bebê.

Alice: Eu não sei se eu quero ser mãe, eu não sei se eu quero engravidar.

Maitê: “pra dar a gente”... pra ela ficar cuidando todo dia da vida dela do bebê.

Jéssica: E lá quem vai sofrer é ela, pra cuidar.

Sabrina: Ela vai morar aqui e nós...

Alice: Aí chora, toma Alice. Mas bom saber que posso contar com você, vou trazer se tiver.

Rafaela: Eu levo embora. Se for menina eu levo embora, se for menino...

Joana: Eu levo embora se for recém nascido. Alice, se você quiser fazer barriga de aluguel pra mim, até quando ele tiver recém-nascido, aí quando ele crescer eu te devolvo.

Maitê: Nó, melhor coisa que tem, recém nascido é difícil demais.

Joana: Não é não.

Maitê: Cê já cuidou de um todo dia por um mês, todo dia da sua vida, o dia inteiro?

Joana: Já, pergunta Sabrina, eu ficava todo dia com minha prima, a mãe dela saia.

Jéssica: Mas o pior é botar ela pra dormir de noite, cê não passava o que a mãe passa.

Essa normalização, destoa das falas agressivas, de julgamento e xingamentos, que tiveram com as adolescentes grávidas do documentário, mostrando como reproduzem essas violências, destoando da forma que tratam as jovens grávidas que convivem. Na cena do parto tivemos as seguintes falas:

Valentina: Agora cê fala "ai" né sua puta!

Sabrina: Agora chama a mãe!

Valentina: Eu não sirvo pra ser mãe não. Se um dia eu engravidar, minha filha aparecer grávida, eu vou raspar a cabeça dela.

Fico pensando sobre a reação da minha família, que mesmo aos 24, já graduada, trataram minha gestação como se fosse uma gravidez na adolescência, precoce, não planejada - conceitos trazidos no trabalho de Helena Altmann (2007) - para eles indesejada neste momento, fora dos moldes patriarcais de casamento e estabilidade. Esse tratamento foi muito negativo para mim naquele momento, com todos os julgamentos e pressões para atingir o que consideravam certo e necessário. Hoje vejo que em parte até estavam certos, não que eu concorde com nada disso, mas o que a sociedade capitalista exige em termos de produção e formação da juventude é incompatível com a maternidade - friso, apenas maternidade, pois com a paternidade sempre foi compatível, já que a carga de dedicação e cuidados sempre foi imposta às mães, que agora ao receberem "direitos iguais" no glorioso mercado de trabalho recebem o bônus da dupla, ou tripla jornada, com demais cuidados domésticos.

Ao encontro dos Temas Geradores

> Quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando. Educação e investigação temática, na concepção problematizadora da educação, se tornam momentos de um mesmo processo. (FREIRE, 1974, p. 65)

O povo não é objeto da investigação, são sujeites como ê pesquisadore, os objetos de pesquisa são as temáticas e o pensar do povo, uma vez que os temas geradores só existem nas relações entre iles e na relação diles com o mundo. Sendo importante sempre problematizar os temas, vinculando-os a outros e trabalhando seu envolvimento histórico-cultural (FREIRE, 1974). Os temas geradores são assuntos efervescentes na vivência do povo, que compõem o imaginário coletivo da localidade foco do trabalho.

Utilizamos a identificação destes temas, e de situações-limites, para nortear o projeto. As situações-limites são dimensões concretas e históricas da realidade em que estão inseridos - concretas como as paredes das casas estreitas onde famílias dividem pequenos cômodos e são anualmente abaladas por enchentes - não são barreiras insuperáveis, mas funcionam como

freios, obstáculos à libertação. Entretanto, no momento em que a percepção crítica se instaura, desenvolve-se um clima de esperança e confiança que leva as pessoas a empenharem-se na superação das “situações-limites” (FREIRE, 1974), acredito esse ser o objetivo da educação.

Nas atividades trabalhamos codificações da realidade - fotografias, desenhos, filmes, encenações - que ficcionam uma situação que por vezes estão inserides, para que, dessa forma, consigam olhar de fora desta realidade. Por meio de discussões descodificamos essas codificações, lendo as situações sob várias óticas. Os temas geradores, coletados no contato com o povo e nas primeiras atividades do projeto, são intercalados, quando necessário, por temas dobradiça, preenchendo um possível vazio entre eles, facilitando a compreensão de alguns e a coesão (FREIRE, 1974).

Quando decidimos trabalhar com os temas geradores de Freire, idealizei ter ês monitories como pesquisadories juntos comigo. No primeiro momento da pesquisa de campo, junto diles, foi possível encontrar situações-limites, para na sequência buscar os temas geradores. Mas o fim do ano se aproximava, e a desarticulação desse grupo de monitoria, além das limitações de horários gerados por trabalho e estudos, somado a uma forma mais orgânica que esse grupo da juventude começou a se articular, fez com que nossas reuniões quinzenais não retornassem em 2023, quando começamos o Projeto Educação Afetivo-Sexual Emancipatória. Então não contamos com a participação diles de forma direta na análise, mas fizeram contribuições ricas, quando, vez ou outra, participavam dos encontros.

Ainda em 2022 fizemos uma excursão, com grande parte do grupo de 10 a 13 anos e algumes monitories, a exposição Sentidos do Nascer - projeto de extensão da UFMG, em prol de partos naturais humanizados - a qual serviu de catalisadora para uma de nossas atividades do projeto. O PEASE contou com um total de 12 participantes, 6 socializados como meninos e 6 como meninas, estas estavam sempre presentes, enquanto eles nem tanto. O contato com muitas famílias foi de porta em porta, para explicar sobre a pesquisa e coletar as assinaturas.

A situação-limite, que se mostrou de pronto, foi a violência, na fala e também em ações. Imerses em violência e também a reproduzindo - xingamentos a todo momento, como brincadeiras e às vezes brigas. O que caminha junto com outra situação-limite nítida, a do racismo ambiental (SILVA, 2012) - o rio enche todo verão, as casas enchem de água todo verão, muitas famílias perderam tudo no último verão, grande parte delas não tem documentos pois perderam na última enchente. Durante um dos nossos encontros, as casas estavam recebendo uma pasta resistente, lacrada, para colocarem os documentos importantes de todes ês membres, com instruções para só pegarem ela e saírem de casa deixando todo o resto pra trás na próxima enchente.

Como ter esperança? Pensar em superar situações-limites? Alcançar humanização (des-coisificação) - alguns conceitos trazidos por Freire no livro Pedagogia do Oprimido. Quais ambições esses corpos possuem? Para muites é sair de lá, conquistar uma vida melhor. Outres deixam tudo em caixas de papelão, já que os armários foram levados, e por que buscar conseguir outros com a certeza que também não perdurarão? Por que nos assombramos com as violências em seus discursos se a maior violência já é nascerem a margem? A margem do sistema. A margem de um rio que naturalmente enche com as chuvas. Por que vivem em suas margens alagadiças? Por que outras pessoas não têm que passar por isso, mas sim iles?

Violência - também como tema gerador - se desdobrava em suas falas em: comunicação violenta, abuso sexual, relacionamento abusivo, monogamia compulsória, padrões de beleza e gênero, maternidade, liberdade. Esses subtemas foram usados para selecionar dinâmicas que esboçaram o recurso educacional, antes de iniciarmos o PEASE. Entretanto, sabíamos que, no primeiro encontro, com a Dinâmica do Sinal, muita coisa iria mudar, pois essa se constitui em uma maneira sistemática de coletar temas geradores - sem descartar, obviamente, a necessidade de um olhar macro para toda a situação e os elementos observados anteriormente. Essas dinâmicas foram selecionadas e desenvolvidas com referência principal em dois similares, *Gênero Fora da Caixa* (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2011) e o *Relato de experiência: Diversidade, Empatia e Educação Afetivo-Sexual* (PURI, 2023).

Freire traz uma provocação que creio ser um dos maiores desafios da pesquisa: “A tarefa do educador dialógico é devolver este universo temático recolhido na investigação, ao povo, como problema, não como dissertação” (FREIRE, 1974, p. 65). E essa é nossa tentativa ao remontar a sequência de atividades, encontro após encontro, já trabalhando uma análise prévia da atividade anterior, tentando realizar as transcrições de áudio na mesma semana, para melhor entender as necessidades e interesses dês participantes para o encontro seguinte. Uma vez que, trabalho de campo, análise e escrita não se separam cronologicamente, se entrelaçam nesse constante vai e vem, entre observação, devolução, produção, numa espiral sem fim, como uma cobra que come o próprio rabo.

As temáticas significativas, que apareceram com um conjunto de dúvidas, anseios e esperanças (FREIRE, 1974), coletadas na ‘Dinâmica do Sinal’, nos mostraram que conceitos aparentemente básicos não eram compreendidos, como: afetivo, sexualidade. Essa dinâmica consiste em distribuir papéis para que escrevam palavras ou termos que desejem discutir, relativos à temática Educação Afetivo-sexual, misturar os papéis, para, na sequência, distribuí-los no sinal, a partir da leitura de cada um e decisão coletiva se consideram o tema

“verde” - conceito tranquilo de ser conversado por todes; “amarelo” - que causa desconforto para diálogos familiares; ou “vermelho” - tabus que não são comumente discutidos.

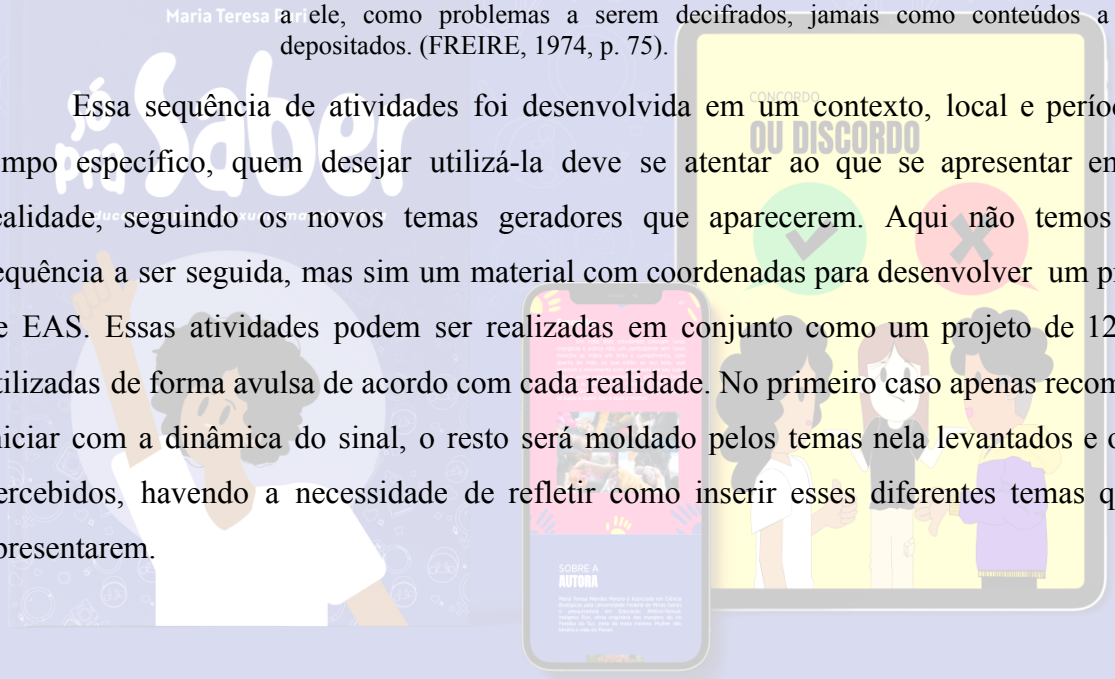
A segunda dinâmica, feita em sequência, também no primeiro encontro, foi a do ‘Concordo ou Discordo', que também serviu como diagnóstico para alinhar os próximos encontros. Nesta foram apresentadas afirmações de “senso comum” sobre relações de gênero e iles deveriam se posicionar a favor ou contra, ao final discutimos cada uma dessas afirmações. Com a análise dessas duas dinâmicas foram selecionadas as atividades que seriam realizadas nos próximos 8 encontros, sabendo que ainda poderíamos ter novas mudanças de percurso.

Em relação a seleção inicial, houve uma mudança perceptível na redução de atividades teatrais, que estavam presentes pelo meu interesse e formação na área. Percebi - realizando algumas dessas na escola estadual em que lecionava no período em que realizei a pesquisa - que as atividades teatrais precisam de um tempo maior para ambientar os corpos que não têm prática com essa arte. Somado a isso, a necessidade de desenvolver outros temas trazidos por iles, fez não priorizarmos o teatro pedagógico - conceito trazido por Márcia Azevedo Coelho (2014). A seguir apresento o recurso educacional que foi desenvolvido (o recurso completo está no apêndice ao final deste trabalho); o cronograma final do PEASE e uma minuciosa descrição e análise do desenvolvimento de cada dinâmica, na sequência em que foram realizadas (como está no cronograma), destacando seu diálogo com a teoria dos temas geradores de Paulo Freire.

Recurso Educacional

> Preparado todo este material(…) estará a equipe de educadores apta a devolvê-la ao povo, sistematizada e ampliada. Temática que, sendo dele, volta agora a ele, como problemas a serem decifrados, jamais como conteúdos a serem depositados. (FREIRE, 1974, p. 75).

Essa sequência de atividades foi desenvolvida em um contexto, local e período de tempo específico, quem desejar utilizá-la deve se atentar ao que se apresentar em sua realidade, seguindo os novos temas geradores que aparecerem. Aqui não temos uma sequência a ser seguida, mas sim um material com coordenadas para desenvolver um projeto de EAS. Essas atividades podem ser realizadas em conjunto como um projeto de 12h, ou utilizadas de forma avulsa de acordo com cada realidade. No primeiro caso apenas recomendo iniciar com a dinâmica do sinal, o resto será moldado pelos temas nela levantados e outros percebidos, havendo a necessidade de refletir como inserir esses diferentes temas que se apresentarem.



Essa sequência foi feita nesse contexto, local e temporal. Esse recurso educacional que devolvo ao povo - tanto à mesma localidade onde esse projeto foi desenvolvido, como a qualquer lugar que decida utilizá-lo - contará com mudanças no percurso. Todas as atividades aqui propostas são dialógicas, se importam igualmente com o que ês estudantes trazem e com seus processos de descodificação das realidades. Entretanto, mudam as pessoas, muda o contexto, mudam os interesses, tudo muda.



Cronograma



14/04 Dinâmica do sinal + Dinâmica do Concordo ou Discordo
28/04 Os modelos que eu vejo + E se fosse ao contrário?
05/05 Biscoito sexual + Conversa sobre sexo e gestação
12/05 Desvendando músicas e danças do tiktok
19/05 Toque bom x Toque ruim + Crianças conectadas, navegue com segurança
26/05 O Renascimento do Parto
02/06 Documentário: Meninas - Gravidez na adolescência
16/06 *Stories* em quadrinhos - maternidade e paternidade na adolescência
23/06 Dinâmica das luvas

Diálogo entre as dinâmicas e a perspectiva freiriana dos Temas Geradores

O objetivo dessa seção é relacionar as atividades realizadas à metodologia de codificação e descodificação dos temas encontrados. Nem todas as atividades estarão aqui descritas na íntegra, focaremos em traçar - junto ao livro Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire - como essa metodologia esteve presente nas atividades. As instruções para realização de cada dinâmica estão presentes no recurso educacional *Só pra Saber* - apêndice ao final da dissertação. Já as interações discursivas geradas em suas execuções estão distribuídas nos 4 metatextos desse trabalho, de acordo com a temática de cada um deles.

O primeiro encontro mostrou que precisávamos adentrar em questões relativas a gênero, o sexismo estava muito presente nas falas. Se apresentou necessário aprofundar nessas questões, fazer com que expusessem suas visões, para conseguirmos entrar em reflexões rumo à desconstrução de certos padrões binários. Na dinâmica ‘Os modelos que eu vejo' instruímos que se dividissem em dois grupos para construir codificações do que seria um modelo ideal de homem e outro de mulher. Produzidas as codificações, cada grupo expôs e explicou sua produção. Na sequência, fizemos uma roda de conversa sobre os cartazes produzidos seguindo alguns questionamentos norteadores, fazendo as descodificações.

A importância de se usar uma situação codificada de forma gráfica, auditiva, ou de

alguma outra forma sensorial, é proporcionar que percebamos “a forma que aqueles indivíduos enxergam aquela situação… verificando se, durante o processo, se observou ou não, alguma transformação no seu modo de perceber a realidade” (FREIRE, 1974, p. 63). Esse mesmo processo ocorreu com a atividade seguinte - ‘E se fosse ao contrário?’ - na qual assistimos o curta "Acorda, Raimundo... Acorda!" - YouTube, que fantasia uma sociedade com papéis de gênero invertidos, ao final expuseram o que entenderam e suas opiniões sobre.

Outra necessidade percebida, foi a de entenderem um pouco sobre sexo, reprodução, sexualidade, para que pudéssemos aprofundar noutras discuções. Então, no terceiro encontro, trabalhamos o ‘Biscoito Sexual’ - que trata de identidade e expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual - e sobre relações sexuais e gestação. Esses “temas dobradiça”, que mesmo não sendo trazidos por iles diretamente, são essenciais para facilitar a compreensão de diferentes temas escritos na Dinâmica do Sinal, como: *Pode homem gostar de homem, mulher gostar de mulher? Homem pode engravidar? Mulher pode engravidar de mulher? Como faz o filho? Como que faz sexo? Como se transa? Como é o gozo?*

No planejamento inicial, a dinâmica ‘Desvendando músicas e danças do Tiktok’ seria realizada entre os últimos encontros, mas por ser algo trazido fortemente a todo momento, decidimos adianta-la para o quarto encontro. Cantavam-nas e dançavam a todo momento, pediam para colocar, mas passavam a impressão de que não entendiam o que grande parte das falas sexuais tratavam, o que foi confirmado com a atividade. A intenção era que:



> No processo da descodificação os indivíduos, exteriorizando sua temática, explicitam sua “consciência real” da objetividade. Na medida em que, ao fazê-lo, vão percebendo como atuavam ao viverem a situação analisada, chegam ao que chamamos antes de percepção da percepção anterior. Ao terem a percepção de como antes percebiam, percebem diferentemente a realidade, e, ampliando o horizonte do perceber, mais facilmente vão surpreendendo, na sua “visão de fundo”, as relações dialéticas entre uma dimensão e outra da realidade. (FREIRE, 1974, p. 69)

Na semana do *Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes* realizamos nosso quinto encontro. No planejamento inicial a dinâmica ‘Toque bom x Toque ruim’ já estava presente, mas decidimos nos aliar ainda mais à campanha do maio laranja, buscando outra atividade para aprofundar nessas discussões. Selecionamos a cartilha ‘Crianças conectadas - navegue com segurança’, produzida pela ChildFund Brasil - Maio Laranja, que funciona como uma codificação da realidade adolescente, por ser narrada na perspectiva de uma menina de 13 anos, possibilitando que nela se reconheçam (FREIRE, 1974). A cartilha também possui jogos interativos, que foram essenciais para conseguirmos terminar a leitura quando já estavam se dispersando.



Fotografias 3, 4 e 5: Adolescentes colorindo as páginas e fazendo a cruzadinha da cartilha.
Fonte: Acervo da autora.

O planejamento inicial continha o documentário 'O Renascimento do Parto', entretanto, esse havia acabado de ser retirado das plataformas digitais. Titubeei se passaria 'O Renascimento do Parto 2', por o considerar mais pesado - sentei, assisti novamente e encarei, bora! O interesse foi maior do que eu imaginava! Viravam o rosto muitas vezes quando cirurgias cesarianas eram mostradas, mas nenhum diálogo chegaria aos pés do que revelam aquelas imagens. Como explicar a violência obstétrica? Como falar da beleza que pode ter um parto humanizado sem romantizar a dor? Acredito que ouvir relatos de várias mulheres, vendo suas vivências, seja a forma mais palpável de se conscientizarem. Espero que a revolta que demonstraram perante as violências fique como fagulha interna para que busquem informações e profissionais de qualidade quando precisarem, ou quando alguém precisar.

No sétimo encontro iniciamos a atividade mais longa, a única que não coube em uma oficina de 2h, nela assistimos o Documentario Meninas gravidez na adolescencia Completo ORIGINAL - YouTube e discutimos sobre o tema. Na semana seguinte, partimos para a prática com a atividade '*Stories* em quadrinhos - maternidade e paternidade na adolescência', na qual dividiram-se em grupos para criar histórias em quadrinhos, que representaram em fotos, quais encenavam a situação de cada quadrinho. O material final foi postado no perfil do instagram da instituição, que tem o hábito de divulgar as atividades realizadas no espaço.



Fotografias 6 e 7: Interação com cenários e produção da história em quadrinhos.
Fonte: Acervo da autora.

Após a discussão sobre o filme, saí com a sensação de não terem construído novas percepções com a atividade proposta. A fala delas era tão agressiva às meninas grávidas do documentário. Entretanto, havia esperança de que a codificação seguinte funcionasse como situação problematizadora, feita a partir da dramatização, não contendo resposta em si, apenas envolvendo-as com o tema (FREIRE, 1974). Por meio da encenação, o teatro pedagógico possibilita o trabalho reflexivo, a capacidade de apreciação estética e a formação de um ser humano consciente de suas diversas competências e habilidades (COELHO, 2014).



Imagem 1: Parte dos quadrinhos e suas representações feitas pelo grupo dos meninos.
Fonte: Acervo da autora.

Ademais, perceber um processo de aprendizado não é algo simples, comumente não conseguimos quantificá-lo. Por vezes, mudanças de concepções vem muito depois de uma

vivência, somada a tantas outras. O envolvimento das meninas na encenação foi notório, por elas continuariam muito tempo brincando ali, desejavam acrescentar novas cenas a cada ideia, quase todas quiseram representar estar grávidas algum momento, mas tivemos que limitar as fotos às cenas pré-programadas para conseguirmos concluir a atividade no segundo dia. Acredito que, vivenciar o processo em cena, pensando nos problemas, nas angústias e no que fariam, pode ter despertado um sentimento de empatia em relação a essa situação.

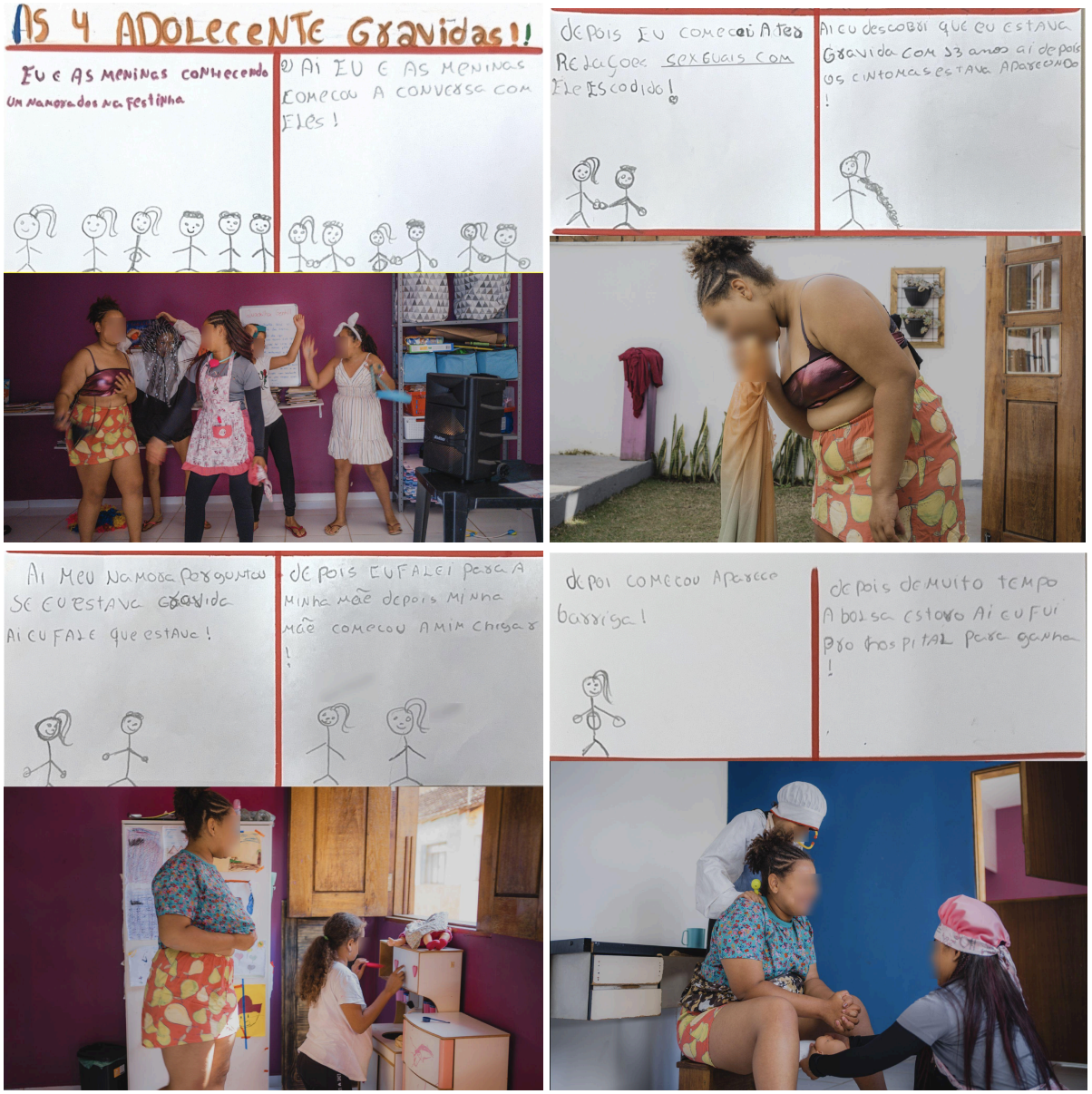


Imagem 2: Parte dos quadrinhos e suas representações feitas pelo grupo das meninas.
Fonte: Acervo da autora.

Me questionei se esse documentário era de fato o mais adequado. Imaginava que geraria um sentimento de empatia e acolhimento a adolescentes grávidas - ao mostrar profundamente a realidade de quatro meninas nessa situação - entretanto, fiquei com receio

que, em alguma escala, passasse uma visão romantizada da maternidade na adolescência, mesmo que o doc mostre tanto alegrias quanto partes complicadas das vivências. Mas Freire me tranquilizou ao frisar a necessidade de deixarmos que as pessoas formulem genuinamente suas percepções das codificações, que estas não podem ter seu núcleo temático demasiado explícito, nem demasiado enigmático:

> Para não transformar-se em codificações propagandísticas, nas quais os indivíduos não têm outra descodificação a fazer, senão a que se acha implícita nelas, de forma dirigida. Nem o risco de fazer-se um jogo de adivinhação ou "quebra-cabeça". Na medida em que representam situações existenciais, as codificações devem ser simples na sua complexidade e oferecer possibilidades plurais de análises na sua descodificação. (FREIRE, 1974, p. 69)

Nosso último encontro girou em torno de mais um tema dobradiça, não trazido por iles diretamente, mas que muito se relaciona a vários outros. Neste fizemos a 'Dinâmica das Luvas', com o intuito de gerar conscientização acerca da importância de se usar camisinha, conversando sobre este ser o único método preventivo quanto a contaminação com ISTs em relações sexuais. Em seguida, aprendemos como colocar a camisinha que se usa em pênis - utilizando uma cenoura - e a outra que é introduzida na vagina, formando um buraco com a mão para representar a abertura vaginal.

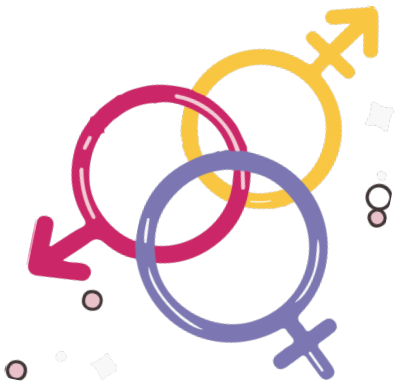
> A introdução destes temas, de necessidade comprovada, corresponde, inclusive, à dialogicidade da educação... Se a programação educativa é dialógica, isto significa o direito que também têm os educadores-educandos de participar dela, incluindo temas não sugeridos. (FREIRE, 1974, p. 73).



Fotografias 8 e 9: Processo de ensino-aprendizagem sobre a utilização da camisinha feminina.
Fonte: Acervo da autora.

Se empolgaram muito neste processo, pediram para colocar antes que eu falasse dessa possibilidade, me surpreenderam. Algumas não quiseram nem encostar, demonstravam nojo quanto a textura lubrificada, estranhamento com os tamanhos. Já outras falavam "Credo!" mas queriam tocar, de luvas! Foi muita gritaria, risada, animação, brincadeiras provocativas umas com as outras. O único menino presente neste dia parecia tímido, evitando interações.

“Mulher é mulher! Homem é homem!” - Metatexto 3



> A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". Afinal, é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero? (…) precisamos aceitar que os meninos são "naturalmente" mais agitados e curiosos do que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos "preocupar", pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando "desvios" de comportamento? (LOURO, 2007, p. 63-64).

Impossível não pensar na minha infância lendo essa passagem, para sair “arrumadinha” era obrigada a usar vestidos e rosa, não sei porque odiava rosa, mas os vestidos era porque não eram práticos para brincar e os adultos ainda ficavam falando que eu não podia subir nas coisas por estar de vestido. Eu tinha vários primos da minha idade, então quando nos encontrávamos eu brincava como menino, subindo em árvores, correndo pela roça afora, brincando de polícia e ladrão no quintal… Adorava ir na casa dos meus colegas brincar de carrinho e pista *hot wheels*, sempre pedi esses brinquedos e nunca ganhei, ao contrário o mundo rosa de bonecas não me faltou. Nunca gostei de brincar de casinha, ou só gostava parcialmente, eu arrumava o cenário e minha irmã brincava, ela insistia para eu brincar com ela, mas eu era a chata que não queria. Queria praticar uma luta, mas fazia era dança, e o futebol que por ser da equipe da escola não tinha jeito mesmo.

Até ficar adulta sempre tive mais amigos que amigas, não sei se isso tem a ver com eu odiar ser menina e querer ser menino… Mas isso passou, me tornei uma adolescente ligada à estética, comecei a usar vestidos por livre e espontânea vontade, até usar salto tive a fase. Parei de priorizar o futebol, mesmo quando meus primos jogavam eu não entrava junto mais, hoje acho que nem sei mais jogar. Subir em árvores também ficou pelo caminho, esse corpo magro começou a tender para um sedentarismo, que já adulta tento evitar com yoga, capoeira e longas trilhas no mato.

Inicio falando de mim pois esse relato não é só meu, diz respeito às formas e marcas de uma criação generificada, como vamos encontrar ao longo deste metatexto. O título “Mulher é mulher! Homem é homem!”, foi uma fala gravada no PEASE.

No primeiro encontro do projeto a questão que ficou mais gritante foram as normas binárias de gênero. Que, segundo Guacira, são, em muito, instituídas pela escola, através do modo “correto” de sentar e andar, das formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos, produzindo um corpo escolarizado, distinguindo o menino da menina que passou pelos

bancos escolares (LOURO, 2007). Mesmo em espaços não escolares essa docilização dos corpos é nítida, perceptível nos discursos adolescentes, na tentativa de se enquadrarem; mas a fuga aos estereótipos generificados também é presente. Podemos perceber essas questões quando Miguel fala na atividade *Stories* em quadrinhos "Nós vamos fazer separado, grupo dos meninos!"; com a fala de Joana no início da Dinâmica do sinal "Ô gente. Esses meninos aí vão por besteira."; assim como com a leitura das frases estereotipadas da dinâmica Concordo ou Discordo e as discussões que as seguiram:

Maitê: Vamos lá "Existem coisas só para meninos, como futebol, e coisas só para meninas, como cozinhar e dançar balé".

Enzo: Qual lado que é futebol?

Rafaela: Eu não danço balé!

Sofia: Não, não concordo.

Larissa: Não, eu jogo bola com esses tralha aqui. E ainda ganho deles.

Sofia: Eu também!

Miguel: Ah ganha! Mentira!

Sofia: E você dança balé, Miguel!

Miguel: Eu jogo futebol.

Larissa: Miguel amava balé...

Joana: Ele faz os dois!

Maitê: E essa "Os homens são, por natureza, mais agressivos que as mulheres".

Rafaela, Enzo e Joana: Concordo.

Larissa: É porque eles acha que é mais valente...

Felipe: Não, eu não concordo porque eu sou calmo, eu sou calmo.

Rafaela: Calmo!? Na escola você é um demônio!

Larissa: Os homens é agressivo, fica batendo nas mulher, mantando as mulher.

Rafaela, Valentina: Estuprando as mulheres.

Maitê: "Hoje em dia os garotos estão mais carinhosos do que antigamente"

Rafaela: Não concordo, não concordo!

Joana: Tá, ai na hora que vai fazer um carinho pufh! Mata ela. É... concordo...

Maitê: Vocês acham que hoje em dia os garotos tão mais carinhosos do que antigamente?

Miguel: Não, eu sou agressivo.

Maitê: "É natural falar mal das meninas que gostam de sair de casa e de conversar com os garotos na rua".

Rafaela: Concordo.

Enzo: Eu também concordo que você não vai falar nada com o Gabriel!
Valentina: Concordo. Porque todo mundo fala mal de todo mundo que conversa...
Enzo: Se não eu vou quebrar ela toda.
Maitê: Então todo mundo acha que é normal falar...
Felipe: Eu tô aqui!
Maitê: Então quase todo mundo acha que é normal.
Rafaela: Eu converso.
Joana: Não! Né não! Ô gente, ces acha que os otro vai ficar, ces ta conversando com um menino, vai ficar falando mal do cês pra rua...
Larissa: Vai! Que se eu conversar com o Felipe "Tá namorando!… só fica no meio da rua…" Ô Felipe! Como você ta virando amigo de Enzo, o povo só fica te zoando lá em casa. "Fica namorando com Larissa esse Felipe..."
Rafaela: Porque eu converso com um menino da minha sala e as meninas falam "cê gosta de Michel, cê namora com o Bruno, que não sei que lá..."
Maitê: E aí cê acha que é certo falar assim?
Rafaela: Acho.
Maitê: "As garotas desejam encontrar um homem para casar e tem medo de ficar sozinhas".
Joana: Sim, concordo.
Sofia: Eu não, tô nem aí… Eu vou casar! Como é que eu vou ficar sozinha?
Larissa: Vai! Porque você sabe como são esses homens de hoje em dia...
Joana: É, sai pra rua e deixa você em casa cozinhando, lavando roupa...
Enzo: Eu namoro... eu vou sair...
Larissa: É, depende do homem, então não concordo não.

Incongruências podem ser percebidas na fala de Rafaela, quando concorda que as meninas devem ser recriminadas por conversarem com meninos na rua, mesmo dizendo também conversar. Miguel faz questão de se afirmar como agressivo, mesmo não demonstrando isso na prática. Faz essa afirmação depois de se incomodar com as zoações que afirmavam que ele dança balé. Vejo sua fala como tentativa de se enquadrar no que considera que deve ser para fazer parte do seu gênero.

No próximo diálogo podemos observar, assim como na fala de Mateus "Eu quero ter menino e menina, mas menina tem que cuidar demais", a diferença entre a criação de filhos e filhas, tanto em suas vivências, como em suas percepções, ainda na dinâmica Concordo ou Discordo, quando lemos a frase que 'os pais continuam sendo mais controladores com as filhas do que os filhos'.

Rafaela: Meu pai me controla mais do que controla meu irmão.
Larissa: Meu pai não me controla. Meu pai tá preso.
Enzo: Nosso pai tá preso, né?
Felipe: Meu pai até tentava me controlar...
Sofia: Meu pai me controla pra caramba! …não controla meus irmãos.
Enzo: Eu não lembro do meu pai não. Como é que eu vou saber!? Meu pai tá preso.
Miguel: Meu pai faz tudo que eu quero.
Larissa: Ninguém me controla.

Também foi possível observar noções de consciência de classe quando perguntei se gostariam de ser como as pessoas que colocaram nos cartazes de modelos femininos e masculinos bem vistos pela sociedade, a maioria das respostas foi positiva, mas frisando que continuariam humildes, que consideram que essas pessoas ricas e famosas geralmente não o são. Já outros afirmaram querer ser como ídolos - que têm comportamentos controversos.
Joana: Eu gostaria, mas eu não ia julgar os pobres, eu ia continuar do jeito que eu sou.
Larissa: Não vou ser metida. Porque, se eu nasci pobre, eu vou morrer pobre. Se eu ficar rica eu vou continuar com a minha humildade.
Miguel: Eu! Eu quero ser o Neymar!
Artur: Eu quero ser o Neymar!
Mateus: Eu queria ser o Silvio Santos. Porque ele pode ter dinheiro mas ele não é desumilde que nem os outros.

Voltando à dinâmica do Concordo ou Discordo, foram muito presentes pressões estéticas e comportamentais, como podemos observar no diálogo abaixo:
Felipe: As mulheres não estão se valorizando como antigamente. Porque elas estão soltas demais e os homens estão prestando mais atenção na maldade que... como na aparência dela.
Maitê: Mas ficar solta é ruim?
Felipe: Não, a vida é delas.
Rafaela: Eu não se valorizo porque todo homem é feio. Não é só porque a mulher é gostosa não, é pelo jeito da mulher de ser e...
Larissa: Eu também achei esse trem que eles só valorizam mulher gostosa porque eles só querem mulher bonita pra ficar se achando.
Joana: Não, só pra comer mesmo.
Larissa: Nem só pra comer minha filha, eles só quer ver, só quer pegar mulher bonita.
Sofia: Pega mulher bonita, aí deixa as feia, achando que a mulher bonita valoriza...
Larissa: É, eles querem, às vezes eles só querem o corpo, não querem a cara. Né, Felipe?

Felipe: Eu não, não olha pra mim não. Mas tem muita gente que é influenciada por outras pessoas a fazer isso.
Maitê: Que por ele, ele ficava com quem ele gosta da pessoa, da personalidade. Mas como os amigos vão implicar, aí ele vai fingir que só quer aquela outra que todo mundo acha bonita?
Felipe: Sim.

Esses padrões de gênero foram frequentemente associados e confundidos com sexualidade, como podemos observar no diálogo a seguir - temos aqui o encontro de dois temas geradores, gênero e sexualidade.

Sofia: Eu acho que é a língua afiada, que tipo assim, minha mãe, se eu fosse homem "muito bonitinho, vai ser homem macho, vai botar a mão na massa", aí na hora que cresce vira gay..
Joana: Paga a língua!
Sabrina: O Robson tem tipo um jeitinho, só que tipo assim, ele gosta.
Rafaela: Henrique também tem um jeitinho.
Alice: Mas cê acha que alguém incentivou ele ser assim?
Sabrina, Rafaela: Não, ele que gosta, é a escolha dele.
Valentina: Se meu irmão quiser ser gay, ele vai ser gay do jeito que ele quiser.
Rafaela: Henrique gosta de boneca!
Joana: Henrique pediu ele dinheiro né, aí o pai dele perguntou pra que, aí ele falou "pra mim comprar um negócio", aí ele foi lá, sabe o que ele comprou? Ele comprou uma sereia! Ai o pai dele falou "Ô menino! Seu bicha! Para de ficar comprando esses trem, de ficar brincando de boneca, quem brinca de boneca é mulher, não é homem não."
Sabrina: Ele gosta.
Alice: Essa fala é uma fala violenta, por exemplo.
Joana: Aí o Henrique começou a chorar, ai Marcinha chegou na porta e começou a brigar com ele "o menino pode ser o que ele quiser, meu filho! Ele quer brincar, se eu quiser eu compro mais de mil boneca pra ele, eu compro o que eu quiser pra ele", xingou ele todo.
Sabrina: É que Henrique gostava muito de Barbie, no dia que ele pediu Alice, no dia que tava dando brinquedo aqui, ele pediu um cavalo, aí depois ele viu a barbie e ele pediu uma barbie pra Alice, aí ele ficou brincando de boneca, ele gosta muito de rebolar também.
Rafaela: Desde pequena eu gostava de brincar de carrinho, aí hoje as meninas ficam xingando "não sei porque vocês brinca de carrinho e de bola". Eu gosto, gente, não é culpa minha não.

Partindo dessa problemática afirmo que a sociedade vigente tem muito o que aprender com a educação indígena. Trago a fala de outra liderança de meu povo, Tuschahi Puri, que corrobora com minha afirmação: "Uma das riquezas que aprendi com a educação indígena é

que não tem coisa de menino ou menina, tem coisa de criança". O que faz oposição à sociedade hegemônica, na qual a simples afirmação "é um menino" ou "é uma menina" já inauguram processos de masculinização ou de feminilização, como um "trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável", que "é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade 'legítimos'." (LOURO, 2004, p. 16).

As crianças citadas anteriormente se apresentam muito tranquilas com seus desvios à norma, Henrique tem apenas 4 anos. Entretanto, nessa sociedade que sempre reforça o binarismo, com o passar dos anos, muitos não aguentam as pressões e acabam cedendo. Na medida em que seus desejos se dirigem a práticas consideradas inapropriadas para seu gênero, são levados a aprender a lição do silenciamento e da dissimulação (LOURO, 2007). O que se confirma com meu público pesquisado, que realiza fortemente essa autorregulação entre si. As zoações com os meninos sugerindo desvio à heteronormatividade foram frequentes e vistas como xingamento por eles, que de pronto buscavam se defender, como podemos observar no diálogo que se segue.

Enzo: O Miguel vê é pornô gay.

Joana: É Miguel! Tô sabendo hem!

Rafaela: Por que que você gosta de ficar dentro do mato com homem?

Miguel: Sai fora. Vai ficar fazendo essas viadagens...

Sofia: Ô machista! Viado!

Miguel: Meu pau no seu rabo.

Larissa: Que pau? A minhoca não tá...

Miguel: Quer ver a anaconda aqui?

Larissa: Ah é, esqueci que o berne...

Felipe: Se passar disso aqui é muito!

Enzo: Se passar disso aqui eu chupo.

Miguel: Sai fora...

Larissa: De fulano é bem maior.

Miguel: Cê ja viu?

Enzo: Cê falou que já viu o dele! … Olha quê que Miguel escreveu!

Miguel: Nada! Um nada bem grandão, só pra saberem que não gosto de nada, só de mulher, mulher bonita.

Felipe: Ce é gay, mano. Já falei pra você, mano, desiste.

Miguel: Sai fora.

Felipe: Já falei pra você desistir dessa vida de jogar bola.

Isso não aconteceu em momento algum com as meninas, tivemos inclusive a seguinte fala de uma delas: “Pode sim gente! Que se eu quiser namorar com Joana eu namoro, se eu quiser namorar com homem eu namoro, se eu quiser namorar com qualquer coisa…”. O motivo para mulheres cisgêneras com sexualidades desviantes ser mais aceito do que homens cis não heterossexuais pode se relacionar com a seguinte fala de outra participante: “Os otro fica falando ‘ai que nojo, prefiro mulher com mulher que homem com homem’”. Reforçando também a hipersexualização feminina que ocorre com relacionamentos entre mulheres.

Essa imposição heteronormativa, tem a ver, de forma geral, com uma regulação social implícita que vai sendo feita pela sociedade, como relatamos na atitude do pai que foi agressivo com o filho por gostar de brincar de boneca e dos meninos que já um pouco mais velhos tem falas homofóbicas que dificilmente encontramos em crianças com metade de suas idades. Guacira defende que a escola é um dos principais atores desse processo, buscando constituir sujeitos masculinos e femininos heterossexuais, nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve. Ela questiona que, se a identidade heterossexual fosse natural, por que haveria a necessidade de tanto empenho para garanti-la? Por que vigiar as corpas para que não caminhem para uma identidade desviante? (LOURO, 2007).

Novamente, porque observamos isso muito mais forte nos meninos que nas meninas? Porque é mais aceito uma menina não hetero do que um menino? Eu vejo o machismo por trás disso, é mais aceito uma mulher se aproximar do masculino do que um homem abdicar do seu privilégio de opressor para desviar para o polo oprimido feminino. Por que um homem ia querer isso? Por que faria de livre e espontânea vontade? Justamente, não é assim que gênero e sexualidade funcionam. Há a tentativa de binarizar tudo, biologizar tudo, querer definir, colocar em caixas. O que não entendemos incomoda, muitas pessoas preferem falar que está errado, que não deveria existir, a se abrir a aceitar o que não entende, ou a se esforçar a conhecer de forma respeitosa, a não se colocar como protagonista, a não querer falar, delimitar, opinar, mas aprender com quem está à margem.

> Por que se importar com tudo isso? Por que observar a construção das diferenças? A resposta reafirma uma das proposições fundamentais dos Estudos Feministas: porque esse é um campo político, ou seja, porque na instituição das diferenças estão implicadas relações de poder. (LOURO, 2007, p. 84).

Quem sofre mais com o machismo? Homens ou mulheres? Isso não é uma competição, não pretendo responder essa pergunta. Até porque homens e mulheres existem? São construções sociais pautadas em uma biologia não exata tratada como exata. A diversidade de sexualidade e expressão dentro desses conceitos (e fora deles!) é tão grande e muda muito como você sofre com o machismo no seu cotidiano. Não é nada fácil ser mulher e

enfrentar o machismo cotidiano, nada fácil ser trans ou de sexualidade desviante e enfrentar a LGBTfobia - em que machismo e heteronorma caminham juntos - mas ser homem, parecer ser homem, ter que se afirmar homem todos os dias, não poder desviar um instante sequer, também não me parece nada fácil.

Para alguns talvez até seja, isso está naturalizado em seus corpos, mas será que está mesmo? Ou essa enorme pressão desde criança acabou os moldando de forma quase confortável? Muitos amam seus privilégios e não se importam em ter que parecer sempre, em segurar a pose, não deixar a máscara cair. Mas para muitos é uma pressão quase insuportável que seguem suportando. Alguns suportam até o leito, outros encontram formas não tão padrões de serem aceitos, equilibrando entre o que seria uma forma mais natural de agir para si e o que a sociedade os impõe.

Já outres, desviam por completo, colocam a cara a tapa. Não é nada fácil, mas essa escolha é para quem não consegue se esconder, tentam esconder seu desvio mas é impossível, não conseguem se enquadrar na forma e sofrem do mesmo jeito, então pra que continuar tentando? Outres porque é ideologicamente impossível e querem somar à luta. Para ambes essa escolha pela liberdade de ser, e se permitir se descobrir, vem com ônus, mas com o crescimento e visibilidade da comunidade queer, as coisas estão mudando, já dizia Gloria:

> Eu posso ver que nos 1990 uma ponte serpente arco-íris composta de novas/os mestizas/os, pessoas queer bi e multirracial que estão misturadas e politizadas vai insurgir e tornar-se vozes importantes em nossas comunidades gays, étnicas e outras. (ANZALDUA, 2017, p. 10)

Começaria mais ou menos por aqui um outro metatexto, para tratar de sexualidade, já que o presente era sobre gênero. Mas não foi possível separá-los, ficou muito nítido em suas falas a miscelânea que fazem com esses assuntos. Acredito que isso se relacione com a questão que levantei anteriormente - a partir do que foi possível observar com o público trabalhado - sobre a pressão heteronormativa ser mais forte com os meninos. Isso pode ter a ver com o feminino já ser uma identidade desviante dentro da:

> hierarquia machista e heterossexista que atribui aos homens heterossexuais o status de identidade majoritária. Nessa hierarquia, a maioria, porém, não é soberana, ela é também submissa às regras do binarismo. Para merecer os próprios privilégios, cada membro do sexo masculino deve demonstrar ser não apenas diferente, mas também superior às minorias: comportamentos "femininos", atitudes "excessivamente" carinhosas com outros homens, manifestações "exageradas" das próprias emoções, situações de subordinação às mulheres, são luxos que um "homem verdadeiro" não pode nunca ter. (BERNINI, 2011, p. 6)

Por essa ótica, podemos observar que os atos homofóbicos direcionados a eles estão muitas vezes relacionados à expressão de gênero, não à sexualidade. As falas a seguir corroboram com essa afirmação.

Sabrina: Evandro é viado?

Jéssica: Não, ele é gay, viado não existe, viado é um bicho.

Larissa: Aí, ele nem tem jeito...

Jéssica: Não tem jeito não! Porque tem homem que tem filho e é gay.

Alice: Por que que você achou que era mentira? Porque considera que ser gay é ruim. É, porque pra ser gay precisa parecer uma mulher.

Jéssica: Tem uns cara aí que paga de macho e é tudo gay.

Larissa: Né Felipe...

Joana: Meu irmão ele é e nem parece.

Sabrina: Até o jeito do seu irmão andar dá pra ver!

Maitê: Ce falou que Evandro não parece gay, porque a expressão de gênero dele, ce acha que é feminina, masculina ou andrógena?

Todes: Andrógena!

Maitê: O que que é andrógena?

Todes: Gay.

Nessas falas, podemos observar como não compreendem muitos dos conceitos da sigla LGBTQIAPN+ e como interpretam que existe um jeito de parecer ser que define sua sexualidade. Essa é uma pauta importante para essa comunidade desviante, uma vez que há a regulação de quem é mais aceito socialmente por ter passabilidade mais próxima à norma. Mas como mostramos aqui, no Biscoito Sexual, identidade de gênero (como a pessoa se identifica, ex: mulher, homem, não binarie), sexualidade (por qual sexo/gênero a pessoa se interessa no campo afetivo-sexual, ex: pansexual, heterossexual, lésbica) e expressão de gênero (como a pessoa demonstra seu gênero, baseado nos papéis sociais convencionais de cada gênero, ex: feninina, masculina, andrógina) são coisas diferentes. Essa confusão reforça a importância de tratarmos destes assuntos, não com o objetivo que decorem esses conceitos, mas que compreendam que é possível ser diferente da norma e que dentro da diferença ainda existem muitas formas de ser.

Ao afirmarem compreender que pessoa andrógina significa gay, fiz uma explicação dialogada sobre expressão de gênero. Essa confusão de conceitos também pode ser observada na discussão a seguir:

Sabrina: Bi é viado?

Valentina: Bi é bicha.

Larissa: Não, bi é que pega homem e mulher.

Rafaela: Ludmila. Ludmila gosta de mulher, mas ao mesmo tempo gosta de homem.

Sabrina: Mas a Ludmilla namora com a Bruna.

Camila: Ela namora com mulher, então ela não gosta de homem não.

Valentina: Ela gostava!

Sabrina: Ela é casada com a mulher! A mulher mora dentro da casa dela!

Nesse diálogo fica nítido como a monogamia é usada como norma reguladora da sexualidade, dificultando o entendimento, por exemplo, de como uma pessoa pode se interessar por homens sendo casada com uma mulher. Pois existe a crença monogâmica de que se alguém tem um relacionamento e é de fato fiel, sequer "terá olhos" para outra pessoa, não se interessará no campo afetivo-sexual por ninguém. A monogamia é tida como a regra natural, mas não possui fundamentos biológicos para a nossa espécie e foi imposta em catequização coerciva aqui no território de Pindorama (NÚÑES, 2021).

Geni Núñez salienta que a monogamia, o monoteísmo e o monossexismo, inserem-se em uma conjuntura dos sistemas coloniais de monocultura (2021), reforçando a impossibilidade de pensar e sentir de forma plural. O que é perceptível nos diálogos desse metatexto, as falas sempre apontando para a binariedade, demonstrando dificuldades que muitas pessoas têm em pensar para além de homem ou mulher, além da sexualidade como desejo voltado para uma única pessoa, além da possibilidade de gostar de homem *ou* de mulher. Essa palavrinha bem pequena, de apenas duas letras - ou - demarca o pensamento binário, demarca a bifobia, que invalida sexualidades que se interessam por mais de um gênero, considerando-as confusas ou promíscuas.

Podemos perceber desentendimentos que têm quanto a diferentes âmbitos da sexualidade humana, somada a expressão de gênero. Em certas falas a temática trans aparece regada de preconceitos e erros conceituais, já em outras de forma respeitosa. A questão da cirurgia de redesignação de sexo foi algo que deixou-les com muitas dúvidas e curiosidade, como podemos ver no diálogo a seguir - mas não se espantem com a facilidade que trocam de assunto, como disse Alice, conversam igual o feed do TikTok.

Rafaela: Luizinho é gay, mas tem um estilo de homem.

Joana: Não, ele tem estilo de mulher e o estilo dele é ótimo, eu acho o estilo dele muito bonito.

Sabrina: Sabe aquele meu shortinho rosa? Ele tem um igualzinho.

Alice: É o que tava aqui de cropped outro dia?

Sabrina: É, ele tem o cabelo todo cacheadinho e ele anda assim ó.

Joana: Minha filha, cê tem que ver, eu vi ele ontem, ele tava com um shortinho, cropped e tava assim... cabelo cacheadinho... eu ri demais.

Sabrina: Uma mulher que foi lá em casa ontem parecia travesti.
Maitê: Mas parece ou ela é?
Sabrina: Eu não sei, mas parece, ela é grandona, nú, igualzinho travesti… Mas eu acho que ela é mulher, porque ela fez marquinha.
Maitê: Mas travesti também pode fazer marquinha.
Didão: Mas tem como homem virar mulher? Tipo o homem colocar uma perereca?
Valentina: Se fazer uma cirurgia, tem como!
Sabrina: Pabllo Vittar tem! Ele fez cirurgia.
Larissa: Fez não que ele usa calcinha aí dá pra vê...
Maitê: Tem muita coisa na internet que não é verdadeira.
Michely: Que é mentira! É fake news! … Eu tenho uma prima travesti, ela tem peitão! E não é silicone não!
Sabrina: Homem engravida?
Rafaela: Engravida! Se tiver um órgão que a gente tem...
Valentina: Mas como é que o bebê vai sair?
Joana: Não! Não! O homem não tem o mesmo órgão que a mulher tem.
Rafaela: Mas se tiver um, se colocar o órgão que a mulher tem…
Sofia: O homem pode trocar o pinto pela perereca.
Joana: É tipo, Sofia corta a barriga dela, vai lá pego o dela aí põe ni Felipe...
Tamires: Travesti, né não?
Sofia: Homem nascer com negócio e se sentir mulher, tendeu? Aí eu falei Pabllo Vittar... mas travesti, palavra horrorosa!
Sabrina: Tem como colocar de novo?
Tamires: Elas é feia demais, tem umas altura tadinhas.
Maitê: Então, tem muito preconceito contra as travestis, porque as pessoas muitas vezes não respeitam a identidade delas, chamam no masculino, fala que é homem e isso é uma ofensa…
Tamires: Tem que chamar ela?
Camila: É mulher uai!
Sofia: Tem aquela mulher que trabalhava aqui, que chamavam de porco espinho. Ela parece homem gente, só que ela é mulher.
Jéssica: Ela é sapatona.
Larissa: Alice, você tem coragem de pegar mulher?
Alice: Eu sou bissexual.
Jéssica: Da pra ver na sua cara que você é bissexual.

As falas acima foram desencadeadas pela dinâmica ‘Os modelos que eu vejo’, assim como o diálogo a seguir - um encontro antes das explicações com o Biscoito Sexual - no qual se destaca uma consciência acerca do que é certo, para além de suas opiniões. Percebe-se que assim como reproduzem preconceitos também reproduzem falas de aceitação. Mas é tão difícil mensurar o que é genuinamente nosso e o que vem de fora. Será que esse genuíno existe? Acredito que é na dialogia que isso se dá, quando temos acesso a diversas visões, argumentos, vivências e a partir disso conseguimos construir nossas compreensões de mundo. Como educadories não queremos que decorem, aceitem e internalizem o que defendemos como certo, mas, como de fato não somos neutres, trazemos nossas visões para o debate. Na sua opinião, as falas abaixo estão mais próximas de serem genuínas ou reproduções?

Larissa: Ah e eu pus essa mulher aqui, porque nós leu a revista, ela não gostava dela ser mulher, ela queria ser homem, aí ela cortou o cabelo, ela tentou ser o máximo possível.

Rafaela: O problema é que a mulher pode ser homem na hora que ela quiser…

Maitê: E você acha que isso é um problema?

Rafaela: Acho.

Mateus: Essa mulher aqui é porque ela queria, não queria, não gostava de ser mulher, aí ela queria ser homem, aí ela foi, cortou o cabelo...

Larissa: Aí como nós não somos preconceituosos, pois ela aqui.

Ao longo dos encontros, principalmente com a discussão com o Biscoito Sexual, foi possível observar novas construções de pensamentos, entendimentos e ampliação das concepções de formas possíveis de ser e ocupar o mundo. Novamente, venho aqui defender uma educação não binária, que não corrobore com a doutrinação de corpos nos moldes binários e incentive estudantes a serem livres e livres de preconceitos. Evoco novamente Lorenzo Bernini (2011), defendendo também uma *perspectiva transgender*, atrelada a uma educação NB, na qual gênero “não representa uma alternativa rígida entre o masculino e o feminino, mas se configura como uma progressão entre o masculino e o feminino rica de nuances” - evitando diversas opressões que presenciamos nessas falas.

O presente metatexto foi formado pela fusão de duas análises que inicialmente tentei separar, uma focada em gênero e outra em sexualidade, mas isso não foi possível, em seus discursos misturam os conceitos como se dissessem sobre a mesma coisa, impossível fragmentar os diálogos a tal ponto. Pensei em nomer o metatexto que focaria em sexualidade de “Viadinho”, esse termo foi muito frequente nos encontros, sempre com conotação negativa, frequentemente em seu outro formato - “viado”. Por vezes afirmavam não terem preconceito, apenas estarem falando de tal pessoa, entretanto, riam do seu modo de andar, falar e de suas

roupas. Em contraponto, as meninas tiveram muitas falas defendendo essa liberdade de sexualidade:

Rafaela: Fui eu que escrevi “Por que homem gosta de homem?”

Sofia: Porque eles se apaixonam. E depois eles beijam.

Maitê: “E por que mulher gosta de mulher?”

Sofia: Nossa gente, pelo amor de Deus, minha fia ó. Porque sim. Porque ela gosta.

Larissa: Porque ela é sapatão e ela gosta de mulher e é isso.

Maitê: “Pode homem gostar de homem e mulher de mulher?”

Valentina: É a escolha deles uê.

Na sequência, trago um diálogo parecido com um anterior, sobre homem poder gestar uma criança. Este é cronologicamente anterior ao outro, foi no nosso primeiro encontro. Pensei em não colocar para não ficar repetitivo, mas este está aqui por me surpreender quando traz visões curiosas e outras científicas quanto às temáticas levantadas.

Maitê: “Homem pode engravidar de homem?”

Valentina: Claro.

Rafaela: Não.

Larissa e Sofia: Pode.

Felipe: Pode não.

Rafaela: É proibido por lei!

Sofia: Pode, pode, pode.

Valentina: Pode não, porque é contra a lei!

Larissa: Ô meu fio! Homem não tem igual mulher não! O homem não tem o útero. Nossa...

Sofia: Pode sim! Pode sim! Pode sim! Minha filha! Se ele quiser ter filho...

Felipe: Como?! Como? Mas é contra a ciência! Esse é contra a ciência, velho. Como? É contra a ciência! Como o homem vai engravidar de homem?

Sofia: É só ele alugar uma barriga.

Alice: É possível. Sabe por quê? Porque depende do que que a gente considera como homem.

Larissa: Só você virar homem, né? Que você vai engravidar...

Felipe: Mulher engravida de mulher? Não!

Joana: Como assim alugar a barriga?

Sofia: Alugar. Quem tá grávida, quiser dar o filho pra outra pessoa, pode dar, ué. Entendeu? Isso que eu tô falando, você colocar no verde, você não tá entendendo.

Felipe: Ela dá a mulher e ela dá o filho pra outra pessoa. E denuncia ela.

Sofia: Não, nada a ver.

Rafaela: Vai na justiça!

Joana: O filho dela saiu da buceta dela!

Larissa: Que não, meu filho. O país é proibido não.

Sofia: Ela vai na justiça e vai passar a guarda do filho dela.

Valentina: É! Cada um tem a sua escolha! Retardado!

Finalizo esse metatexto sem conclusões, quis trazer aqui muitas das falas que me marcaram, é interessante podermos ver como indivíduos de 10 a 13 anos constroem raciocínios, impermanências e formas de ver o mundo. Temos muito o que aprender com iles quanto às impermanências… vamos crescendo, nos tornando adultos e nos tornando também fundamentalistas, agarramos certezas, nossas opiniões e não queremos soltar. Espero que a leitura aqui, além de instigante e por vezes cômica, possa despertar fluidez e impermanência, que entendamos que tudo bem mudar de opinião, tudo bem reconhecer que erramos, tudo bem ora pensarmos uma coisa, ora outra. Tudo bem sermos algo e mudar para variar.

Mas calma! Não acabou. O próximo metatexto continua essa discussão…

Violência - Metatexto 4

> Todas essas formas de violência e brutalização são de fato parte de um design global, que visa definir o que significa ser violento, quem tem o poder para sê-lo, e contra que tipos de corpos a violência pode ser exercida sem prejuízo à normalidade social. No marco desse design global, a violência é gerida para ser mortal para muitos e lucrativa e/ou prazerosa para uns poucos(…) cumpre um programa e opera em favor de um projeto de poder anexado a heteronormatividade, cissupremacia, neocolonialismo, racismo, sexismo e supremacia branca como regimes de exceção. (MOMBAÇA, 2016, p. 9)

Nosso primeiro encontro começou no clima de um assassinato brutal que havia ocorrido na vizinhança na noite anterior, muitas das crianças tinham visto o corpo, que com certeza seria velado em caixão fechado. Em encontros seguintes, os detalhes sórdidos apareceram em suas falas. Assim como de um gay que foi esfaqueado no bairro vizinho, apenas pela sua sexualidade e de um traficante local que espanca a companheira grávida repetidas vezes, das brigas no meio da rua, apimentadas por garrafas quebradas, faca, foice…

O que essas vítimas têm em comum? Não possuem corpos dominantes na matriz heteronormativa, sendo então vítimas de violência de gênero. Frisando que esse tipo de violência é sofrida por todas minorias sexuais - são elas identidades femininas e todes desviantes presentes na sigla LGBTQIAPN+ (Butler, 2008, p. 412-413 *apud* CARRERA-FERNÁNDEZ, 2019, p. 69). Preciado, afirma que o gênero por si só é a violência, que as normas de feminilidade e masculinidade, tal como as conhecemos, geram violência (2010 *apud* CARRERA-FERNÁNDEZ, 2019, p. 69).

> Esses sistemas de violência e morte são análogos entre si e participam dos motores do capitalismo, são o modo de vida pelos quais somos formados desde a Modernidade. Apesar de todos os movimentos de resistência, escape e fuga que existiram e sempre existirão, e que fazem com que as coisas mudem, essa fôrma geral pela qual alguém ou algo se torna humano foi naturalizada e vem sendo reproduzida persistindo nesses últimos séculos. Sem dúvida, há gente interessada na permanência dessa fôrma, que se empenha deliberadamente nisso, e há muita gente que reproduz esse sistema sem perceber. É por isso, portanto, que as pessoas não ficam perplexas e não param tudo quando uma pessoa negra é torturada e morta por um branco, quando um rio é morto com detritos de minério, quando morre o último indivíduo de uma espécie, quando uma mulher é estuprada etc., porque esse sistema que violenta e mata é o mesmo que nos forma. Quando a destruição sistemática é normalizada, passa a parecer que ela é necessária para que a gente exista. (ASPIS, 2023, p. 64)

Trago agora a fala das adolescentes sobre o relacionamento abusivo repleto de violência doméstica que foi relatado anteriormente:

Sofia: Muito triste.

Sabrina: Mas aí ela foi morar com ele de novo.

Valentina: Não tem vergonha na cara, quer apanhar de novo.

Sabrina: Ela perdeu, ela tava sangrando dentro de casa. O cunhado mais o namorado dela falou que não tá nem aí. A cunhada falou “por mim que ela morresse dentro de casa”.

Sofia: Eu vi ela de barriga crescida agora, ela não perdeu o neném não.

Rafaela: De lá de casa dá pra escutar ele só dando nela correiada, tijolada, pau... ela fala “para, Juliano”, só que ele não para.

Sabrina: O ex-namorado dela também batia nela, só que com o ex-namorado dela ela revirava com ele, batia nele também. Eles brigavam muito, desde o ex-namorado que ela briga na rua.

Rafaela: Ele não batia igual o Juliano não.

Valentina: Tem que denunciar o cara, ligar pra polícia e deixar ele morrer na cadeia.

Rafaela: Tem que fazer boletim de ocorrência.

Valentina: Os policiais tem que ir todo dia na casa dele e quebrar ele.

Sabrina: Aí minha prima segurou ela que ela queria entrar lá dentro, aí ela pediu pra chamar a polícia pra ele, aí ela chamou. Aí a polícia parou aqui, pediu o nome dela, o número dela, mas a polícia, se falasse que era Juliano, a polícia conhece ele, aí ela não falou que era ninguém...

Alice: Ela não falou?

Joana: Ele já tem passagem pela polícia.

Valentina: Ela é burra!

Joana: E nós tamo falando o nome deles alto!

Sabrina: A polícia vem na casa dele direto. E não veio só a pequenininha, veio a tático.

Rafaela: Nós tamo falando o nome dele alto.

Alice: É verdade, vamos ter cuidado, vamos tentar falar mais baixo, acho real essa coisa...
Maitê: Vocês acham que na educação das crianças, tanto meninos como meninas, tem alguma coisa que a gente pode fazer? Que a sociedade pode fazer? Que os professores podem fazer...
Valentina: Denunciar!
Maitê: Pra ensinar essas crianças a não se tornarem esses adultos depois.
Rafaela: Fazer boletim de ocorrência, pedir medida protetiva.
Sofia: Denunciar.

O desejo de ser protegido pela polícia, não importa a que preço, não considera a dimensão racista estruturante do sistema prisional, cujo maior alvo segue sendo pessoas pretas e empobrecidas. A aposta nessas estruturas normativas, como fonte de segurança para grupos minorizados, evidencia a falta de imaginação política interseccional desse ativismo que luta por um projeto de mundo do qual temos sido reiteradamente excluídas (MOMBAÇA, 2016). O encarceramento em massa deixa rastros nessa comunidade, por diversas vezes o pai preso de dois integrantes das oficinas é citado, sempre em tom de ausência, falta, abandono. É comum nesta localidade ter um pai ou marido preso.

Não penso que esse pai na verdade é um homem bom, honesto, que deveria estar solto, mas pela sua condição socioeconômica também é uma vítima do sistema. Não discordo que, em situações como do diálogo acima, nós devamos denunciar, muito pelo contrário, inclusive incentivei isso quando falamos sobre violência sexual infantil. Entretanto, é nítido em nossa sociedade como muitas vezes essa via não é eficiente, quando vemos que a polícia conhece o traficante local, possivelmente conhece/faz parte dos esquemas, quando a polícia sabe que este mesmo homem espanca uma mulher e não faz nada. Como também no caso a seguir:

> Durante vários anos, parte dos movimentos feministas brasileiros lutaram pela Lei Maria da Penha (…) Em 2006, o projeto virou lei. Em 2013, a taxa de crimes contra mulheres em espaços domésticos era já 12,5% maior que em 2006 (…) ao chamar a polícia para intervir em situações de violência sexista e/ou transfóbicaa-homofóbica-lesbofóbica-etc, é comum que eles hajam em favor do agressor, pois o que organiza as ações da polícia não é a lei, mas o desejo - que é, nesse caso, desejo de perpetuação desse sistema que garante o direito de gerir e performar a violência não apenas ao estado, mas também ao homem cisgênero. (MOMBAÇA, 2016, p. 6)

Este mesmo diálogo continua:

Alice: Mas denunciar é pra quando a coisa já aconteceu. E pra evitar que aconteça?
Rafaela: Não adianta...
Joana: Bater nele bastante!
Sabrina: Não, bater não vai adiantar não, aí quando ele crescer vai revirar, aí ele vai meter a mão no cê.

Alice: Cês acham que eles apanharam quando eram crianças?
Rafaela: Apanharam, nú, apanharam...
Joana: Não, não... eu acho que só Franciely, porque Marcinha bate em Franciely até nela grande.
Sabrina: Bate, até hoje, ela é adulta, já tem três filhos.
Alice: Eu acho que bater na verdade coloca na nossa cabeça a ideia de que apanhar é normal e bater é normal, aí a gente se torna adultos que batem nas pessoas, bate na mulher, bate nos filhos e acha que é normal, apanha e acha que é normal, porque apanhou a vida inteira.
Rafaela: Mais violência que tem nesse Brasil, mais criança vai...
Sabrina: Minha mãe não é de bater muito. Meu pai nunca pôs a mão em mim, só uma vez...
Joana: Meu pai também não, mas quando ele me bate... minha mãe nunca pôs a mão em mim. Meu pai falou comigo, 'se eu apanhei muito quando eu era pequeno, se você apanhar cê também não morre não'.
Alice: Mas não é só morrer né? Consequências da vida, não é só morrer que é a consequência ruim, ficar uma pessoa raivosa, ser uma pessoa que não consegue resolver de outra forma…

Essa fala de Alice se articula com a seguinte afirmação de Jota Mombaça, “Ninguém passa incólume pela violência, e todas as que fomos violentadas e injustiçadas ao longo da vida sabemos bem disso. A violência cria marcas, implica vidas, ela não é um evento simples, é sempre complexa, multidirecional e por isso requer cuidado” (MOMBAÇA, 2016, p. 15). Se relaciona também com o relato que se segue sobre o pai de Joana:

Joana: Teve um dia que meu irmão foi a Belo Horizonte, ele não tava nem olhando pro cara, aí ele tava olhando pro telefone dele, o cara começou a bater nele falando assim que ele tava olhando pra mulher dele, sendo que ele nem gosta de mulher. Ele chegou com o olho roxo, com a cara toda machucada, parecendo que tinha batido nele com faca, ai meu pai caçou o cara, meu pai não achou, meu irmão não quis falar quem que era, meu pai falou “se achasse ele ia pagar os outro pra poder matar o cara”.
Sabrina: Ele bateu no seu irmão por quê...?
Joana: Porque o meu irmão é gay e ele falou que meu irmão tava olhando pra mulher dele sendo que ele nem gosta de mulher.
Sofia: Quer ver? Uma canguiça horrorosa, feiosa, horrorosa...
Rafaela: O namorado do seu irmão também é bonito.
Joana: Meu pai até hoje procura esse cara, falou pro meu irmão que era pra gente ir lá em Belo Horizonte, ele ia falar o nome do cara, aí meu pai ia chamar o cara pra poder beber, na hora que o cara tivesse bêbado ia matar ele.

Sabrina: Mas aí ele já tá sendo traiçoeiro.

Joana: Isso foi o que meu pai queria fazer…

Esses casos de violência extrema são mais comuns feitos por mãos e bocas masculinas. É comum essas diferenças serem atribuídas ao biológico, como algo natural, como podemos observar no discurso seguinte na dinâmica do Concordo ou Discordo:

Maitê: Vocês acham que a violência é da natureza do homem?

Felipe: Sim.

Maitê: E o que que é a natureza?

Joana: Desde pequeno.

Felipe: Tem dentro do homem, no pensamento dele.

Maitê: Mas vocês acham que é uma coisa que ele tem dentro dele ou que ele pode ser incentivado desde criança?

Felipe: Ele pode ser incentivado desde criança ou ele não tem maturidade pra assumir os erros dele e desconta tudo na mulher.

Maitê: E aí vocês acham que as mulheres são naturalmente menos agressivas?

Todes: Sim.

Felipe: Porque elas já têm maturidade e consciência do que elas vão fazer.

Maitê: Então você acha que a mulher é menos violenta porque ela fica mais madura mais cedo?

Felipe: Sim.

Rafaela: Aham.

Maitê: Então quando o homem ficar um pouco mais velho e chegar na maturidade da mulher mais nova ele vai ser menos violento?

Felipe: Sim.

Maitê: Os meninos acham que os homens hoje em dia são menos machistas que antigamente?

Felipe: Sim.

Valentina: Não! Eles são machista! Eles ficam batendo em mulher. Tão mais machistas!

Larissa: São mais machistas! Antes só tinha agressão... hoje ta tendo estupro. Agora os homem faz estupração, eles bate em mulher...

Sofia: Eles aponta o dedo na cara! Eles mata criança! Isso é crueldade!

Valentina: Eles sequestra criança.

Rafaela: Eles estupra criança e mata mulher inocente.

Maitê: Calma, então você acha que antes não tinha estupro?

Sofia: Tinha sim!

Larissa: Não, tinha. Mas não tinha a quantidade que tem hoje.

Valentina: Eu acho que agora tem mais porque o mundo tá muito cruel.

Maitê: Os meninos acham que são menos machistas que os homens mais velhos?

Felipe: Sim. Porque a gente ainda não tem consciência dos homens mais velhos. A gente não tem a consciência de fazer o que eles fazem.

Maitê: Mas aí você acha que vocês, quando ficarem na idade deles, vão ser menos machistas do que eles nessa idade? Que aí vocês já vão ter mais consciência.

Felipe: Mais maturidade e consciência…

Sofia: Não, ele vai começar a dar carinho, depois vai começar a maltratar.

Miguel: Que nem eu.

Felipe: Ce não pega ninguém, Miguel!

Miguel: Ah não! Mais que ocê!

> A violência masculina é uma arma transversal de normatização de gênero e controle social. Ela afeta não apenas mulheres cis e corpos não-heterossexuais e trans, mas também os próprios homens cisgêneros que tem de alcançar esses graus ideais de virilidade a fim de cumprir com aquilo que a normalidade de gênero requer (MOMBAÇA, 2016, p. 6).

Em diversas passagens Miguel se afirma como agressivo, mas não observamos isso em suas atitudes, é um menino doce, mas que sente a necessidade de se afirmar muitas vezes nesse lugar, possivelmente por entender que isso é ser homem. Diferenças, distinções e desigualdades, a sociedade, assim como as instituições escolares, entendem bem disso. Na verdade, produzem isso, exercem uma ação distintiva, separam as pessoas, a escola imediatamente separa os meninos das meninas (LOURO, 2007). A carapuça serve, a escola reproduz, incentiva e ajuda a perpetuar o hegemônico, mas ela não é a única vilã. Apesar de tudo isso estar fortemente entranhado em nossa sociedade, ao final do mesmo encontro tivemos respostas diferentes:

Larissa: Às vezes nem é o homem que é agressivo, do jeito que eles vê o mundo começa a ser agressivo pelo jeito que o mundo leva eles...

Alice: A gente costuma chamar isso de machismo estrutural, que a gente já nasce aprendendo um monte de coisas, que fazem a gente ter comportamentos ao longo da vida que às vezes a gente pode nem concordar, mas não parou pra ver e aí vai fazendo e vai se tornando normal uma coisa que não deveria ser normal né.

Felipe: Tem gente no mundo que eles não são agressivos, mas só de olhar pra pessoa a pessoa quer agredir ela, isso que eu acho estranho.

Alice: É verdade, é ruim mesmo, aqui mesmo eu vejo várias vezes um olha pro outro e já

querem ir pra cima.

Maitê: Mas voltando, vocês acham que é da natureza? O nenenzinho, que nasce com um pinto, ele já nasce sendo mais pra ser violento...

Alice: O irmão da Valentina, já tá predestinado a ser mais violento, Ponan!?

Maitê: Ponan, já nasce predestinado a ser mais violento? Ou é a criação da sociedade que faz com que eles sejam violentos?

Joana: Criação da sociedade que faz com que eles sejam violentos.

Sabrina: É a criação.

Valentina: Eu acho que é a criação também.

O tema *violência* também apareceu nas letras das músicas que trabalhamos na dinâmica Desvendando músicas e danças do tiktok. Perceber distinções de gênero relacionadas à submissão é importante no discurso a seguir:

Pedro: Deixa eu explicar, tem todos tipo de tapa.

Larissa: Na cara, na bunda.

Fernanda: Fala que cês não gosta!?

Pedro: Tem tapa normal, tem soco na custela.

Sabrina: Puxa o cabelo dela! Da soco na custela! (cantando)

Pedro: Tem tapa na cara e tem tapa na bunda.

Maitê: E isso é legal?

Joana: Não.

Sabrina: É!

Larissa: Pra quem faz isso...

Pedro: Se a mulher gostar é legal.

Maitê: Mas vocês acham que tem gente que gosta de tomar soco na custela?

Sofia: Mas doi tá!

Felipe: Enforca ela, da soco na custela! (cantando e fazendo movimentos de soco)

Maitê: Por que mulher gosta de tomar tapa e homem não?

Pedro: Não sei...

Joana: Ela é safada, piranha, prastituta, vagabunda!

Alice: Ce sabe alguma música que fala de dar tapa no cara?

Pedro: Aham, quando a mulher tá agressiva.

Maitê: Mas tem música que fala disso?

Todes: Não.

Sofia: Quando a mulher tá agressiva ela não quer transar, meu filho!

Seria querer ir longe demais desvendar tudo acerca desses fetiches, mas em boa parte pode ser justificado pela socialização diferencial de meninas e meninos, a mulher colocada geralmente em posição passiva, submissa, e o homem como dominador, ativo, agressivo. Tudo isso mexe com um imaginário sexual, reforçado pela pornografia, mas como disse Enzo em um momento que o tema *pornografia* surgiu: “Quem vê pornô é iludido!”.

Não quero dizer que não tenham fetiches que caminhem para o polo oposto, afinal de contas, muites não estão satisfeites e não se veem na norma que paira sobre nós. Mas será que mulheres realmente têm mais esse fetiche de apanhar? Ou os homens têm mais esse fetiche de bater? Ou então esses fetiches são igualmente presentes em pessoas independente do gênero, mas as músicas e mídias retratam principalmente a norma heterossexual de submissão feminina? Para pensar em possíveis respostas para essas perguntas, trouxe explicações presenter no artigo *Análise textual: Porque há pessoas que gostam de experienciar algo desagradável, como sexo agressivo?* de Judite Zamith-Cruz e Ana Filipa Gomes (2019):

Quando ocorre prazer, recompensa, o cérebro segrega neurotransmissores, em especial dopamina e acetilcolina, que favorecem a mudança nos mapas cerebrais. O sexo agressivo “pode decorrer da necessidade de uma maior descarga sexual para sentir prazer”, “o que é visível na internet onde estão tão misturadas a sexualidade e a agressividade (pornografia hardcore)” (p. 500). A amígdala, no cérebro, “é muito ativa em encontros sexuais agressivos e está associada à emoção negativa e à ansiedade (stresse, angústia), ao medo e ao aborrecimento” (p. 501). Essa estrutura e seu significado emocional fazem parte de mecanismos de estímulo e recompensa, assim como sensações de prazer.

“Os mapas cerebrais da sexualidade e da agressividade estão separados, mas podem unir-se na adição sexual (...) em que a pornografia ativa a dopamina, sistema apetitivo do prazer”, “o perigo da dopamina em demasia é criar adição/dependência.” que, conjuntamente às endorfinas em níveis elevados - responsáveis por “eliminação de dores do corpo” - tornam a pessoa simultaneamente eufórica e extremamente relaxada (p. 501). As pesquisadoras afirmam que uma pessoa fetichista pode eliminar a ansiedade, normalmente desagradável e tornando essa experiência algo agradável. “Produz-se um rearranjo dos referidos centros de prazer. Domina o medo e até a dor física se torna prazerosa. Uma outra pessoa, com muita ansiedade, pode libertar endorfinas que a deixam eufórica.” (ZAMITH-CRUZ; GOMES, 2019, p. 504)

Por essa ótica é possível enxergar o sexo agressivo além das motivações sociais ligadas a desejos de poder e submissão - que apesar de poderem existir em qualquer indivíduo são construídas também socialmente, com incentivos como a pornografia dentre outras

representações de jogos de poder que vemos ao longo da vida. Mas também com motivações físicas/bioquímicas - aparentemente independentes de gênero e sexualidade - que podem nos fazer questionar porque certas pessoas precisam de ir além de um sexo não agressivo para sentir esse prazer.

Este mesmo trabalho cita a fala de uma escritora que relaciona o sexo agressivo à catarse, como uma sensação de libertação que segue uma situação opressora: "Julgo que é muito mais uma questão de antecipação. Construí um cenário na minha cabeça, estou tão nervosa que, quando acontece, a dor é quase catártica, a sua intensidade parece quase natural" (Burnett, 2018, p.162 *apud* ZAMITH-CRUZ; GOMES, 2019, p. 499).

Para conseguimos pensar mais afundo sobre os efeitas da pornografia nesses sistemas complexos, utilirizaremos o artigo *Pornografia, subjetividade e violência de gênero*, de Laís Landes Monteiro e Alexandra de Gouvêa Vianna, que afirma que:

> Atualmente a relação da pornografia no cotidiano das pessoas se tornou tão intrínseca à produção de desejos sexuais e consequentemente às identidades e relacionamentos humanos que é difícil imaginar uma sociedade não pornificada. (...) Assim como qualquer outro produto viciante, a pornografia é a mercadoria perfeita de uma era de superprodução, a cada ato de consumo renova-se a demanda. Para Jacques Lacan (2008), o princípio do prazer faz o homem buscar o retorno de um signo, que se desloca de um objeto para o próximo - o que mantém o sujeito capturado na trama da sociedade de consumo. (2019, p. 216)

No caso do pornô, essa trama capitalista pode ser exemplificada pelos usuários viciados nesse produto que passam horas diárias explorando esses materiais, pulando de um vídeo para o outro, querendo repetir momentos de prazer ou encontrar as cenas que os fazem sentir o ápice fugaz que libera a sensação desejada - que é seguido pela falta, sensação vazia, que idealiza mas nunca se preenche com o objeto em questão, levando à busca, muitas vezes, por mais, alimentando essa indústria. Seus defensores atrelam a pornografia à liberdade de expressar de forma não censurada suas visões de mundo sobre sexo, entretanto, essa argumentação não leva em consideração a relação da pornografia com a produção de subjetividades e realidade social (MONTEIRO; VIANNA, 2019).

Está escrito na etimologia da palavra, pornografia não significa "escrita sobre sexo", "imagens de nudez", "gravuras eróticas", mas sim desenhos sobre prostitutas (DWORKIN, 1989 *apud* MONTEIRO; VIANNA, 2019, p. 220). Atualmente, esse continua sendo o teor massivo dessas produções, corpos femininos objetificados e abusados - exibidos e identificados como "putas", "piranhas", "vadias", "vagabundas" (MONTEIRO; VIANNA, 2019, p. 220).

> A pornografia como linguagem estruturante da sexualidade fornece significantes tais como o sorriso das mulheres - exigido pelos pornógrafos mesmo quando elas estão sendo humilhadas e difamadas. A identificação com a

> demonstração final de “prazer” na violação produz efeitos sobre as subjetividades das mulheres, construindo corpos submissos e retroalimentando as relações de poder desiguais entre gêneros. Ribeiro (2017) expõe que é através do sorriso que a indústria pornográfica consegue negar a violência, por meio de discursos como “ela gosta de sentir dor, sente prazer na violação” e a consequência social é uma confusão entre sexo e violência sexual. Para Dworkin (1989) esse é um dos pilares da dominação masculina - identificar mulheres como “piranhas” em sua essência. Desse modo elas não estão sendo violentadas, mas sim apenas revelando a sua natureza de “puta”. (MONTEIRO; VIANNA, 2019, p. 220)

Essas pesquisadoras relacionam o comportamento sexual abusivo e o consumo de pornografia, pois estudos concluem que “apesar de nem todo consumidor de pornografia ser abusivo, os dados não deixam dúvidas: em média, indivíduos que assistem pornografia com mais frequência são mais propensos a se envolverem em violência sexual” (MONTEIRO; VIANNA, 2019). A explicação para isso pode estar nas pesquisas que mostram que em 88% de 304 vídeos analisados apresentavam agressão física e 49% das cenas contam com agressão verbal - em 94% dos casos contra mulheres. (MONTEIRO; VIANNA, 2019) Afirmando que:

> o chamado discurso de ódio exerce um efeito silenciador sobre a expressão de suas vítimas e efeitos psíquicos como angústia, medo ou vergonha, a pornografia pode então ser considerada uma violação dos direitos humanos das vítimas destas manifestações. O discurso pornográfico produz efeitos de subjetivação até mesmo em indivíduos que não seriam considerados particularmente sexistas e que não se reconhecem como misóginos, criando um território com função de ancoragem para o desenvolvimento de processos psicossociais violentos. Ao criar um ambiente que reforça a violência de gênero (física e simbólica), a pornografia padroniza comportamentos machistas nas estruturas sociais contemporâneas, conjugando produção e repressão - desejo e identidades. (MONTEIRO; VIANNA, 2019, p. 225)

Outro dado muito preocupante que trazem é que “teen (adolescentes) é a sétima categoria mais pesquisada no site e a décima segunda mais assistida no mundo, Ribeiro (2017) expõe que em 2012, cerca de 20% de toda a pornografia contida na internet continha abuso sexual de menores” (MONTEIRO; VIANNA, 2019, p. 224). Esses vídeos, assistidos por crianças e adolescentes, podem induzir a normalização da pedofilia; além de tantos outros que pregam a submissão feminina e diversos padrões físicos e comportamentais problematicos.

> Usada pelos jovens como fonte de educação sexual, a pornografia limita e estereotipa também os modos como a sexualidade deve ser exercida. Para Ribeiro (2017), a padronização das condutas sexuais e desconsideração pelo prazer feminino configuram violência sexual e também psicológica. Os cenários e roteiros comuns na pornografia fornecem kits perfis padrão: homens que sabem melhor que as mulheres o que elas querem; mulheres que gostam de tudo, em especial o que agrada aos homens, custe o que custar; e o orgasmo feminino como forma de corroborar com a autossatisfação masculina, não necessariamente como prazer verdadeiro da mulher. A partir de Bourdieu (2002) podemos entender a pornografia não como a representação de um ato que tem por fim a posse sexual, mas sim como um meio onde o prazer masculino é associado à virilidade, potência e a eficiência em submeter mulheres às suas vontades. A pornografia é o simples discurso afirmativo da dominação masculina em seu estado mais puro. (MONTEIRO; VIANNA, 2019, p. 221)

É muito séria essa afirmação de que a pornografia é usada como fonte de educação sexual, e muito real. Pesquisas mostram que a idade média que adolescentes entram em contato com a pornografia pela primeira vez é aos onze anos e que crianças com menos de dez anos representam 22% do consumo de pornografia antes da maioridade (MONTEIRO; VIANNA, 2019). Podemos refletir com a seguinte pergunta e hipótese: como a exposição infantil à pornografia afeta a fantasia e a construção libidinal dessas crianças?

> Quando meninos de 11 ou 12 anos entram em contato com a pornografia hardcore pela primeira vez, eles acabam excitados e traumatizados. Para Dines (2010), são vítimas da indústria, pois acabam entrando em contato com algo que não é o que eles procuram. De todo modo, essa é a idade em que eles desenvolvem as suas preferências sexuais (MONTEIRO; VIANNA, 2019, p. 223)

Mesmo traumatizados, normalizam aquilo e são constantemente pressionados pela cisheteronorma a se posicionarem com consistência, afirmar sua masculinidade, a não questionar e internalizar os valores sociais impostos (MONTEIRO; VIANNA, 2019). Segundo as autoras, essa violência psicológica também ocorre na formação das mulheres, que ao terem contato com a pornografia normalizam a subordinação sexual. Deste modo, a indústria pornográfica se aproveita da bandeira de libertação sexual, das mulheres que exibem como objetos sexuais, justificando o uso de seus corpos para o prazer masculino.

> Ribeiro (2017) atenta que não apenas a pornografia gera consequências bruscas na vida das mulheres, como também influencia na construção de masculinidades, transmitindo a exigência de virilidade, força, pênis de tamanhos exorbitantes e ereções de longa duração. Para Guattari e Rolnik (1996), assim como para Bourdieu (2002), o que fortalece esse tipo de subjetividade é que ela se produz tanto ao nível dos opressores quanto dos oprimidos. Não a toa escreve Simone de Beauvoir: "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 1967, p. 9 *apud* MONTEIRO; VIANNA, 2019, p. 222).

Finalizam com a reflexão que:

> Boicotar a pornografia não é rejeitar a sexualidade, mas sim recusar compactuar com tal violência de gênero e dominação masculina. Minar as forças patriarcais e buscar uma realidade social menos desigual e opressora para as mulheres passa pela conscientização dos efeitos da pornografia no desenvolvimento da sexualidade humana. (MONTEIRO; VIANNA, 2019, p. 226)

Concordo plenamente com esse boicote quando estamos falando deste pornô, heteronormativo e misógino. Entretanto, como redistribuição da violência, é possível construir narrativas pornográficas que subvertem papéis, mostram outros corpos e relações possíveis. Paul Preciado, autor contrário ao movimento antipornográfico, entende a pornografia como um movimento político capaz de transversalizar práticas e identidades. Para Preciado, a melhor forma de enfrentar a pornografia dominante é produzir representações alternativas, proporcionando representatividade (MONTEIRO; VIANNA, 2019) - já que acabar com a pornografia não acabaria com as opressões estruturais que a compõem -

colocando essa área cinematográfica também como campo de disputa.

Outro lado extremo do prazer com a violência é relatado no trecho a seguir:

Sabrina: Tem um homem que mora lá no barracão, ele apanhou porque ele é via... gay, ele apanhou, tomou um coro, ficou todo machucado, porque ele era gay.

Joana: E deu facada nele ainda, ele morava lá nos predinhos, foi o...

Sofia: Coitada! Se alguém bater em mim só porque eu namoro mulher vai tomar um soco!

Alice: Infelizmente, isso é comum nessa sociedade.

Nesse cenário, trago agora Jota Mombaça mais fortemente para dialogar com a gente:

> Simplesmente andar pelas ruas pode ser um evento difícil quando suas roupas são consideradas "inapropriadas" e sua presença mesma é lida como ofensiva apenas pelo modo como você age e aparenta. O risco de tornar-se parte das horríveis estatísticas de violência anti-bicha (e anti-trans, anti-nordestina, anti-preta, etc.) é uma constante e não é justo que somente nós - que assumirmos como ética da existência a desobediência à normalidade social ou que simplesmente estamos mal posicionados no ranking dos "direitos humanos dos humanos direitos" - tenhamos que lidar com esse risco. Redistribuição da violência é uma demanda prática quando estamos morrendo sozinhas e sem nenhum tipo de reparação seja do estado, seja da sociedade organizada. Redistribuição da violência é um projeto de justiça social em pleno estado de emergência e deve ser performada por aquelas para quem a paz nunca foi uma opção (2016, p. 10).

Isso pode parecer muito radical, agressivo, mas o primeiro passo rumo a redistribuição desobediente e anticolonial da violência é, apenas, nomear a norma. Porque a norma é o que não se nomeia, nisso consiste o seu privilégio (MOMBAÇA, 2016). Redistribuição da violência não é sobre devolver na mesma moeda, mas sobre violar os violadores no seu lado mais frágil, na essência de superioridade que pensam ter. Nomear a norma é obrigar o "normal" a confrontar a si mesmo, bagunçar a lógica de seu privilégio, intensificar suas crises e desmontar seu controle.

> Redistribuir a violência, nesse contexto, é um gesto de confronto, mas também de autocuidado. Não tem nada a ver com declarar uma guerra. Trata-se de afiar a lâmina para habitar uma guerra que foi declarada à nossa revelia, uma guerra estruturante da paz desse mundo, e feita contra nós. (MOMBAÇA, 2016, p. 10).

Nu! Sentiu essa definição?

Outra forma de redistribuição da violência são expressões artísticas - como músicas, performances, estéticas - que ferem a moral dos opressores e/ou, ao passo que se afirmam como corpos desviantes, afirmam também sua força e ameaçam seus algozes, mostrando que estão prontos para o confronto. Como autodefesa, "não é só sobre bater de volta, mas também sobre perceber os próprios limites e desenvolver táticas de fuga, para quando fugir for necessário. É também sobre aprender a ler as coreografias da violência e estudar modos de intervir nelas." (MOMBAÇA, 2016, p. 14)

Retomaremos essas ideias em cenas dos próximos capítulos.

RUMO AOS MUNDOS QUE SONHAMOS

Até o meio do mestrado eu estava achando fácil escrever, não era uma coisa que me sentia travada, nem dificultosa ou dolorosa, tinha algo para fazer no trabalho, assim que dava fazia, tinha algo para escrever, sentava e escrevia. Até pouco antes da qualificação foi assim, Mas quando foi pra finalizar o texto para a qualificação… eu sabia que os metatextos ainda não estavam prontos, que faltava análise, que faltava bastante debruçar neles ainda, mas eu já estava exausta, não queria mais, só queria que acabasse logo. Também estava bastante perdida, sem saber qual caminho seguir em certas análises, sentindo falta de referências que imaginava que iriam me sugerir na qualificação. Então só queria qualificar logo, para ver o que iriam me sugerir e fazer o quanto antes. Mas quando na qualificação a enxurrada de sugestões foram o triplo do que eu estava esperando, dei uma desesperada, me senti cansada antecipadamente, constatando que não seria possível defender no tempo que almejava.

Aí depois respirei e fui fazendo, aos poucos, ou aos muitos que demoravam como se eu estivesse fazendo aos poucos (lógico que nas "férias", quem trabalha 40h e tem uma criança para cuidar arruma tempo como?). Dias e dias lendo dezenas de artigos e livros até me cansar, intercalando com dias e dias de bagunçar as ideias tentando escrever (tem momentos que estou mais disposta para cada uma dessas atividades que são bem distintas para mim). A escrita que antes parecia fácil pra mim, agora, para enquadrá-la nos moldes acadêmicos exigidos (e olha que dos que dá eu ainda escapo), se tornou exaustiva e dolorosa. Ao menos, imagino que agora finalmente eu esteja conseguindo, já que todes afirmam ser sofrida assim a escrita acadêmica, principalmente em trabalhos de conclusão de alguma coisa. Ainda não tenho nenhuma trava na escrita, ela flui, aqui estamos nós, mas trazer sempre pessoas para dizer aqui o que às vezes não sei como vieram parar na minha cabeça…

Desde o começo me informaram que eu queria coisas demais com a pesquisa, que seria mais fácil reduzir e focar, que não dá pra fazer tudo, não dá pra abraçar o mundo. Talvez esse tenha sido o problema, se eu quisesse coisas mais simples poderia usar meia dúzia de autores como referência que seria suficiente. Mas não, não consigo deixar nada de lado, não consigo abrir mão do que acho importante, não consigo abrir mão do que desejo, então se quero tratar disso tudo tenho que explicar tudo, referenciar tudo e *voilà,* aqui está.

Um trabalho que questiona como a Educação Afetivo-Sexual comumente é desenvolvida em ambientes educacionais, frisa a necessidade de que ela seja realizada com foco na emancipação integral dos seres e propõe um conjunto de atividades para tal. Essas, suscitam reflexões com o intuito de contribuir para a tomada de consciência sobre o próprio corpo, assim como sobre direitos sexuais e reprodutivos, corroborando para a construção de

relações afetivo-sexuais saudáveis. O levantamento de Temas Geradores é o pontapé que desencadeia as demais atividades, que utilizam-se da codificação e descodificação de situações, almejando a superação de situações-limites, ambos conceitos de Paulo Freire.

Com relação ao desenvolvimento e análise da sequência, observamos que contradições e impermanências nas falas foram muito presentes, sinalizando que opiniões e conceitos ainda não estão formados, isso constitui-se em ponto chave para o ensino-aprendizagem. Como educação emancipatória, não traz novas verdades, mas sim questiona supostas verdades, acrescentando novos pontos de vista, para que estejam aptos a construir suas próprias opiniões e senso crítico.

Outra questão nítida foi o maior envolvimento das meninas, tanto na assiduidade quanto nos discursos. O silêncio foi mais presente em alguns dos meninos, que pareciam ficar um pouco tímidos com certos temas, diferente das meninas.

Os temas geradores encontrados - que orientaram as escolhas e reformulações das atividades - foram: violência, relações e binarismo de gênero, sexo e maternidade. Temas estes que caminharam junto aos metatextos gerados a partir da ATD, indicando conexão entre ambas metodologias. Na Análise Textual Discursiva os metatextos emergem a partir da imersão nas informações coletadas, tanto em campo quanto bibliográficas. Não por acaso os temas dos metatextos coincidiram com os temas geradores encontrados nos primeiros contatos com o grupo de estudo. Isso não foi planejado, inclusive, é possível obter um resultado diferente usando essas duas metodologias simultaneamente, entretanto, nesse caso não foi apenas uma coincidência, mas sim uma confluência e que há essa tendência ao trabalhar Temas Geradores e ATD conjuntamente.

A realização dessas atividades apontaram sucesso na busca pelos temas geradores e situações-limites como caminho metodológico para se desenvolver uma educação afetivo-sexual emancipatória. Não é o foco deste trabalho, mas essa experiência deixa a percepção de que esse processo de busca, incluindo parte das dinâmicas, podem ser reformuladas para se trabalhar outros temas, inclusive em outras áreas de conhecimento.

Com a Análise Textual Discursiva não buscamos tentar interpretar as falas ou suas motivações. Mas sim, utilizamos as interações discursivas para operar conceitos que desejamos discutir neste trabalho. Ousamos fazer suposições, não com intuito de se encontrar alguma verdade, mas como possibilidades de análise. Pois, concordo com Cristina d'Ávila Reis, que "informações que são coletadas em um trabalho de campo não são dados passíveis de serem explicados, mas são significados produzidos no contexto pesquisado, que podem ser lidos e construídos de diferentes formas" (2012, p. 247, *apud* DOS REIS, 2019, p. 91).

Em nosso último encontro, os pedidos para continuarmos foram muitos, parte de mim gostaria, mas era necessário encerrar o ciclo. Recebi uma homenagem emocionante de despedida, com a certeza que havíamos trilhado um bom caminho, construído a relação que eu almejava, de partilha e confiança. Uma das meninas chorava muito e me abraçou com força - a mesma que relatou diversas vezes sobre o pai preso, que sabemos que aos 9 anos já era muito responsável pelos cuidados com o recém nascido irmão caçula. Penso o quanto significou as trocas que tivemos. Ela, junto com outras, cantou a música Trem Bala, frisando o trecho "É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti". Na semana seguinte, o perfil da ONG no instagram fez um post com vídeos do último encontro, agradecendo o projeto. Parte da legenda dizia:

> "É importante ressaltar a profundidade dos processos e como construímos muitos conhecimentos por meio do afeto e da confiança. O carinho e a importância desses momentos nos levam a criar um ambiente seguro, onde as conversas acontecem de maneira profunda, cuidadosa e respeitosa!".

Essas palavras reforçam minha interpretação de ter atingido os objetivos principais do trabalho. Relembrando que na EAS o afeto não se apresenta apenas nas relações que são foco de discussão, mas também é essencial nas relações entre educadore e educandes, assim como em qualquer relação de ensino-aprendizagem. Acreditar na educação é acreditar que de migalha em migalha, de contato em contato - enriquecedor como estes - vamos aos poucos, como formiguinhas, mudando o mundo.

Mas a mudança é tão demorada e temos pressa, as estatísticas não estão do nosso lado. Queremos transformações maiores que nossos braços conseguem aguentar, por isso: Educadories, uní-vos em prol de uma educação emancipatória!

É sonhar demais lutar por uma transformação social tão intensa que seja o fim deste mundo? O fim do mundo como conhecemos? Deste mundo devastado pela destruição capitalista, ordenado pela supremacia branca, normalizado pela cisgeneridade, reproduzido pela heteronormatividade, governado pelo ideal machista de silenciamento do feminino e atualizado pela colonialidade do poder. Mundo da razão controladora, da distribuição desigual da violência, do genocídio de populações racializadas, empobrecidas, indígenas, trans, e de outras tantas. O apocalipse deste mundo parece ser a única demanda política razoável. (MOMBAÇA, 2016)

> É certo que, se há um mundo por vir, ele está em disputa agora, no entanto é preciso resistir ao desejo controlador de projetar, desde a ruína deste, aquilo que pode vir a ser o mundo que vem. (…) Recusar-se a oferecer alternativas não é, portanto, uma recusa à imaginação, mas um gesto na luta para fazer da imaginação não uma via para o recentramento do homem e reestruturação do poder universalizador, mas uma força descolonial, que liberte o mundo porvir das armadilhas do mundo por acabar. (MOMBAÇA, 2016, p. 16).

Reitero a importância de nos basearmos em cosmovisões indígenas e afrodiaspóricas nessa busca, pois “uma compreensão da organização social pré-colonial feita a partir das cosmologias e práticas pré-coloniais é fundamental para entendermos a profundidade e o alcance da imposição colonial” (LUGONES, 2020, p. 72), para, aí sim, buscar a subversão da colonialidade de gênero. “Não é de interesse dos movimentos indígenas… recriar uma realidade idílica que supostamente existiria antes da colonização, nem há no pensamento nativo contemporâneo qualquer ideia de uma “pureza” original a ser resgatada” (MUNIZ, 2023). Mas sim o fim da mitologia de gênero, em busca de liberdade, respeito e esperança para o novo futuro possível que está em construção.

E diretamente dentro da educação como fazer essa revolução? Depois de todo caminho percorrido nesta pesquisa, acredito poder afirmar que uma educação não binária é uma forte aliada da redistribuição desobediente e anticolonial da violência - como disse anteriormente, não é sobre bater de volta, mas sobre violar os violadores no seu lado mais frágil, uma educação não binária presta a esse papel; além de atuar diretamente em um grande problema existente, que é a educação binária como praxe. Não é uma tarefa fácil, nem rápida, pois os binarismos estão muito consolidados socialmente, mas os desviantes já estão há décadas cavando túneis subterrâneos sob essa ilusão normalizadora e o chão está começando a ruir (PRECIADO, 2022).

Todes que estão saindo do armário - não digo armário como lugar que guarda apenas identidades de gênero e sexualidade, mas, como Eve Sedgwick aponta, guarda também demais desvios à norma (2007) - estão criando fissuras nessa matriz patriarcal/cisheteronormativa/petrossexorracial (PRECIADO, 2022), assim como aquilis que no geral nunca entraram no armário ou seguem resistindo a séculos às suas pressões, como diversos povos originários. Essas fissuras, ora superficiais, ora profundas, estão sendo escavadas também por educadories que possuem corpos desviantes ou que desviam com práticas pedagógicas que questionam essa matriz normatizante.

Para atingirmos de fato uma educação não binária, essa pauta precisa estar presente nas formações iniciais e continuadas de professories, fortemente na educação infantil - onde a doutrinação costuma ser intensa e o estrago vai criando raízes, com uniformes binarizantes, cores, representações, brinquedos, brincadeiras e fantasias binariamente distintas. Essa violência não pode continuar! Crianças não deveriam ouvir repetidas vezes que não podem chorar por serem algo, ou que não podem brincar de boneca porque isso, ou que não podem brincar de carrinho porque o contrário, ou que não podem usar tal fantasia porque aquilo. Isso é muito violento!

A proposta dessa pedagogia queer, não binária, caminha junto ao existir indígena, pois não acreditamos que devemos moldar as crianças para ser algo ou alguém, mas que devem crescer livres para explorar o mundo com criatividade e prazer, descobrindo a si, seus gostos e sentimentos. Krenak (2022, p. 100) fala da violência que é tentar formatar crianças, as enchendo de informações, "No lugar de produzir um futuro, a gente deveria recepcionar essa inventividade que chega através das novas pessoas", e que suas subjetividades são "capazes de inventar outros mundos - o que é muito mais interessante do que inventar futuros."

É, terei que concordar que tudo isso parece um sonho, um devaneio bobo… mas defendo aqui que sonhos não são bobos, às vezes são mais reais do que a realidade que apenas parece ser real. Sonhos são nossa âncora, são a utopia que nos faz chegar a um lugar melhor.

> o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: (...) de como o sonho *afeta* o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria inteligível (KRENAK, 2020, p. 37-38)

Por meio dessa dissertação estou contando meus sonhos, esperando que eles afetem outras pessoas para que se movam junto comigo, ou melhor, para que se movam junto conosco, que já estamos nos movendo nessa direção, eu definitivamente não estou sozinha nessa. Quanto mais contarmos nossos sonhos, mais conseguiremos transformar o mundo rumo aos mundos que sonhamos. Falo tanto de sonhos acordados quanto dormindo, pois muitas vezes relacionam-se.

> Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. (KRENAK, 2019, p. 34-35)

Dito isto, instigo, com que mundo sonhamos?

Antes de responder essa pergunta gostaria de explicar porque prefiro nomear as coisas pela negação de conceitos do que pela afirmação. Afirmando corremos o risco de enquadrar algo em uma caixa que não é exatamente aquilo - nunca é exatamente aquilo - e de desconsiderar a fluidez de hora ser e hora não ser, que por si só já não é.

Respirou? Bora desembolar esse raciocínio. Exemplificando comigo e com conceitos que gosto e são importantes na minha vida: prefiro me afirmar como não hetero, não binária, não monogâmica, do que usar qualquer nome ou termo afirmativo nesse campo de gênero, sexualidade e afetos. Algumas dessas negações já se estabeleceram como conceitos, mas conceitos abertos que apenas negam a norma, não estabelecem uma nova norma de ser ou agir. Encontrei autories que confluem neste pensamento comigo:

> Preciado (2014) propõe a desontologização dos sujeitos e das políticas identitárias. Acredita na destruição da ordem patriarcal a partir da negação, da não identificação e, principalmente, da ressignificação de categorias naturalizadas - aquilo que entendemos como homem, mulher, transexual, homossexual, etc. (MONTEIRO; VIANNA, 2019)

Logo, ao afirmar o mundo que queremos, corremos o risco de chegar lá e ver que não basta isso, que não era este também. Voltando à pergunta: que mundo queremos? Não queremos este, queremos outros. Krenak (2022, p. 27) diz: "Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos". Sonhamos com mundos não binários em tudo, mundos pluriversais, sonhamos que se destrua o dualismo normal-anormal, que se destrua a matriz heteronormativa e etnocêntrica (CARRERA-FERNÁNDEZ, 2019). Como diz Nego Bispo "Nós não vamos desmanchar, nós vamos é destruir o que eles fizeram e reeditar o que o nosso povo ensinou" (BISPO, 2020, p. 51 *apud* ASPIS, 2023, p. 66). Não precisamos ter medo da destruição, Ailton nos questiona:

> "Por que tanto medo assim de uma queda se a gente não fez nada nas outras eras senão cair?". (...) talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo de que realmente gostamos é gozar, viver no prazer aqui na Terra. (KRENAK, 2019, p. 42)
>
> De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza "estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro", mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. (...) Quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza. (KRENAK, 2019, p. 44)

FIM DO MUNDO

Voltemos a história de Paul Preciado, que faz um paralelo entre a sensação de ver a catedral de Notre-Dame pegando fogo em Paris e:

> o prenúncio do fim de um tempo ou a chegada de uma nova era. Esta intuição, porém, não depende de uma clarividência espiritual ou de uma premonição apocalítica, mas de uma revelação estética. A intensidade visual do fogo e a beleza das ruínas ficam gravadas em cada memória apesar da pressa dos poderes públicos em ocultá-las. A nuvem tóxica que o incêndio gera não é maior que a nuvem digital cuja expansão já não é mais possível conter. Derrubamos o bosque planetário, construímos com suas árvores um monumento dedicado a um deus inexistente - que não era mais que o traslado semiótico dos distintos poderes sociais de seus construtores. A catedral poderia chamar-se teocracia, capitalismo, patriarcado, reprodução nacional, ordem econômica mundial… E agora tudo arde. E as ruínas, apesar de tudo, são melhores que o capitalismo, melhores que a família heteronormativa, melhores que a ordem social e econômica mundial. Melhores que qualquer deus. Porque são nossa condição presente: nosso único lar. (2022, p. 24-25)

Essa dissertação é uma ruína.

Krenak cita o povo Maxakali, que em meio ao deserto de pasto em que seu território foi transformado, conseguem enxergar a floresta e nomear todos os seres que existiam ali, apontando o lugar de cada um na paisagem, mesmo sem chão para pisar conseguem recriar um lugar para ser habitado. E o Rio Doce, que ao ser sufocado por lama tóxica, teve a capacidade de mergulhar na terra e continuar seu caminho para o mar, nos ensinando a evitar um dano maior. "Estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis" (KRENAK, 2022, p. 37). Como foi o caso dos povos indígenas, das religiões de matriz africana, das pessoas dissidentes de gênero, obrigades a se disfarçar, negar sua identidade, para continuar existindo. Mas já deu! Não aceitamos mais essa farsa.

> Se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, à vida, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia de finitude. Não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos, antes, nos transfigurar, afinal a metamorfose é o nosso ambiente, assim como das folhas, das ramas e de tudo que existe. (KRENAK, 2022, p. 42-43)

Para alcançarmos os mundos das cartografias afetivas, o primeiro passo, é o fim deste.

Encerro esse escrito com um conto de meu povo, sobre Xamum orun - cobra grande. Essa versão está escrita na publicação de Txâma Xambé Puri (2021, p. 1-2):

> A cobra é a mãe que carregava a vida. Quando choveu e o alimento da terra começou a nascer, ela caminhava nas raízes. A terra era fértil e havia silêncio.
>
> A mulher que saiu da cobra e o homem que saiu da mulher, comiam a caça da mata, o alimento da terra e alimentavam a terra também. Sempre foi este o modo que os nascidos da terra caminham com a vida.
>
> Veio um tempo em que homens invasores chegaram nessa terra e construíram coisas em cima dela para sua gente. Essa gente carregava muitas coisas e construía muitas outras. Por onde passavam derrubavam todo tipo de vida, deixavam um rastro de coisas e com as suas coisas cobriam toda a terra.
>
> Onde havia essa gente não havia mais raízes e nem cobras debaixo da terra. Era sem vida debaixo e em cima da terra. Havia para nós fome e pranto.
>
> Derrubaram sobre a Mãe Terra muito sangue de seus filhos. O rio Paraíba do Sul serpenteou vermelho, e a grande cobra de sangue assentou sob nossa terra e povo enfraquecidos.
>
> Dia após dia nossas mães choraram na beira do rio. Tamanho foi o pranto acumulado, que suas lágrimas brotaram. Então, o nosso sangue, que há nessa terra, foi ao encontro das raízes do choro de nossas mães. Foi quando a vida voltou a caminhar debaixo dessa terra.
>
> As mulheres trouxeram sementes de alimento e plantaram junto das lágrimas. Tudo que nosso povo levou para a terra, cresceu; pois a Grande Mãe estava fértil novamente. Foi quando voltamos a nascer fortes sobre a terra.

Acrescento o final mais apocalíptico que já ouvi entre nosso povo: que "quando voltamos a nascer fortes sobre a terra", xamum orun se ergue de dentro da terra destruindo o que rayon - homem branco - construiu. Que essa destruição possa ser epistemológica, política e apocalípticamente física para a máquina capitalista cisheteronormativa!

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. *A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social.* **Educação em revista**, n. 46, p. 287-310, 2007.

ANZALDÚA, Gloria. *Queer(izar) a escritora* - Loca, escritora y chicana. Tradução de Tatiana Nascimento. In: BRANDÃO, Izabel (Org.) Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis, EDUFAL, **Editora da UFSC**, 2017.

ARROYO, Miguel G. *O aprendizado do ofício.* In: Ofício de Mestre: Imagens e Auto-imagens. 15ª ed. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2000. p. 124-134.

ASPIS, Renata Pereira Lima et al. *Ensino de filosofia e resistência.* Teses (Doutorado em Educação) **Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas**, 2012.

ASPIS, Renata Pereira Lima. *Nunca diga todos e todas:* O embuste identitário que nos oprime. **Revista Alegrar**. nº26, p. 245, 2020.

ASPIS, Renata Pereira Lima. *Epistemologias dissidentes*. Revista **Fermentario**, v. 16, n. 1, p. 42–51, 2022.

ASPIS, Renata Lima. *Todo cérebro tem um cu.* Revista **Espaço Acadêmico**, v. 23, n. 242, p. 57-68, 2023.

BARROS, Fernando C. et al. *The challenge of reducing neonatal mortality in middle-income countries: findings from three Brazilian birth cohorts in 1982, 1993, and 2004*. **The Lancet**, v. 365, n. 9462, p. 847-854, 2005.

BENSUSAN, Hilan. *O lugar de fala do lugar de fala:* sobre escuta e transversalidade. **Revista Ártemis: Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidades**, v. 32, n. 1, 2021.

BERNINI, Lorenzo. *Macho e fêmea Deus os criou!?* A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**. Natal, v. 5, n. 06, 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Caderneta de saúde do adolescente.* 1ª ed. Brasília: **Ministério da Saúde.** 2009.

BRYS, Marcia de Freitas; MELO, Sonia Maria Martins de; VIEIRA, Rui Marques. *Educação sexual emancipatória por meio do pensamento crítico:* Nas ondas de rádios independentes

"comunitárias" de Portugal. In: Interação, Interdependência e Interseccionalidade em Sexualidade e Educação Sexual. **CIEC**. p. 269, 2019.

CAÊ, Gioni. *Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa.* Disponível em: https://drive.google.com/file/d/16BQ59w4ePbUqMAzrFwUiCsz3r9zJw9XL/view. 2020.

CARRERA-FERNÁNDEZ, María Victoria. *Feminismo transinclusivo y pedagogía queer*. In: Interação, Interdependência e Interseccionalidade em Sexualidade e Educação Sexual. **CIEC**. p. 67, 2019.

CASTRO, Roney Polato; DOS REIS, Neilton. *Romper binários de gênero e sexualidade*: ensaiar uma educação não-binária. **Margens**, v. 11, n. 17, p. 108-124, 2018.

CASTRO, Roney Polato de; DOS REIS, Neilton. *"Eu comecei a dar uma aula mais biológica mesmo, porque é bem polêmico"*: currículo de Ciências e Biologia e os atravessamentos de diversidade sexual e de gênero. **Ensino em Re-Vista**, p. 16-39, 2019.

COELHO, Márcia Azevedo. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. **POLÊM! CA**, v. 13, n. 2, p. 1208-1224, 2014.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *RECOMENDAÇÃO Nº 038, DE 23 DE AGOSTO DE 2019*. 2019.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; KLEIN, Carin; MEYER, Dagmar Estermann. *Generificação das práticas curriculares:* uma abordagem feminista pós-estruturalista. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 468-87, 2016.

DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. *A produção social da identidade e da diferença*. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: **Vozes**, p. 73-102, 2000.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade:* uma introdução às Teorias de Currículo. 3ª Edição. **Editora Autêntica**, 2010.

DECKER, Isabel Cristina Uarthe et al. *A categoria emancipação em Paulo Freire e suas contribuições para um processo de educação sexual emancipatória.* Mestrado em Educação, Florianopolis, **UESC**, 2010.

DINIZ, Carmen Simone G.; CHACHAM Alessandra. S. *The cut above and the cut below: the abuse of caesareans and episiotomy in São Paulo, Brazil.* **Reproductive Health Matters,** v.

12, n. 23, p. 100-110. 2004.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. *Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento.* **Ciência & saúde coletiva**, v. 10, p. 627-637, 2005.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. *Educar em Revista*, 2000, p. 181-191.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: **Mazza**, 2006.

FAUSTO-STERLING, Anne. Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality. New York: **Basic Books**, 2000.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Cuerpos sexuados:* la política de género y la construcción de la sexualidad. Barcelona: **Melusina**, 2006.

FELISBINO-MENDES, Mariana Santos et al. *Análise dos indicadores de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes brasileiros, 2009, 2012 e 2015.* **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Formação de educadores sexuais*: adiar não é mais possível. Campinas: **Mercado de Letras**; Londrina: EDUEL, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: Nascimento da Prisão. Petrópolis: **Editora Vozes**, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* São Paulo: **Paz e Terra**; 1974

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia.* 25ª Ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**; Anca/MST, 2004.

FREIRE, Simone Grohs. *Reflexões sobre a violência obstétrica:* nuances de uma necropolítica. In: Filosofias Emergentes, **Editora da FURG**, p. 84, 2022.

GAARD, Greta Claire. *Rumo ao ecofeminismo queer.* **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 197-223, 2011.

HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: **Vozes,** 2000. p. 103-133.

HERMANN, Nadja. *A questão do outro e o diálogo*. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 19, n. 57, p. 477-493, 2014.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Editora Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2012.

INSTITUTO SOU DA PAZ. *Gênero fora da caixa:* guia para educadores e educadoras. 1ª ed. São Paulo: 2011.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação:* episódios de racismo cotidianos. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: **Cobogó**. 1ª ed. 2009.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. 1ª ed. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral.* 1ª ed. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2022.

LEÃO, Andreza Marques de Castro et al. *Sexualidade e orientação sexual na escola em foco:* algumas reflexões sobre a formação de professores. **Revista Linhas**, v. 11, n. 01, p. 36-52, 2010.

LORDE, Audre. *Sou sua irmã:* escritos reunidos e inéditos. **Ubu Editora**, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria queer:* uma política pós-identitária para a educação. **Revista estudos feministas**, v. 9, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho:* ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação:* uma perspectiva pós-estruturalista. 8ª ed. Petrópolis, RJ: **Vozes,** 2007.

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial.* **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

LUGONES, María. *Colonialidade e gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: **Bazar do Tempo**, 2020. p. 52-83.

MALHEIROS, Paolla Amorim et al. *Parto e nascimento:* saberes e práticas humanizadas. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 21, p. 329-337, 2012.

MATOS, Juliana; CORRER, Rinaldo. *Educação sexual, gênero e formação de professores no Brasil:* Investigações e publicações no cenário atual. In: Interação, Interdependência e Interseccionalidade em Sexualidade e Educação Sexual. **CIEC**. p. 297, 2019.

MELO, Sonia Maria Martins de. POCOVI, Rosi Maria de Souza. *Educação e Sexualidade*. Caderno Pedagógico, v.1, Florianópolis: **UDESC**, 2002.

MOMBAÇA, Jota. *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência.* **São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo**, p. 1-20, 2016.

MONTEIRO, Laís Landes; VIANNA, Alexandra Gouvêa. *Pornografia, subjetividade e violência de gênero*. In: Interação, Interdependência e Interseccionalidade em Sexualidade e Educação Sexual. **CIEC**. p. 215, 2019.

MONTUORI, Bruna Ferreira; NICOLETTI, Viviane Mattos. Perspectivas decoloniais para um design pluriversal. **PosFAUUSP**, v. 28, n. 52, p. e176954-e176954, 2021.

MORAES, Roque. *Uma tempestade de luz:* a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 9, p. 191-211, 2003.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 12, p. 117-128, 2006.

MUNIZ, André da Silva Muniz (Kigéw Puri). *Religião e dissidências sexuais e de gênero:* Diversidades sexuais e de gênero na luta indígena anticolonial. In: Direitos e diversidades sexuais e de gênero em debate no Brasil. Belo Horizonte: **Editora Dialética**, 2023. 273 p.

NÚÑEZ, Geni Daniela; DE OLIVEIRA, João Manuel; LAGO, Mara Coelho de Souza. Monogamia e (anti) colonialidades: uma artesania narrativa indígena. *Teoria e Cultura*, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *A invenção das mulheres:* construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: **Bazar do Tempo**, 2021.

PACHECO, Raquel Da Veiga; MELO, Sonia Maria Martins de; MARTINS FILHO, Lourival José. *Educação sexual emancipatória e programas de pós-graduação:* Cenários do Brasil. In: Interação, Interdependência e Interseccionalidade em Sexualidade e Educação Sexual. **CIEC**. p. 289, 2019.

PRECIADO, Paul B.. *Dysphoria mundi:* O som do mundo desmoronando. **Zahar**. Edição

Digital em português pela Editora Schwarcz S.A., 2022.

PURI, Kigéw. *Trajetórias de (re)existências espirituais de indígenas do povo Puri LGBTQIA+*. **Portal de Anais de Eventos da Faculdades EST**, v. 8, p. 296-313, 2023.

PURI, Maitê. *Diversidade, Empatia e Educação Afetivo-Sexual* - um relato de experiência. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 46, 2023. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/46/diversidade-empatia-e-educacao-afetivo-sexual-um-relato-de-experiencia

PURI, Txâma Xambé. *O sangue Puri da terra:* Axe Krim Puri. **NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, v. 1, n. 2, p. 436-437, 2021.

RAMBO, Ricardo Albino. *Emancipação na perspectiva de Paulo Freire.* **Revista IBC.** 2018.

RAMOS, Melissa Nathalye et al. Revisão de literatura sobre a violência obstétrica. In: **VOL V (2020)**. 2020.

REIS, Cristina d'Ávila. *O uso da metodologia queer em pesquisa no campo do currículo. apud*: DOS REIS, Neilton; LEAL, Leandro; CASTRO, Roney Polato de. "Tanto o feminino quanto o masculino pra mim parece de boas": pensar (re) invenções no enlace entre gênero, identidades e juventudes. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 21, n. 47, 2019.

RESENDE, Amanda Aguiar. *Gravidez em crianças e pré-adolescentes no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Saúde Coletiva) - **Universidade de Brasília**, 2021.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro:* a formação e o sentido do Brasil. **Global Editora** e Distribuidora Ltda, 2015.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. *Experiências de pessoas trans:* corpo, gênero, sexualidade e o ensino de Biologia. In: Conteúdos Cordiais: biologia humanizada para uma escola sem mordaça. São Paulo, **Editora Livraria da Física**, 2019.

Sé de Rua. *Guerra*, álbum Ori de Trava, 2023.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A epistemologia do armário*. **Cadernos pagu**, p. 19-54, 2007.

SILVA, Lisiana Lawson Terra da. *O velho e o novo patriarcado:* reflexões sobre Calibã e a Bruxa, de Silvia Federici. In: Filosofias Emergentes, **Editora da FURG**, p. 62, 2022.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias:* pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

SOUZA, Arivaldo Santos de. *Direito e racismo ambiental na diáspora africana:* promoção da justiça ambiental através do direito. **EDUFBA**, 2015.

TAVARES, Marina de Lima et al. *O currículo da área de ciências e a construção de uma pedagogia intercultural: a formação de educadores indígenas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*. **Cadernos CIMEAC**, v. 7, n. 1, p. 160-183, 2017.

TONATTO, Suzinara; SAPIRO, Clary Milnitsky. *Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual:* uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociologia**, vol.14, n.2, p. 163-175. 2002.

VELOSO, Bigaira. *Conhecimentos tradicionais do cuidado na gestação e no parto das mulheres Kaingangs na terra indígena de Nonoai-RS*. 2021.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. *Meninas e meninos na Educação Infantil:* uma questão de gênero e poder. **Cadernos pagu**, p. 265-283, 2009.

ZAMITH-CRUZ, Judite; GOMES, Ana Filipa. *Análise textual: Porque há pessoas que gostam de experienciar algo desagradável, como sexo agressivo?* In: Interação, Interdependência e Interseccionalidade em Sexualidade e Educação Sexual. **CIEC**. p. 497, 2019.

APÊNDICE

Recurso educacional:

Só pra Saber

Maitê Puri

Só Pra Saber

Educação Afetivo Sexual Emancipatória



Só pra Saber

Educação Afetivo Sexual Emancipatória

Maitê Puri

Fotografias:

Kawane Alves Gomes

Projeto gráfico e diagramação:

João Vitor de Jesus
Paula Helena Soares Evangelista

Coordenação do projeto gráfico

Glaucinei Rodrigues Corrêa
Luísa Duarte

Projeto de Extensão Design & Educação

Apresentação

Colegas de profissão, esse e-book é resultado da minha pesquisa de mestrado, foi feito para vocês que trabalham na educação formal e/ou informal. Temos aqui um conjunto de atividades que abordam diversidade, empatia e educação afetivo-sexual, com o objetivo de proporcionar reflexões sobre identidade de gênero, autoconhecimento, respeito ao outro e a si, maternidade e paternidade.

Essa sequência foi realizada em uma ONG voltada para Educação e Cultura, destinada a crianças, adolescentes e jovens, situada em uma comunidade periférica que vive na várzea de um rio em uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. Nessa realidade identificamos violência como tema gerador central, seguindo o conceito de Paulo Freire de Temas Geradores. Esse tema se desdobrou em: comunicação violenta, abuso sexual, relacionamento abusivo, padrões de beleza e gênero, maternidade. Temáticas essas que nortearam a escolha das atividades, com o intuito de proporcionar reflexões críticas, rumo à emancipação de consciências

Propomos ampliar horizontes, não nos limitar à heterocissexualidade, incluir estudanties historicamente marginalizades em espaços educacionais pelos binarismos impostos e reforçados socialmente. Desta forma, optamos por escrever na linguagem neutra de gênero, assim como na dissertação, nela esse processo de escrita está minuciosamente explicado, possuindo também mais informações sobre o desenvolvimento e resultados das dinâmicas e uma vasta pesquisa sobre o tema. Pode ser encontrada no repositório no site do Promestre Repositório Institucional da UFMG**:Buscando no repositório**. A dissertação foi escrita de forma pessoal, de fácil leitura, traz elementos teóricos e reflexões que creio que possam te interessar.

Essa sequência de ensino foi realizada com adolescentes de 10 a 13 anos, mas pode ser realizada com outras idades, sendo sempre necessária a análise de cada público para escolher as dinâmicas mais adequadas e adaptá-las a tal realidade. São meios flexíveis, guiados pelas dúvidas e interesses dês participantes, podem ser reformulados ou utilizados separadamente. Boa parte das atividades cabe no tempo de uma única aula, outras necessitam de duas ou três.

Essas dinâmicas tratam de diferentes aspectos da sexualidade, através de exibições cinematográficas, rodas de conversa, dentre outras atividades lúdicas. O conteúdo biológico sobre prazer, atração, afetos, entre outros que despertam grande interesse estão presentes. Com o intuito de criar espaços de acolhimento seguros para descobertas e para tratar de problemas vividos. Assim como, para que possam entender o funcionamento da biologia reprodutiva, sensitiva e afetiva, bem como possíveis consequências de ações em relações afetivas-sexuais.

SUMÁRIO

Dinâmica do sinal..... 5 a 7

Concordo e discordo.....8 a 11

Os modelos que eu vejo.....12 a 15

E se fosse ao contrário.....16 a 18

Biscoito sexual.....19 a 22

Desvendando músicas e danças.....23 a 25

Toque bom e toque ruim.....26 a 29

Crianças conectadas.....30 a 32

Maternidade e paternidade na adolescência.....33 a 37

Renascimento do parto.....38 a 40

Dinâmica das luvas.....41 a 43

Sobre a autora.....44

DINÂMICA

DO SINAL



01

Tempo estimado: 50 min

Objetivo:

Identificar interesses e temas geradores para nortear as escolhas dos próximos temas e atividades a serem desenvolvidos na sequência.

Execução:

Distribuir 3 papéis pequenos para cada participante, solicitar que eles escrevam em cada papel uma palavra ou um termo que desejem discutir, relativo a temática Educação Afetivo-sexual, ou que acham que iremos trabalhar nos próximos encontros, misturar os papéis, preservando o anonimato.

Em seguida, com um semáforo, feito em cartolina com grandes círculos coloridos, já pronto, os papéis que escreveram serão lidos um a um e o grupo decidirá em conjunto onde se situa cada tema no sinal, considerando o círculo verde para os conceitos que são tranquilos de serem conversados, o sinal amarelo para as palavras que causam desconforto ao serem dialogados e a circunferência vermelha para os papéis contendo tabus que não são normalmente discutidos em ambientes educacionais e familiares

Dica É interessante, ao final da sequência de encontros, pegar esse semáforo que foi montado em conjunto, para ver se todos os temas foram trabalhados e ainda discutir mais algum que desejarem ou tirar possíveis dúvidas que possam existir.



CONCORDO

OU DISCORDO



02

Tempo estimado: 30 min

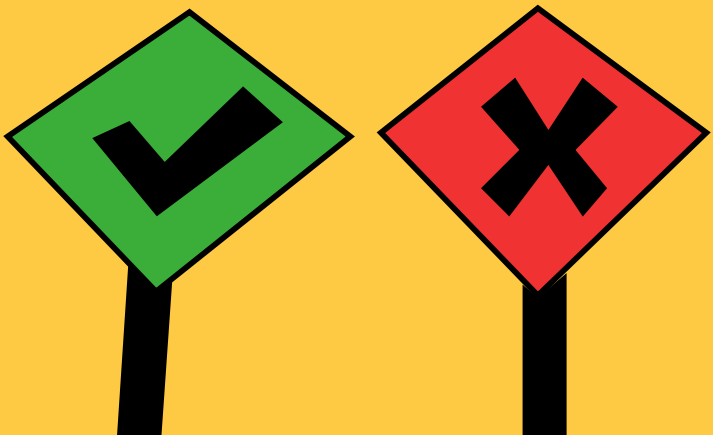
Objetivo:

Diagnosticar concepções prévias dês participantes.

Execução:

Partindo da apresentação de algumas afirmações de “senso comum” sobre relações de gênero, devem se posicionar a favor ou contra o que foi dito. Peça para os participantes escolherem sua posição mentalmente antes de se movimentarem na sala, aqueles que são a favor no lado direito da sala, os contra no lado esquerdo e os que estão “em cima do muro” no meio da sala.

Afirmações como: Hoje em dia os homens estão menos machistas do que antigamente; Os pais continuam sendo mais controladores com as filhas do que com os filhos; O que o jovem de hoje mais valoriza numa garota é o fato de ela ser “gostosa”; Existem coisas só para meninos, como futebol, e coisas só para meninas, como cozinhar e dançar balé; Os homens são, por natureza, mais agressivos do que as mulheres;



Hoje em dia os garotos estão mais carinhosos do que antigamente; É natural falar mal das meninas que gostam de sair de casa e de conversar com os garotos na rua; As garotas desejam encontrar um homem para casar e têm medo de ficar sozinhas; Hoje em dia as jovens se valorizam menos, saindo e ficando com vários meninos; Tomar conta dos filhos e da casa é responsabilidade da mulher. Ao final realizar um debate sobre as afirmações que tiveram maior divergência.

Dica Colocar escrito no quadro, ou em papéis na parede, o lado que o grupo que concorda e o outro que discorda devem se agrupar, pode ajudar a não confundirem na hora da execução da atividade.



OS MODELOS

QUE EU VEJO



03

Tempo estimado: 50 min

Objetivo:

Refletir sobre padrões sociais e de gênero a partir da montagem de “modelos ideais” de homem e mulher valorizados pela sociedade.

Execução:

Cada grupo deve desenhar num papel pardo a silhueta de um corpo e pensar em modelos de homem/mulher mais valorizados pela sociedade, recortando imagens de revistas e construindo um personagem colando estas imagens. Um grupo deve procurar imagens para fazer a construção do "modelo feminino" e o outro do "modelo masculino", procurando responder às questões: Como é a aparência? Quais bens materiais possui? O que sente?



Ao final realizar discussão, norteada possivelmente por uma ou algumas das seguintes questões: Quais problemas você identifica nesses modelos? Quais as vantagens? O que você mais valoriza em si mesmo? É possível ser diferente? Como é para você ter que estar de acordo com um padrão? Por que as pessoas têm dificuldade de aceitar outras formas de ser homem e ser mulher?

O que podemos fazer para mudar isso? Você consegue identificar preconceitos presentes na ideia de ser homem/mulher propagada pela mídia? E por sua família e amigos? Qual a importância de respeitar a diversidade (de jeitos, de corpos, de gostos, etc.)?

Dica Fazer uma pergunta por vez e deixar que discutam, se não for dar tempo de todas selecione as que fizerem mais sentido para o seu contexto.



E SE FOSSE

AO CONTRÁRIO



04

Tempo estimado: 40 min

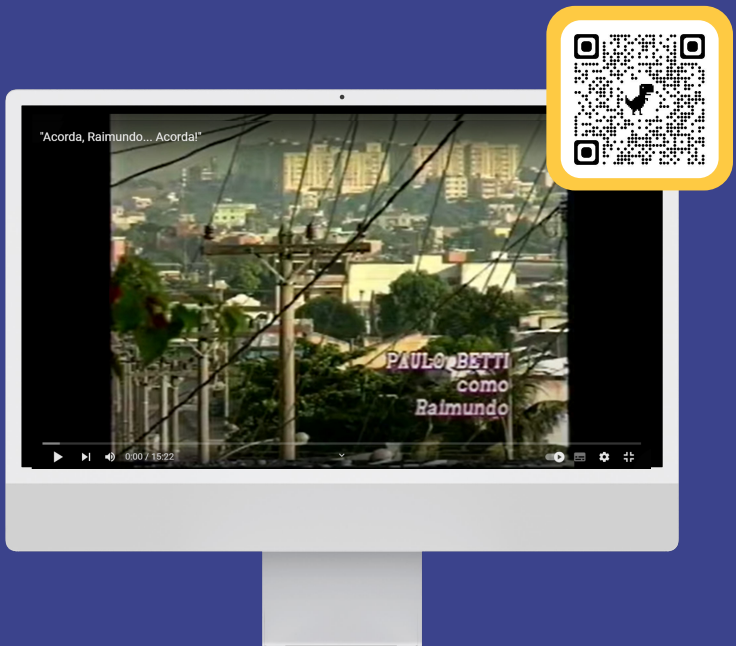
Objetivo:

Refletir sobre desigualdades de gênero que são comuns e muitas vezes não percebidas em nossa sociedade, através de material audiovisual lúdico, que produz entendimentos profundos de fácil assimilação.

Execução:

Exibição do filme ‘Acorda Raimundo... Acorda!’ **("Acorda, Raimundo... Acorda!"),** seguida de conversa norteada pelas questões: o que é bom em ser menino (a)?; o que é ruim em ser menino (a)? Ao final peça que identifiquem questões que gostariam de mudar na relação entre homens e mulheres e quais mensagens gostariam de passar para as pessoas com o objetivo de contribuir para a desconstrução das “desigualdades de gênero”.

Dica Caso o público tenha dificuldade em entender exatamente o que aconteceu no curta faça perguntas para que, em conjunto, cheguem nesse entendimento. Como “O que vocês entenderam? Na hora que estavam brigando e o despertador tocou, o que aconteceu? Qual parte que era um sonho? O que muda depois que ele acorda do sonho? Qual das partes parece mais com a nossa sociedade?



O BISCOITO

SEXUAL



05

Tempo estimado: 40 min

Objetivo:

Compreensão de conceitos atuais de identidade de gênero, sexualidade, orientação sexual, sexo biológico e expressão de gênero.

Execução:

Diálogo e explicação sobre os termos presentes na imagem a seguir amarrando diálogos sobre os temas relativo a gênero, sexo e sexualidade trazidos na dinâmica do sinal.

Como material complementar você pode acessar o site clicando **aqui** ou escaneando o qr code da página.



Identidade de Gênero



A identidade de gênero é como você, na sua cabeça, se considera. É a química que te compõe (nivels hormonais) e como você interpreta o que isso significa.

Expressaõ de Gênero



A expressão de género é como você demonstra seu gênero (baseada nos papéis tradicionais de cada gênero) através das formas que age, se veste, se comporta e interage.

Sexo biológico



Sexo biológico se refere a órgãos visíveis, hormônios e cromossomos Mulher vagina, ovários, cromossomos XX; homem = pênis, testiculos, cromossomos XY Intersex = uma combinação dos dois.

Orientação Sexual

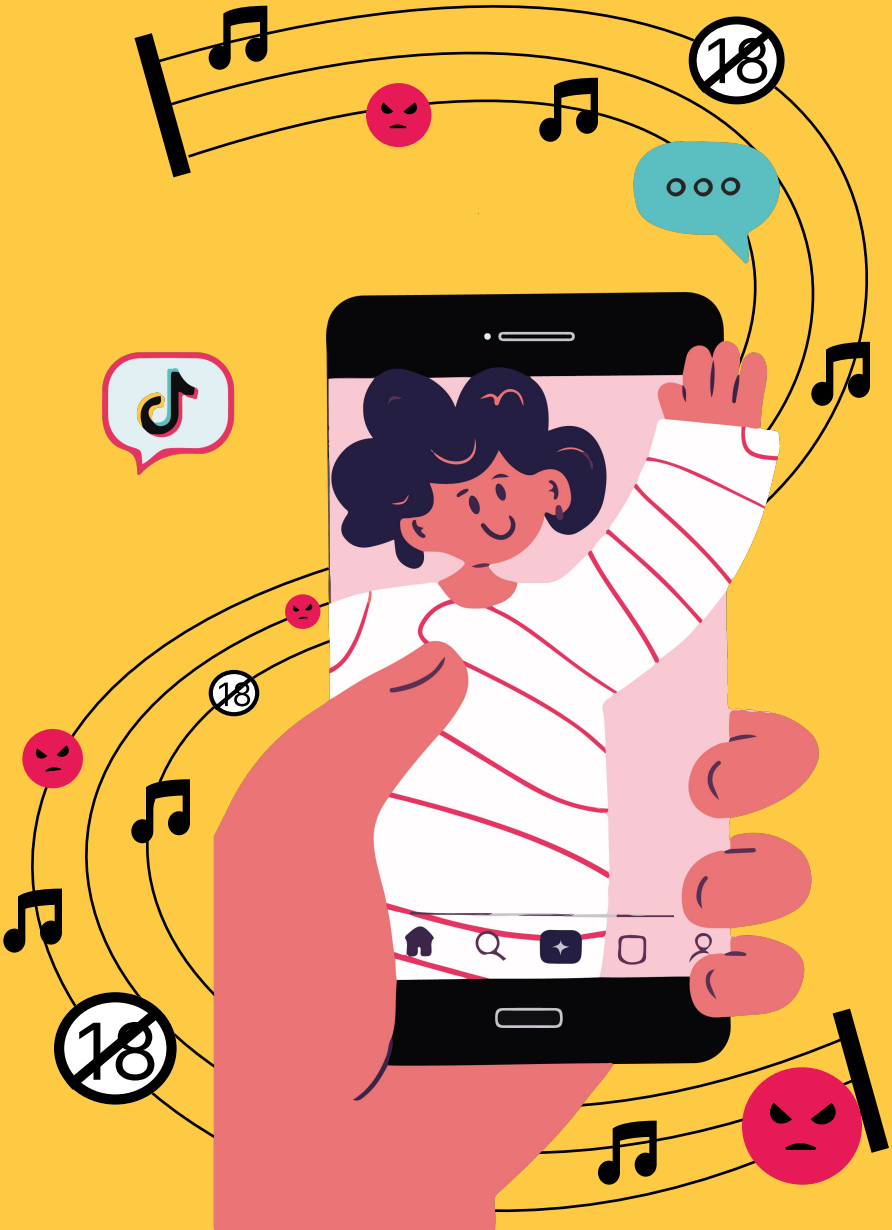


Orientação sexual reflete por quem você se atrai fisicamente, espiritualmente e emocionalmente baseado no sexo/género da pessoa em relação a você

Dica Não é necessário explicar minuciosamente todos os conceitos da imagem. O objetivo não é que apreendam seus significados, mas sim usar o biscoito como ferramenta para que possam ampliar as visões que têm relativas a gênero e sexualidade, sendo também uma boa ilustração para tirar dúvidas.

DESVENDANDO

MÚSICAS E DANÇAS



06

Tempo estimado: 50 min

Objetivo:

Perceber o quanto as crianças e adolescentes compreendem os significados de conotação sexual e abusiva presente nas músicas que tanto reproduzem e problematizar certas falas presentes nas letras que são naturalizadas apesar de violentas.

Execução:

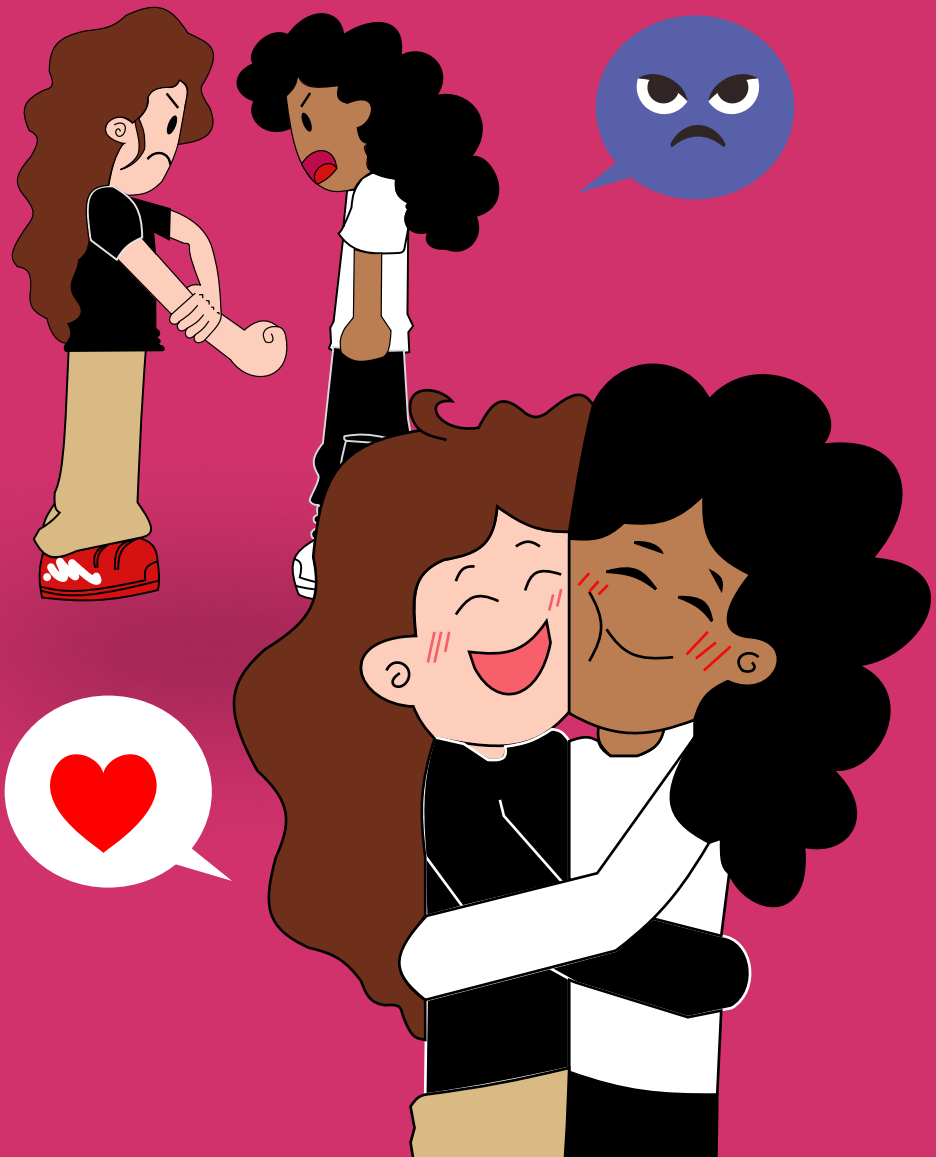
Solicite que seus alunos sugiram suas músicas preferidas que tem escutado e dançado nas redes sociais, escute e selecione algumas para trabalhar suas letras e coreografias. Colocar a primeira música selecionada para que cantem e dancem se desejarem, em seguida abrir espaço para que falem o que entendem dessa música, o que diz a letra... realizar discussão a partir disso, podendo acrescentar as partes mais problemáticas caso eles próprios não as tragam. Após encerrar a discussão, partir pra próxima!

Dica Realmente ir de uma por uma para não dispersarem muito e conseguir ter foco nas discussões.



Toque bom,

TOQUE RUIM



07

Tempo estimado: 50 min

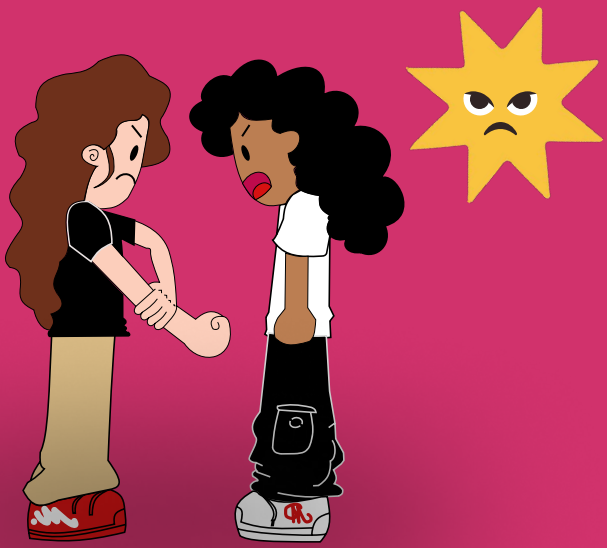
Objetivo:

Prevenção ao abuso sexual e compreensão de conceitos como privacidade, consentimento, intimidade.

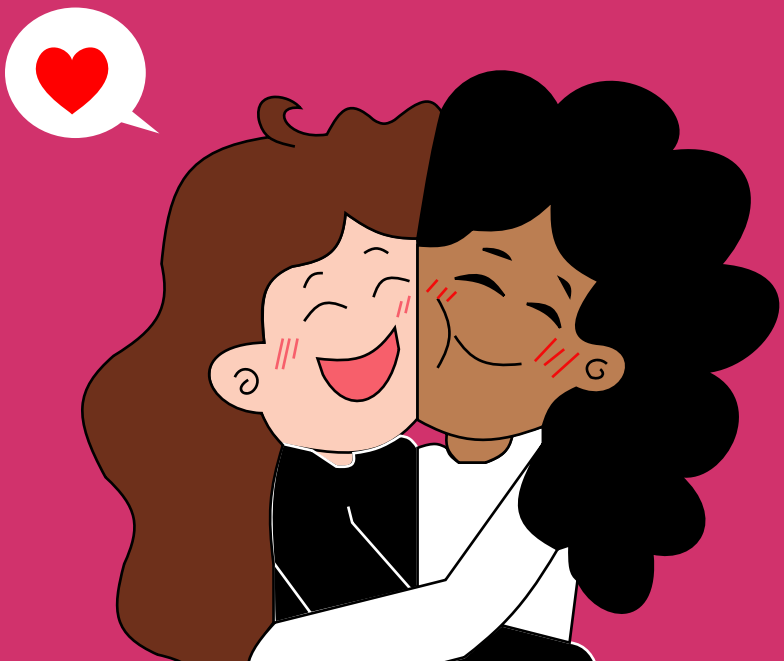
Execução:

Imprimir frases contendo toques bons (aperto de mão; abraço dos colegas e parentes quando você quer; toques de higiene na hora do banho feito por pessoas de confiança; toque do médico quando está cuidando de sua saúde) e toques ruins (empurrar; ser empurrado; bater; apanhar; forçar carinhos; ser forçado a receber carinhos; fazer brincadeiras que machucam; tocar nas partes íntimas de outras crianças ou adultos; deixar outras crianças ou adultos tocarem em suas partes íntimas).

Colocá-las em uma caixinha para fazer um sorteio, ao sair cada frase perguntar se "Este é um Toque BOM ou um Toque RUIM?", depois pedir para falarem outras situações que envolvam toques.



Na sequência, conversar sobre o toque bom, que não é forçado, não dói, todo mundo pode saber, traz alegria, da vontade de receber mais, pode ser feito na frente de todo mundo, não causa vergonha. Conversar também sobre o toque ruim, que gera tristeza, pode causar dor ou agonia, muitas vezes é feito em lugar escondido, quem faz pede para a criança não contar a ninguém, faz com que quem recebe sinta vergonha e medo de contar para alguém, provoca raiva ou vontade de chorar. Ao final, aprofundar conversa sobre privacidade, consentimento, intimidade e rede de segurança, para que saibam a quem relatar caso algum abuso esteja acontecendo com eles.



CRIANÇAS CONECTADAS

NAVEGUE COM SEGURANÇA



08

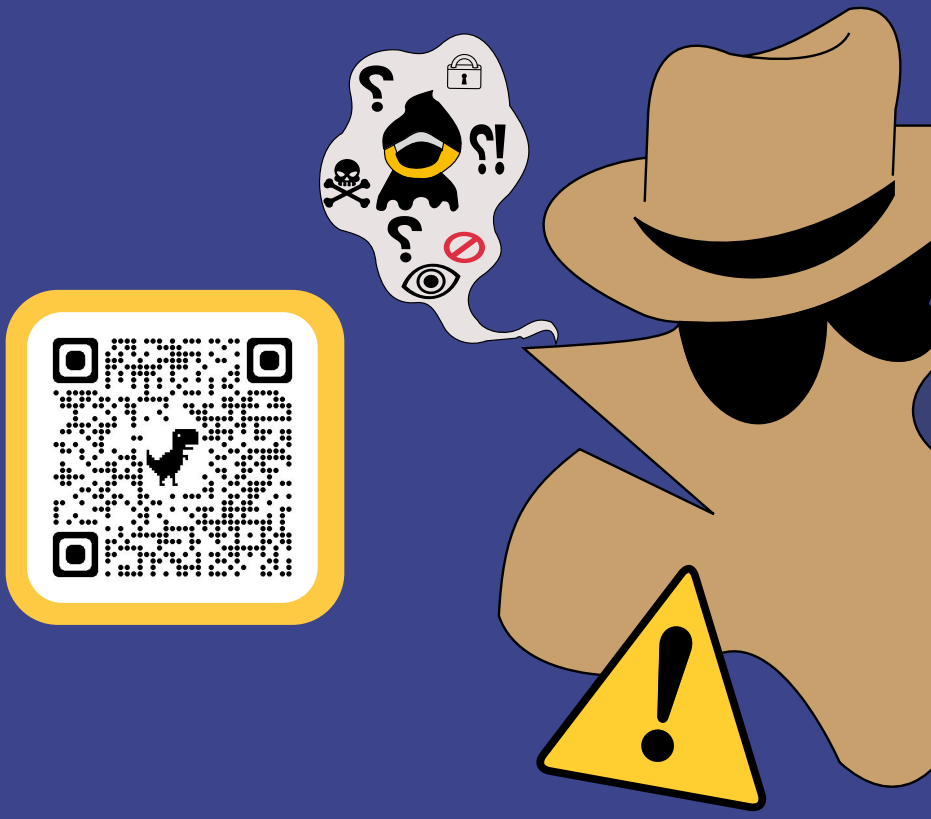
Tempo estimado: 50 min

Objetivo:

Conscientizar as crianças e adolescentes quanto ao uso do ambiente virtual de forma segura, para prevenção e combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

Leitura da cartilha **“Crianças conectadas, navegue com segurança”** produzida pela ChildFund Brasil - Maio Laranja, como campanha para conscientização e combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seguida da realização das atividades (colorir, caça palavras, cruzadinha, jogo ‘certo ou errado’) trazidas na cartilha, em duplas ou trios.

Dica Caso estejam se dispersando na leitura é possível já distribuir as atividades para irem fazendo enquanto termina a leitura em voz alta.



MATERNIDADE E PATERNIDADE

NA ADOLÊSCENCIA



09

Tempo estimado: 3 h

Objetivo:

Provocar reflexão sobre maternidade e paternidade na adolescência, a partir da elaboração de fotonovelas que mostram desafios que jovens enfrentam ao gerar uma criança.

Exibir Documentário **“Meninas gravidez na adolescência”** Completo Original disponível no YouTube, caso haja tempo e deseje aprofundar no tema 'paternidade na adolescência e juventude' pode-se exibir um desses dois curtos documentários: **“A relação com a PATERNIDADE !”** ,e **Com a voz, o jovem pai - YouTube.**



Na sequência, estimular que discutam sobre o que assistiram, levantando pontos como: a gravidez na adolescência nem sempre acontece de forma acidental, pode ser uma decisão consciente e desejada pelo casal; gerar um filho é uma decisão que envolve responsabilidade compartilhada entre o casal (não é apenas a vontade da mulher ou do homem que deve prevalecer); não é natural a ideia de que as mulheres são mais responsáveis pelo afeto e cuidado, enquanto os pais pelo plano financeiro, o cuidado é uma habilidade que se aprende ao longo da vida e não uma característica que faz parte da “natureza feminina”.



“A relação com a paternidade !”



Com a voz o jovem pai

Após a discussão a turma deve ser dividida em grupos para que criem histórias sobre maternidade e paternidade na adolescência, fazendo um esboço da história, criando as cenas e anotando os diálogos e disposição dos personagens, dividindo as histórias em partes, como em uma sequência de, no máximo, quinze quadrinhos.

Em seguida, irão reproduzir as cenas imaginadas em cada quadrinho tirando fotos, nas quais serão personagens, o cenário deve utilizar o que está disponível. Ao final as fotos serão impressas para que construam os balões com as falas/pensamentos dos/as personagens e as fotos sejam organizadas na sequência em um cartaz, junto com um título da história.

Dica É possível também fazer como uma montagem para as redes sociais, não sendo necessário assim a impressão, mas sim a adição de falas ou legendas.



RENASCIMENTO
DO PARTO



10

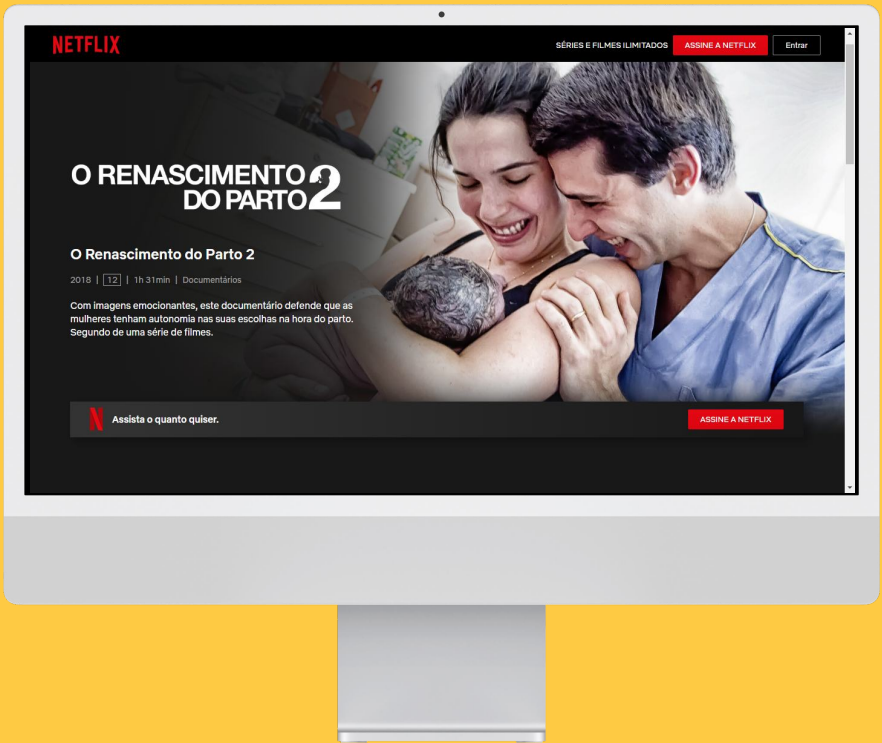
Tempo estimado: 2h

Objetivo:

Sensibilizar e informar sobre como ocorrem os partos aqui no Brasil, abordando dos processos fisiológicos às políticas públicas, focalizando em desmistificar e incentivar o parto natural humanizado como a melhor via de nascimento.

Execução:

Exibição do documentário **“Renascimento do Parto”**(ou seus pequenos fragmentos disponíveis no YouTube) seguida por roda de conversa. Trabalhando as questões sentimentais despertadas pelo que viram, assim como as percepções sobre sistemas de saúde e questões sociais que envolvem o nascimento, assim como processos fisiológicos do mesmo.



DINÂMICA DAS

LUVAS



11

Tempo estimado: 40 min

Objetivo:

Promover reflexões acerca da importância do uso de preservativos.

Execução:

Em roda dois estudantes colocam luvas cirúrgicas e outros não, um participante sem luvas mancha as mãos em tinta e cumprimenta, com aperto de mão, os que estão ao seu lado, que repetem o movimento com quem está em seu outro lado e assim subsequentemente, até todos terem apertado as mãos dos dois colegas ao lado. Por fim, quem estava de luvas as retira e analisamos quem se sujou e quem não e qual o motivo.

Dica

É possível que mesmo alguém que estava de luvas se suje um pouco ao retirá-la ou acima da luva. É importante conversar sobre a forma correta de colocar e tirar os preservativos, tendo, de preferência, alguns exemplares de diferentes modelos para que possam manusear e aprender a colocar com instrução dê educadorê, utilizando algum objeto de formato similar ou a própria mão imitando formatos fálicos e de buraco.



SOBRE A **AUTORA**

Maitê Puri é licenciada em Ciência Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora em Educação Afetivo-Sexual, mestra em Ensino de Ciências pelo Promestre (FaE/UFMG). Indígena da etnia Puri, originária das margens do rio Paraíba do Sul, na Zona da Mata mineira. Boêma Tibira (palavras em línguas originárias de Pindorama que poderíamos tentar traduzir, neste caso, como 'fêmea queer não binária', não encontrando real tradução em português) e mãe de Ponan.



O presente material é destinado a educadores que trabalham na educação formal e/ou informal, contém um conjunto de atividades que abordam as temáticas diversidade, empatia e educação afetivo-sexual, com o objetivo de proporcionar reflexões sobre identidade de gênero, autoconhecimento, respeito ao outro e a si, maternidade e paternidade.

UFMG
PROMESTRE
MESTRADO PROFISSIONAL
EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA
FaE
Faculdade de Educação
ESCOLA DE ARQUITETURA UFMG